

cordia de Deos; & pollo medo que mette das penas infernaes, & amor q̄ gera da bondade diuina. Etoca ao enfermo por prudẽte inquiriçã das culpas, & circumstancias. E bem diz que tocou, & não palpou, ou trattou cõ força: porque não deue o Confessor fazer mais que tocar as circumstancias precisamente necessarias, & não empregar-se em inquirir o mais interior, & tratar o que não serue mais que de algũa vez desedificar o penitente finalmente falla polla absoluição mandando com authoridade de Sacerdote que a lepra do peccado seja limpa.

11 E isto he o que o Euangelista aponta, que dixe o Senhor; si quero: sê limpo, ou limpo sejas, imperatiuamente, & com dizer, & fazer juntamente, mostrou que o milagre fora feito polla mesma virtude de quem o mandaua. Pollo qual diz S. Ioaõ Chrysofostomo: Se tacitamente o curara, quem podia saber per que virtude fora sam? Em outro lugar diz: Em nenhũa parte se ve que dixe esta palavra, por maiores milagres que fizesse; mas aqui a acrescentou, para q̄ confirmasse a opiniaõ do pouo, & do leproso acerca de seu poder. Mas que bella correspondencia de despacho. Se quizerdes (diz) podeis E Christo: si quero, façale. O que o leproso poz condicional, tornou o Senhor absoluto; & o que o leproso poz absoluto, tornou elle imperatiuo. E porque segundo Origenes respondeo a saude à fé, & a mundaçãõ à confissãõ, se segue em o texto. *E logo em continente, foi limpa sua lepra;* sendo mal taõ incurauel, que (como affirma S. Cyrillo Alexandino) he sobre a força da arte da medicina. Maior foi a velocidade com que se fez, que a que se pode dizer, conforme a S. Ioaõ Chrysofostomo. Mas que muito, se por taõ suaue, & despejado organ era a saude dispencada. Sobre o qual diz Saõ Ioaõ Damasceno: Não estava alli só Deos, mas tambem homem; & por

esse respeito obraua os diuinos sinaes por tocamento, & por palavra; porque as acçoens se perfeçoauam pollo corpo, como per organ.

12 Segue-se em o texto. *Dixitque; Tex: O ha que a ninguẽ digas nada, mas vai, & mostrate ao Sacerdote; & offerece tua offerta, que mandou Moyses em testemunho a elles.* Nisto se acautelou o Senhor da alegria da saude, & do agradecimento do sarado; Porque hũa, & outra cousa he de seu natural inclinada a romper em palavras. Mandou pois o Senhor que não desse conta do milagre, por nos ensinar a fugir de toda a occasiã de vã gloria, & acautelar do mais certo, & caseiro inimigo de toda a obra de virtude. Porque esta he a differença que tem este vicio de todos os mais, que os outros acompanham obras royns, & este he caseiro das boas. Donde lhe chamou S. Basilio, Doce roubadorã das espirituas riquezas, inimigo ledo de nossas almas, & traça das virtudes. Em todos os milagres conuinha a Christo ostentar poder: razãõ, que deu Abulense para que resuscitasse à porta da cidade o defunto, auendoos Eliseo, & Elias resuscitado em secreto; porem neste quiz, segundo Tertulliano, informar de humildade, por deixar melhor fundado seu credito. Que taõ bem o propiciatorio donde saham todos os bens, ganhaua respeito por mui cuberto: ensinandose nos nisto, conforme Oleastro, a cobrir as obras ainda mais diuinas, dos olhos dos homens. E ainda que bem sabia que o curado não se auia de calar, pois logo o foi publicar, como consta de S. Marcos: toda via diz Euthimio que o Senhor fez quanto em si era, para nosso ensino em semelhantes occasiões; & para protesto de sua modestia nesta presente.

13 E tambem lhe mandou que não dixe nada, por que na verdade, como diz S. Ieronimo, & outros, q̄ necessidade tinha de inculcar com palavras

Chrysof.
hom. 21. 1. m.
perf. ub. sup.

Id. hom. 26.
in Matth.

Orig. hom. 5
Vauar.
Tex.

Cytil. lib. 2.
de Ador.

Chrysofost.
hom. 26. ub.
sup.

Damasc. de
fid. orth. c. 25.

Basil. in con
stit. c. 1.

Abul. in
Matth. c. 9.

Tert. 4. con
tra. c. 9.

Amb. Luc.
Exod. 25. n.
20.

Oleast. ibid.
in mor.

Mar. 1. n. 45.
Euthi. hic.

Ieron. Dru-
thmatas hic
& Vist. An-
ioch. in
Marc. 1.

lauras o que o mesmo corpo testemu-
nhava? Como se dixerá segundo Vi-
ctor Antiocheno: Não te canfes em o
dizer a alguém, porque o milagre por
si se diuulgará. E certo que superflua
coufa he onde as obras falam, gastar
palavras em declarallo. Ao homem
diz Theodoreto, que deixou Deos de
o gabar como fez as outras creaturas
todas, porque elle se deixava bem ver
o q̄ era. E do rio Euphrates diz Abu-
lense, que Moyses nam dixeu palavra,
porque elle per si era entre aquella na-
ção bem conhecido. E ainda de Chri-
sto diz Carthagená que se nam quei-
xou mais que da sede porque o que os
mais membros padeciam bem deixava
verse. Porem mandou o leproso ao
Sacerdote, porque a sua conta delles
estava o declarar, & julgar que elle era
limpo da lepra, & lhe leuantassem o
desterro do poubado, & a irregulari-
de da doença; penhorandoos à absol-
uição com a offerta, que segundo a
lei estava determinada aos que fara-
uam da lepra; que era dous pardaes,
ou passaros viuos; dos quaes hū se sa-
crificava, & outro tinto no sangue do
cōpanheiro morto se largava viuo. E
isto se fazia cō ramo de Cedro, & hyss-
opo juntos cō hum fio de grãa. Pello
passaro morto entende S. Antonio o
corpo mortificado, & pello viuo o es-
pirito liure, junto das aguas da peni-
tencia: pollo Cedro a pobreza, pollo
hyssopo a humildade, & pollo fio ver-
melho a charidade. E mādou ao lepro-
so offerecer o q̄ a lei ordenava, para
que nem os Sacerdotes se queixassem
de Christo que lhes tirava as offertas,
nem o leproso ficasse arriscado ao te-
rem ainda por immundo; todas as ve-
zes que quizessem acháquarho.
Donde o Imperfeito diz: Mandou o
offerecer a offerta; porque se depois o
quizessem euitar, lhes pudesse dizer:
E vds leuastesme a offerta como a
saõ, pois como me euitais agora como
a leproso?

14 E nisto se ve claramente a obri-

gação, que temos de respeitar aos Sa-
cerdotes, não só em seu officio, & grao
deuido, o qual seria maldade grande
perturbar: mas ainda em as obras de
supererogação & de nam mais obri-
gação que de cortezia, qual esta era.
Oh depravados tēpos os nossos, em q̄
o respeito dos Sacerdotes quasi parece
perdido, & a reuerência esquecida. Por
certo que Concilio ouue na Igreja,
em que se mandava que se algum lei-
go encontrasse a hum Sacerdote se lhe
humilhasse até o vltimo grao de cor-
tezia. E que se ambos a cavallo se en-
contrassem, o leigo se descobrisse pri-
meiro com muita cortezia: mas se o
leigo fosse a cavallo, & o Sacerdote a
pè, o leigo em chegādo a elle se apeas-
se, & o reuerenciasse como conuinha.
Mas ja com a deuocão se perdeu a cor-
tezia, que de nosso Mestre, & Senhor
Jesus Christo ouueramos de aprēder.
E com muita razam diz o Senbor ao
leproso: Vai, & mostre ao Sacerdo-
te; porque moralmente falando, nam
basta que o Senhor alimpe o peccado
per contrição; mas he necessario, se o
preceito, & a obrigação occorre, ma-
nifestarse por confissão aos Sacerdo-
tes. Enisto apontou quatro condições
da verdadeira confissão, segundo Lan-
dulpho. A primeira, que seja volunta-
ria, pollo qual diz: Vai, & mostre ao
Sacerdote. Donde parece que o que
se confessa, não ha de ser forçado, nem
obrigado: como faz o que se confessa
por medo da morte, ou da pena da E-
greja. A segunda, que a confissão deue
ser clara, & descuberta; & por isso diz:
Mostre ao Sacerdote, & declarelhe
quanto fizeste, cuidaste, & falaste. A
terceira, que ha de ser pura; & por isso
diz: Mostre ao Sacerdote; Isto he, a
ti mesmo, & nam aos outros, reuelan-
do complices, ou contando peccados
de outras pessoas. A quarta, he que ha
de ser ordinaria; pollo qual diz: Mos-
trate ao Sacerdote. Porque o Christão
nam se deue confessar com qualquer
pessoa, mas só com os Sacerdotes, que

com

Theod. q. 9.
20.
Gen. 1.

Abul q. 187.
in Gen. 13.
10an. 9. n. 28

Carthag. 10.
lib. 10. ho-
mil. 7.
Leuit. 13.

Leuit. 14. n. 2

Pad. sup.

Imperf. ho. 21
in Matth.

Concil. Ma-
rischenen.

Land. 2. p. c.
41. 9. 3.

com a chave da authoridade o podem alimpar. E bem se mostra, segundo S. Cyrillo, no sangue do passaro sacrificado, que a absoluiçam sacramental he em virtude do sangue de Christo.

15 E diz o Senhor ao leproso que isto faça para testemunho a elles. Não porque Moyses mandasse a tal offerta para testemunho d'elles; mas porque auendo elles por força examinado se estava limpo, & o modo com que cobrara saude, poderiaõ facilmente vir em conhecimento da marauilha, & da Fé de seu obrador. Se bem o litteral parece que o testemunho era antes em ordem ao mesmo leproso. Onde parece claro que os primeiros, a quem o Senhor quiz instruir com seus milagres, foraõ os Sacerdotes, pois sendo este dos primeiros que fez publicamente, foi em ordem a elles. E nam he de espantar, porque sempre para os Sacerdotes fez o Senhor madrugado os milagres; como se vio na jornada dos Magos, em declinarem a Ierusalem escondendo-se a estrella; para que consultados do lugar do nascimento do Messias nam tiue sem escusa a deixallo de receber em apparecendo. Porém bem aduertio S. Ioaõ Chrysostomo que nam dixeram o Senhor: Para emmenda d'elles, senam para testemunho, pois não a tal marauilha se dobraram; nem com outras muitas se emmendaram. E concluindo moralmente, neste leproso se pode entender o peccador excommungado, & separado per excommunham maior da communicação dos fieis. O qual entãõ pede saude, quando reconhecendo o poder da Igreja implora sua benignidade. E entãõ o Senhor estende sua mão, quando o ajuda, ou a Igreja lhe applica os merecimentos de Christo: & entãõ o toca quando entende em sua satisfação. E lhe diz que seja limpo, quando só no foro interior o absolue: mas vltimamente o remette ao juizo dos Sacerdotes, para que no foro exterior seja admittido, sem o qual não

quer a Igreja que seja hauido por curado, & limpo.

E I Ç A M III.

Da petição do Centurio, & primeira resposta de Christo

1 **D**Epoiso milagre do alimpamento do leproso; passa o Euangelista a contar o da saude do seruo do Centurio, pondo em terceiro lugar a petição do mesmo Centurio, pollo qual se segue em o texto. *E como Tex. fuisse para entrar em Capharnaum, chegou se a elle hum Centurio rogando, & diz: Senhor, o meu moço está em casa tolhido, & achase muy mal.* Centurio he o mesmo que Capitão de Infantaria, da qual húa companhia, ou bandeira consta ordinariamente de cem homês. E este era Gentio, posto naquella cidade de Capharnaum (que naquelle tempo era cabeça de toda aquella Comarca) de presidio pollos Romanos: & para cobrar os tributos, & outros ministerios de estado. Este por ventura mouido do milagre do leproso, que Christo curou nos arrabaldes daquella cidade, pretendia que o Senhor lhe dêsse saude a hum criado seu a que muito estimava, como declara S. Lucas. E ha-se de saber com S. Agostinho, que este milagre foi o mesmo, que S. Lucas por outros termos conta. Porque S. Mattheos abreuindo dá relação do caso, pondo o todo na pessoa do Centurio, & fazêdo immediato interlocutor com Christo: & S. Lucas alargandose mais introduz a messageiros, que eraõ homês graues dos Iudeos: & depois a outros amigos seus mesmos, & familiares, que he de creer que fossen outros officiaes de milicia tambem Gentios; & cantase este Euangelho duas vezes na Igreja; húa nesta Dominga terceira depois da Epiphania; outra na primeira quinta feira da Quaresma.

17 Como pois o Senhor fosse para entrar em Capharnaum veyose a elle o Centurio; nam em propria pessoa, mas dos mais graues, & authorizados

Cyri. lib. 2.
de adorat.

PP. apud
Barrab. hic
to. 2. lib. 7.
ca.

Chrysost. in
Cat. n.

Luc. 7. v. 1.
Aug. in Cat.
Luc. ibid.

zados dos Iudeos, que o Capitão como Gentio tomava por intercessores para que o Senhor viesse em fazer aquelle milagre. E aqui se deixa tẽ ver a grandeza da bondade divina, que não se contenta ja mais com hum beneficio, senão que sempre està aparelhada a fazellos em toda a parte. Deceo do monte, & ao pé delle, & no valle, ou razo cura enfermos; vai mais por diante, a limpa leprosos; pouco mais dahi se deixa rogar pollo criado do Capitão. Etudo isto são prologos, & proemios do muito que dentro na cidade de Capharnaum ha de representar sua misericordia. Mas inda que isto bem affiseja, todavia tendo obrigação de humildade, & modestia de cuidar que nada merecemos; deue-mos buscar por intercessores os Sacerdotes, & pessoas Ecclesiasticas, & gente religiosa, para que por seu meyo seja Deos seruido de prestarnos o pedido beneficio. E isto he o que S. Lucas conta que o Centurio mandou a Christo os mais graues, & authorizados dos Iudeos. Parecendolhe como a prudẽte, & como a humilde que o que elle por Gentio, & por soldado não merecia; não o negaria o Senhor à intercessão dos q̃ mais deuiã poder.

18 E dizia o Centurio no recado que deu: Senhor o meu moço jaz em casa tolhido, & achase mui mal. Este recado foi o que o Capitão deu para Christo conforme ao texto de Sam Matheos; ainda que conforme ao de S. Lucas pedio por elles ao Senhor que fosse, não se abtindo com os Iudeos; mas em seu coração não foi mais que (cõforme ao texto de S. Matheos) Senhor o meu moço està em casa doente de parlesia, & achase mui mal; mas os messageiros, segundo o texto de S. Lucas diziam, que viesse, & farsse o seu seruo: & apertavaõ com elle sollicitamente allegandolhe, que era mui bem que elle lhe fizesse aquelle beneficio: porque quer muito (diziam) à nossa gente, & nos edificou hũa Syna-

goga: linguagem propria da arrogancia mundana, em que nam falou a Fé de deuocão do Centurio. Porque este só manifestava a necessidade, & não apontava o modo do remedio: nem dizia que viesse o Senhor em pessoa; antes se julgava por indigno de sua presença, & a sua casa incapaz da sua Majestade. E não trazia logo, ou mandava o enfermo a seus diuinos pès por duas razões. A primeira, porque a força da doença lho impedia, pois estava mui mal, & para acabar; & fora mais tentar a Deos o bullit entãõ com elle, que a doença deste moço era de parlesia, enfermidade perigosa. A segunda, porque a Fé o escusava deffestralhos, pois cria firmemente que cõ so sua palavra o podia sarar ausente, & não necessitava de presença de pessoa o poder do immenso. E no que diz o meu moço, he termo de falar, & com que se significa que era criado, como mais expressamente o declarou S. Lucas. Porque assi no Grego, como no Latim, & ainda no vulgar, moço se chama o criado, & he modo de falar mui ordinario.

19 Pois segundo Rabano, tres si- Rab. his.
naes dava o Centurio de dor, que tinha da grande infirmitade, & perigo de seu moço; para que com cada hũa dellas, & com todas juntas manifestasse ao Senhor o que padecia, & o que desejava. A saber, que jazia em cama, que estava tolhido, & que estava mui mal para morrer. E não só exaggerava o perigo como quem queria com encarecimento mouer mais as entranhas do Senhor; mas porque o amor que lhe tinha bastara para lho fazer parecer assi, quando o mal não fora tam grande. Donde o Imperfeito diz, Imperf. hom.
12. in Mat.
que nisto parece quanto o Centurio amava ao criado porque o que se ama, ainda que o mal não seja tamanho, sempre cuida que tem maior mal do que verdadeiramente padece. Tudo teme quem muito ama; & sempre os males a quem teme parecem maiores

Gen. 7. n. 33.

no amado. Enfanguentada se offerre-
ceo ao velho Iacob a tunica de Io-
seph seu filho : & elle logo : Tu-
nica he de meu filho esta : alguma
malissima fera o comeo, algum bicho
o tragou. Por isso sospeitou que a fe-
ra o despedaçara, não sendo mais que
hũa tunica enfanguentada, que com
hũa só dentada se podia alagar de fan-
gue, porque amava muito a Ioseph, &
sempre o mal avia de parecer peor,
& hũa só dentada grandes espedaçá-
mentos.

20 Nem he menos digna de lou-
var a bondade deste Capitão, que com
tanta diligencia tratava da saude do
criado, como podera da vida de hum
só filho. Sobre o qual diz Landulpho:
Não era este como muitos que ha
gora, que quando vêm enfermar aos
que o seruem, logo os desprezam. E
muito mais curam de si mesmos, ainda
que estejam enfermos. E o Imperfeito
torna a dizer que era tal a bondade do
Centurio, que polla saude do criado
assi se apressava sollicito, como se ou-
vera de padecer em elle perda da sau-
de, & nam do dinheiro : & era porque
nenhũa differença fazia entre seruo,
& senhor, porque ainda que entre el-
les a dignidade neste mundo he diffe-
rente : com tudo hũa só dentre am-
bos he a natureza. E porque o Centu-
rio tinha tanta bondade, que tratava
ao criado como filho, por isso o Se-
nhor lhe desirio com mais vontade à
cura do seu criado, que ao Regulo à
do seu filho. Porque (conforme Sam
Gregorio diz). Quiz o Senhor repre-
nder nossa soberba, que nos homens
nam respeitamos a natureza, que foi
criada à imagem, & semelhança de
Deos; mas somente veneramos a hon-
ra, & a riqueza. Atéqui he de S Gre-
gorio. Que obrigação fica logo aos
Prelados de tratar de seus subditos
enfermos, & não serem de peor con-
diçam para elles, q os amos para seus
criados? Do criado diz o Espirito San-
to: Se tens seruo amao como a tua al-

ma, & tratao como a irmão. Como à
filho, dixe Tertulliano considerando
elegantemente, que os amos se cha-
mauam paes de familias. E que muito
se Naaman chamava pae ao seu cria-
do? E muito deue enuergonhar aos
senhores Christãos o que do trata-
mento dos criados esereue Seneca
louvando o Gento ao Gento Lucil-
lo. Toda via (dixe Christo) quero
ir por premiar sua Fé, & por fazer
melhor conhecer sua deuocão. E acre-
centa S. Lucas, que o Senhor se hia
com elles, como aquelle que não po-
de deixar de desirir aos rogos de pes-
soas tão graues, como eram aquellas
que lhe rogauam fosse a fazer aquel-
le milagre. Em o que somos ensina-
dos a bulcar a intercessão dos Santos
em nossas pretensões, segundo aquillo
de S. Bernardo: Se o Santo foi podero-
so na terra, quanto mais no Ceo à vi-
sta de seu Deos?

21 Engrandecemos pois muito a
Fé deste Gento que depois ha de lou-
nar o proprio Saluador; & conheça-
mos nella o muito que pode cõ Deos,
principalmente quando he junta cõ
humildade, & discrição, que saõ os do-
u spês com que ella caminha, & faz
chegar a Deos àquelle que ere. A hu-
mildade se vio nos intercessores que
buscou, desconfiado do merecimento de
sua propria pessoa, como elle mesmo
o confessa na segunda message no tex-
to de S. Lucas dizendo: Senhor, por
amor de mi mesmo não me julguei
digno de vir a vós. E assi chegou mais
depressa a Christo, reputandose por
indigno de vir a elle, que os Iudeos
que tomaraõ à sua conta leuarlhe
Christo a casa. Mas não puderam el-
les leuallo mais depressa por sua au-
thoridade, que elle não chegasse mais
azinha por sua humildade. A discri-
ção tambem he manifesta, porque pe-
dindo indigno, & rogando ausente,
nem como o Regulo o importunou
que fosse, nem como o leproso lhe
pedio que o sarasse: mas deixou não
só

Seneca. epist.
ad Lucil.Bern. in quod
serm.Land. ubi
sup. c. 42.
Chrysof.
ubi sup.Imperf. ubi
sup.Greg. ser. 28.
Euang.
Ioan. 4. n.
47.

220.

só o modo, mas tambem a substancia à disposição do Senhor como discreto. Acerca do qual diz o sobredito Author do Imperfeito. Olhai a Fé do Centurio, que nam dixé vinde, & fazei; porque elle posto em qualquer lugar estaua presente. E a Sabiduria, porque não dixé: Posto ahi, o farei; porque sabia que he poderoso para fazer, sabio para entender, misericordioso para ouuir. Por isso só declarou a infirmitade; mas o remedio da saude deixou no poder de sua misericordia.

Imperf. ubi sup.

22 Moralmente procedendo, no moço do Centurio, se sinala o peccador, que jaz por descaimento da graça, por peccado mortal: & he paralytico, & tolhido por habito ruim, & costume do peccado: doente do ar ma da serpente, que com a tentação corrompe a alma, & opprime os sentidos. E está mui no cabo, pollo perigo da condemnação eterna, que o espera. Por este roga a Igreja militante, figurada no Centurio, que quer dizer Capitão de cento; porque (como S. Remigio diz) o numero de cento he perfeito, & significatiuo da vniuersidade, & geral commuidade dos fieis. E assi como a Igreja se ajuntou dos Gétios, assi he entendida por este Capitão, & cabeça dos Gentios. E esta por sua humildade toma por intercessores aos merecimentos de todos os Santos, que offerece ao Senhor; assi os da lei antiga, figurada pollos principaes dos Iudeos; como os da ley da graça entendidos nos outros amigos que mais perto de casa sairão ao encontro de Christo. E bem se diz que he moço o peccador por falta de juizo, & prudencia, a qual se tiuera nunca chegara a tão miseravel estado. E finalmente se poe sua cura depois da fama do milagre do leproso; porque ao exemplo da cõuersão de huns peccadores, & da misericordia que Deos com elles vsa, se anima outros a procuralla, & alcançalla.

Remig. in Cas.

23 Tambem se pòde dizer, que pollo Centurio, ou Capitão de Companhia de cento, se entende o Prelado da Religião que he Capitaõ, & cabeça de numero perfeito, & de gète que tem obrigação de ser perfeita. E com muita conueniencia se chama Capitão o Prelado; pois a Religião he a esposa comparada a hum arrayal de esquadões bem ordenados. Na saude do seruo, que S. Lucas diz que pretendia tanto, porque lhe era mui precioso & estimado: se denota a particular diligencia, que o Prelado deue fazer por favorecer, & conseruar principalmente os bons foyeitos, & que para o seruiço dessa mesma Religião são de mais preço, & importancia. Porque pollo saude, & vida destes se ha de desuelar muito o Prelado. Que se diz o Espirito Santo: Se o seruo te he fiel, estima-o, como a tua alma, & como a irmão o trata. E ao seruo se deue querer como a tua alma; quanto mais ao irmão, que he ametade da alma, & he necessario como seruo? Por este tal pois se ha de por todo o cabedal, & diligencia.

Gen. 6. n. 9.

Luc. sup.

Ecl. 7. n. 21.

LITAM IV.

Da replica que o Centurio fez à determinação do Senhor.

24 **S** Vpposta a petição do Centurio, & primeira resposta de Christo, entra em quarto lugar a replica que o Centurio fez à determinação do Senhor, dizendo em o texto, *Text.* E respondeo o Centurio: *Senhor eu nam sou digno que vós entreis debaixo do meu telhado; mas somente dixei por palavra, & será (são) a meu moço.* Isto não se ha de entender, conforme a S. Agostinho, que o mesmo Capitão o dixé se pessoalmente a Christo; mas por meio dos messageiros. que seguda vez lhe mandou. O que S. Lucas mais por extenso conta desta maneira. Como ja o Senhor em companhia daquelles Iudeos grandes, que o auiaõ rogado, nam estiuesse mui longe da casa, mandoulhe o Centurio amigos, que lhe dixé-

August ubi sup. lib. 2. de cõs. Euãg. c. 20.

Luc. ubi se.

dixessem: Senhor não vos molesteis, porque eu não sou digno que entreis debaixo de meu telhado. Por amor do qual a mi mesmo não julguei digno de ir a vós. Mas dissei por palavra, & será saõ meu moço. De sorte q̄ aos Iudeos graues mandou o Centurio ao entrar Christo na cidade de Capharnaum, & a estoutros amigos, quando ja o Senhor vinha perto de sua casa. Porque como o Centurio persistisse na profundez de sua humildade, & o auizassem que o Senhor vinha toda via a sua casa; fez tornar com o mesmo comprimento aos amigos, & continuos, que com elle estauam. Os quaes se deuem entender serem tambem Gē-tios, officiaes da milicia, & praças daquelle presidio. Sem embargo do qual se pòde dizer bem, conforme ao texto, que o Centurio vendo que nem com o segundo comprimento, o Senhor deixaua de querer ir a casa; saindo della, & lançado a seus pès pessoalmente lhe tornou a repetir as palavras: Senhor, eu nam sou digno; & as mais que depois se seguiram, de que abaixo se fará mençãõ.

25 Mas que palauras tão diuinas aquellas: Senhor, eu nam sou digno que vós entreis nesta minha morada, mas dissei vossa palavra, & será saõ meu moço. Palauras tão soberanas, que dellas aprendeo a mesma Igreja, & dellas se aproueitou para ornar a alma no acto mais puro da Fé, que he o recebimento deste Senhor no diuinissimo Sacramento do Altar. A Fé as inuentou entãõ: & a Fé as pronuncia agora para receber ao mesmo Christo, que entãõ não chegou mais que por Fé de sua presença, & agora chega por propria presença vista só por Fé. Não chegou a entrar entãõ, porque guardaua esse ultimo beneficio para quando Sacramento. O mesmo Christo se esperaua entãõ, quando estas diuinãs palauras se inuentãõ; que agora quando ellas se repetem. O mesmo corpo, a

mesma alma, o mesmo sangue, a mesma diuidade: mas entãõ passiuvel, & mortal; & agora impassiuvel, & glorioso: em presença propria entãõ, & circunscriptiua; em só sacramental agora. Qual Christão agora não treme de cuidar que lhe vem a casa este Senhor? & não manda hũa vez, & outra suas potencias todas, as exteriores primeiro, & depois as interiores, a escusarse com elle, & a manifestarlhe a insufficiencia, & indignidade de sua alma?

26 Vaso de ouro purissimo, diz S. Paulo, que era o em que se mandou recolher o manã; do qual vaso dixe Moyses a Aaron: Toma hum vaso, & poem nelle o Manã. Hum vaso dixe, quasi vnico, & excellentemente singular, segundo S. Bernardino de Sena. Para que conforme ao mesmo S. Bernardino, se entenda mysticamēte, que o que ha de receber este Manã celestial deue ser, como o ouro limpo, & resplandecente. No mesmo sentido mystico toma S. Bernardino o que o

Exod. 16. n. 31.

Bernardi. de Evangelio. ter. ser. 56. n. 2. c. 2.

Pf. 18. n. 52

Luc. 19. n. 6.

Aug. de con-secr. d. 11. c. 1. quotidie.

o ou-

o outro, sendo que hum delles recebeu ao Senhor com muito gosto em sua casa, & o outro dixe: Senhor, eu não sou digno que vós entreis debaixo de meu telhado. honrando ambos ao Salvador, ainda que não de hum modo. Ambos miseraueis por peccados, ambos alcançaram misericordia. Atéqui S. Agostinho.

Chion. Min.
2 p. lib. 2. c. 1.

27 E he mui a proposito o que acerca desta humildade se conta da de S. Boaventura, que como muitos dias se abstiue de receber o corpo do Senhor por pura humildade, & parecer-se indigno de ter morada de tal grandeza; receando agazalhar antes juizo, & condemnação que o Apostolo ameaça aos que indignamente o receberem: estando hum dia ouuindo missa lhe mandou o Senhor por mão de hum Anjo hũa particula da hostia consagrada; a qual metteo na boca ao Santo, & o commungou. Deixando com este fauor aduertido, que nem por demasiada reuerencia se deue deixar de agazalhar este Senhor com deução, como fez Zacheo, ainda que peccador, & miseravel. Ditosa alma, que mereceo ser approvada do celestial testemunho por vaso de ouro limpo, & resplandecente. E ditosa boca, que mereceo ser pollo Seraphim purificada com a brasa viua do amor tomada do Altar para dalli por diante poder com seraphica confiança tratar de seu Deos. Na casa grande (diz S. Paulo) não só ha vasos de ouro, & de prata, mas tambem de pao, & de barro, & huns delles são para honra, outros para contumelia. Pois se alguem se sober alimpar destas immundicias, será vaso santificado para hõra, proueitoso ao Senhor, & aparelhado para toda a obra boa. Vasos de contumelia são os que querem servir de receber a este Senhor, & tratallo sem pureza da alma; huns de pao duro por costume, & habito de peccar; outros de barro fragil por frequencia, & facilidade de quebrar. Como pois se não ha de re-

1 Cor. 11. n.
22.

1. Timoth. 2.
n. 20.

cear chegar Christo com sua presença aonde como Sol diuino mostrará faltas, & grossos argueiros no ar mais limpo, & puro de hũa casa?

28 Bem duidou S. Agostinho, *Num. 19. n. 8* como mandava a lei, que o que leuasse as cinzas da vacca sacrificada, ficasse immundo: se antes disso ordena que as cinzas não as leuaria se não hum homem mundo, & santificado. Pois se esse tractou esse sacrificio limpo, & puro, como depois de o tratar o reputam por immundo? Responde o São: Porque até aquelles, que a si se parecem mui limpos em a Fé Christã, *Aug. 9. 33.* conhecem que todos são peccadores, & tem necessidade da gloria de Deos; *Rom. 3. n. 23.* justificados por seu sangue. Argumento temos logo que ao tratar do sacrificio o que dantes prouandose, como o Apostolo manda, se achava mundo, *1. Corinth. ubi sup.* & puro: à vista da obrigação da pureza, com que deue receber, & tratar a este Senhor se achará immundo, & necessitado de grandes perdões com Deos. E dirá a vozes de humilde Confissão: Senhor eu não sou digno que vós entreis debaixo de meu telhado. E dixe debaixo de meu telhado; & não de minha casa, ou em meu aposento; porque por sua humildade não reputava mais que por hum pobre tugurio, & telhado vil a casa por mais nobre que deuesse ser, auendo de receber a Christo presencialmente. E quasi argumentando com o Senhor o Centurio dizia. Por amor do qual não me tive a mi mesmo por digno de ir a vós Como querendo concluir. Se eu, Senhor, me julguei a mi mesmo indigno de ir a vossa presença, que era acção de seruo, & subdito ir a seu Senhor: quanto mais consentir que vós Senhor supremo venhais a casa do seruo, & baixo? Porem por isto mesmo diz S. Ioaõ Chrysostomo. Porque *Chrysof. sup. per acth. in Cat.* o Centurio se fez indigno de receber a Christo em sua casa, foi feito digno de ser recebido no reino celestial, *Aug. de verb. bis Domini ser. 6.* E santo Agostinho diz, que chamando

dose indigno se fez digno: porque não auemos de olhar dentro de quaes paredes, mas em cujo coração Iesus Christo entra.

29 E seguiu o Centurio sua replica dizendo. Porque até eu, que sou homem constituido debaixo do poder de outrem, & tenho debaixo de meu mandado soldados; & digo a este que vá, & vai; & a aquelle que venha, & vem; & ao meu seruo faze isto, & elle o faz. E de nenhum modo se ha de de ler que o Centurio dicesse, que tambem elle era homem constituido em dignidade, ou poder, & por isso mandaua o que queria, como lem muitos hereges; senão homem posto debaixo do poder de outrem. Porque este argumento que o Centurio faz para persuadir a Christo, não he por lugar de comparação, ou semelhante; mas por lugar de menor para maior, como chamão os Reticos, & Dialecticos. Como se argumetasse assi, & persuadissemos dizendo. Segundo S. Agostinho: Se eu tendo homem que tenho superior, & reconheço vassallagem a outrem, todavia posso mandar, & me obedecẽ os que estão debaixo de meu poder, & ausente mando a aquelle que vá, & vai, & a estoutro que venha, & vem; quanto mais vós, que sois Senhor supremo, & não reconheceis a maior algum, podeis estando ausente mandar à infirmitade que se vá, & irseha; & à saude que venha, & logo virá? Ou segundo S. Ieronimo, & a Glossa por aquelles, a quem no tal argumento o Senhor pode mandar, se entende os Anjos por ministerio dos quaes como seu soberano Senhor pôde mandar à infirmitade que se vá, & à saude que venha. E a força deste argumento parece em isto que muito mais infallivelmente se deve de cumprir a palavra, & mandado do Senhor soberano, & supremo; que o do fogueito, & inferior, como consta de toda a materia politica. Pois se a palavra, & mandado de hum capitão de hũa companhia se

cumpre pontualmente, quanto mais a de hum general? E subindo por todos os graos até o supremo; quanto mais a palavra diuina, que he a do Senhor soberano?

30 A este intento parece que engrandece o Psalmista a potencia de Deos, quando diz, que em sua mão estaõ todos os fieis da terra. Porque para sua grandeza todo poderosa tão facil he mandar ao longe, como ao perto; porque sua mão diuina chega onde quer que chega sua vontade eterna. E por isso os fins mais remotos da terra lhe não podem escapar da mão, porque lhe não podem fugir da vontade. E como o Centurio aualiaua por diuina a potencia do Redemptor, não foi muito que desistindo a sua diuindade, quizesse aproveitarse della para a saude do moço, para quem a procuraua: & por isso dizia, que mandallo só por palavra bastaua. E não andaua nisto pouco discreto o bom Capitão, porque considerando em Christo duas naturezas, quiz tomar a agua da saude na fonte do poder, & aproveitarse da diuina, que em todo lugar estaua; poupando a humana, que per si auia mister lugar onde estiuessse, & em que obrasse. E assi em dizer ao Senhor que escusasse de se cãçar, pretendeo forrar o trabalho, q̃ só podia cõpetir a Christo em quanto homem. E em dizer que bastaua mandallo de palavra, implorou a potencia que lhe competia em quanto Deos. E conforme a isto parece que o poderoso, ainda em quanto ausente, pode mandar de dous modos: por escrito, & por palavra. Por escrito fala Deos desde o Ceo aos homẽs pollas escrituras sagradas, & lição espiritual de liuros santos, & honestos: & por palavra manda pollas vozes dos Prẽgadores. Mas para curar infirmitades perigosas, quaes se figurão na deste moço; escolhe tu antes com o Centurio, que o Senhor mande por palavra, porque são estas mais efficaes para o peccador;

Pf. 94. n. 2

Aug. ubi sup.

Hier. hic & Gloss. hic.

do; se bem para o contemplativo a
lição, & escriptura muito aproueita.

31 E no que o Centurio allega, que
elle he constituido debaixo do poder,
parece confessar quão grande carga se-
ja a da honra em qualquer dignidade:
pois ha mister quem a leue ensima de
si. E segundo o que se diz no liuro de
Iob; Todos se curuam os que leuam o
mundo com o peso da carga. E em a-
pontar que elle he constituido debai-
xo do poder de ouerem (para fazer a
seu caso dixerá arrogante, que este
era homem constituido em dignida-
de; mas este humilde allega que he
constituido em sojeição doutrem) &
mais que nem por isso deixaõ de lhe
obedecer seus inferiores: se figura bẽ
qual deua ser a bõa ordem das poten-
cias interiores, & exteriores. Porque
na Sulamitis (que he, na criatura ra-
cional) que vemos, se não concerto de
arçayal do qual tem a capitania a ra-
zaõ, que pollo mesmo caso que está so-
geita a Deos seu soberano Senhor, tẽ
fogeitas todas as potencias interio-
res, & exteriores. E conforme a Cal-
siano, se enfehorea de todas as for-
ças menores, & tem poder de lançar
todos os pensamentos, que a podem
perturbar, & de occuparse largo tem-
po em bõs, & saudaveis propósitos, &
desejos. E entã podemos dizer aos
que são maos, que se vão, & logo se
irão, & aos bons que venhão, & logo
virão. E a nosso seruo, que he o corpo
(que deue sempre servir ao espirito)
que se refree de suas desordẽs, & logo
se refreará. Noutro sentido se pôde
dizer que pollo Centurio, ou Capitão
he entendido o Prelado da Religião,
como a alma fica ditto, o qual de tal
modo he Prelado, que sempre fica so-
geito a outrem, por mais supremo
que seja nella; porque sempre reco-
nhece ao Pontifice Romano. Este de-
baxo de se mandando tem soldados, isto
he, perfectos obedientes subditos, que
à sua palavra obedecem, indo, & vin-
do sempre, & governando por seu pre-

ceito suas acções. E como N. Padre S. Beat. Franc. in Testam.
Francisco de si mesmo dizia: Assi que
ro estar cattivo da mão do Prelado,
que não possa ir, nem fazer contra sua
vontade, porque elle he meu Senhor.
E assi como o Centurio fazia menção
de dous generos de obedientes solda-
dos, & criados assi na Religião ha ou-
tros dous. Soldados são os que se oc-
cupaõ na conquista das almas, & de-
fensaõ da Fé, Pregadores, & Confes-
sores. Servos são os que no seruiço assi
interior, como exterior se empregam;
& huns, & outros deuem pontualissi-
mamente respõder ao preceito, & voz
do Prelado.

LIÇAM V.

Como o Senhor deu lououres ao amo, & saude
ao criado.

32 **F**Eita menção da replica do
Centurio, se dà conta em
quinto lugar de como o Senhor deu
lououres ao amo, & saude ao criado;
dizendo em o texto. *E ouuindo Iesus
espantouse, & dixee aos que o seguião,
Affirmouos que não achei taõ grande fé
em Israel.* Isto he, ouuindo o Senhor a
força que o Centurio lhe mandaua
fazer por seus amigos, & familiares,
& por si mesmo, para que não se can-
çasse em ir a sua casa, pois podia desde
lã fazer o milagre: espantandose, isto
he que fez acção, & gesto de admira-
ção, & espanto; não demasiado, nem
descomposto mas modesto, & discre-
to, quanto bastasse a declarar pruden-
temente quanto era digna de admi-
ração a fé daquelle Gentio. E assi segun-
do S. Agostinho, & S. Ioaõ Chryso-
tomo, o admirarse o Senhor foi ensi-
narnos que nos deuiamos nõs de ad-
mirar, porque semelhantes mouimen-
tos em Deos não são sinaes de animo
perturbado; mas doutrina de quem en-
sina. E he de saber, que admiração,
conforme descreuem os Filósofos, he
hum mouimento de animo acerca de
couisa de nouo sabida, & para o tal de-
facostrumada; Conforme ao qual em
Deos

Iob. 9. n. 13.

Cant. 7. n. 1.

Cassian. in
collat. P. P.

Aug. de Gen.
ad lit. contra
Manich. lib.
1. c. 8.
Chrysof.
hom. 27.
Matth.

Aug. contra
Aduers. leg.
& Prophet.
lib. 1. c. 7. &
epist. 101. ad
Euod.

Deos nunca pôde auer admiração de coisa algũa; nem em Christo, quanto á sciencia diuina, nem ainda quanto á humana infusa: mas em quanto á sciencia humana experimental, segundo o Doutor Angelico, & Iansenio, pode auer admiração experimental em quanto de nouo experimêta coisa que de antes não tinha experimentado. Porém nunca pôde auer admiração em proprio sentido, pois tem este Senhor em quanto homem a sabedoria de todas as cousas, como tezouro de sciencia, a quem o Padre poz tudo em as mãos. Onde S. Agostinho diz: Quem no Centurio fez aquella fé, senão o mesmo que a admiraua? E ainda que outrem a fizera, para que se ouia de admirar o que dantes a sabia? Mas dizse admirar, em quanto em si mesmo podia exercitar algum affecto accidental de ver actualmente hũa coisa rara & desconhecida; por mais que de antes não só a visse, mas também a causasse. Ao mesmo Padre Eterno attribue S. Ioaõ Chrysostomo espanto, em quanto diz que do Filho, que ao Ceo subia, a offerta admirou ao Pai. E Origenes nota bem, que tão grande coisa he a Fé, que nem de riquezas, nem de dignidades, nem d'outras grandes cousas que o Senhor vê, se admira, senão da Fé.

33 Falando pois o Redemptor com os que o seguiã, isto he, com os discipulos, como mais de casa, dizia: Affirmouos que não achei tão grande Fé em todo Israel. Como se dixerá: Douuos minha palavra que nessas terras que tenho andado, & pessoas Hebreas com quem tenho tratado, não achei Fé tão maravilhosa. E isto he hum modo de falar, com q̄ queremos exaggerar a excellencia d'algũa coisa; dizer que não ha coisa semelhante. E se quizermos mais apertar com a comparação, que o Senhor faz da fé deste homem com a dos Israelitas, & gente daquelle pouo; de tres maneiras podemos explicalla. A primeira compara-

ção pôde ser absolutamente comparando com proporção, & respeito: porque os Apostolos, & outros, ou per exercicio das escripturas, ou por reuelações, & manifestações sobrenaturaes, ou per prégão, & experiêcia de milagres cretam. Mas este Centurio, não lia escripturas, nem tinha apparecimentos, nem ouuia prégadores; & só creou polla fama dos milagres, que o Senhor vinha fazendo. Porque segundo S. Ioaõ Chrysostom; cada hũa das cousas he digna de louuor, ou admiração conforme ao sujeito em que se achã. E assi admiramos muito hũa causa bẽditta de hum rustico, não fazendo caso daquelle mesma, se da boca de hum Sabio a ouuirmos. E se hum minino diz hũa coisa de si, a engrãdecemos mais que se a elle mesmo a ouuirmos quando homem. E assi admitou Christo a Fé de hum Gentio, sem doutrina, & a teve por maior que a dos Iudeos ensinados. E nisso foi bem figurada a Fé da Igreja, de que diz o mesmo Author: Este Gentio foi o primeiro fructo dos Gentios, em comparação de cuja Fé, toda a Fé de todos os Iudeos ficou infidelidade. A qual nem ouuio a Christo ensinar, nem curar ao leproso: mas sómente ouuida a saude; mais creou do que ouuio.

34 A segunda comparação, & melhor, se pôde fazer não com os Apostolos, ou discipulos; mas com os presentes daquelle tempo, em que o Senhor andaua prégando; aos quaes os mais não trattava de crer, nem acudir ao remedio de si & dos seus. A terceira comparação pôde ser no modo da confiança de sua virtude, porque outros muitos ainda que criam, buscava sua presença cuidando ter com ella o Senhor alguma virtude maior, *Luc. 6.20. 91.* que sem ella. Pollo qual diz S. Lucas, que toda a multidão procurava tocalle. E por desfirir ao pensamento do leproso, & do seu encolhimento, que como immundo tinha de chegar; o tocou com sua mão. E ainda depois, como

D. Th. 1. p.
q. 15. a. 8.

Ianf. Conc.
6. 45.

S. Aug. ubi
sup.

Chrysost. ser.
de Aj. cens.

Or. g. hom. 5.
Or. 1. ar.

Orig in cat.

ionn. 3. n. 4.

como rotou Origenes, o Principe Iairo procurou a presenca, & o Regulo apertou por essa mesma presenca. Nicodemus duidou da palaura; & Maria, & Martha atribuiram a morte do irmao ao faltarlhe a presenca do Senhor Iesus Christo. Muito he logo de admirar a fé deste Gentio, bastante para enuergonhar toda a fé dos Israelitas presentes, pois não só não fez força polla presenca do Senhor, mas ainda mettendo outros cabedal por auella depressa, elle metteo adherencias para não conseguilla, Querendo não carecer da presenca diuina, mas dar a conhecer ao mundo a virtude daquelle Senhor, que ausente podia tanto como presente. E de Capitaõ de presidio, se tornou zelador da honra da virtude diuina, & prégador mudo contra a falta da fé dos que duuidauam de sua potencia. Querendo mais carecer do bem da presenca de Christo seu creador, que mostrar sinal de duuida de sua Omnipotencia diuina. Nem se ha de ouidar por remate de seus lououres, que este Centurio era aquelle mesmo, que no Caluario cahio na diuidade de Christo à hora, que o Senhor expirou. Assi porq̃o do caluario creio etãõ, & o presente desde logo; como também porq̃o do Caluario era Capitaõ dos q̃ assistia em Ierusalem em Iudea; & este era do presidio de Capharnaõ em Galilea.

Tax.

35 Profegue o Senhor dizendo em o texto. *Digonos que muitos viraõ, do Nacente, & do Poente, & se assentaraõ com Abraham, Isaac, & Iacob em o reino dos Ceos: & os filhos do reino sãõ lançados nas treuas exteriores.* Por occasiaõ da fé do Centurio profetiza o Senhor os males, q̃ se seguirã à infidelidade dos Iudeos. E em dizer, que viraõ muitos; fala respectiuamente em comparaçaõ dos Iudeos, que seraõ poucos os que se saluaraõ em respeito dos Gentios. E em dizer, que viraõ do Oriente, & do Occidente, quiz, conforme a S. Agostinho, comprender

todos os que dos Gentios se auia de saluar polla Fé desse seu Saluador, que de todas as partes do mundo se auia de ajuntar. Concorda com esta, aquella celeberrima profecia de Isaias, em que o Padre Eterno assi fala com esse seu Filho vnigenito Iesus Christo. Desde o ponto que foste feito, honrado em meus olhos, & glorioso (isto he, quando morreste em a Cruz) eu te quiz muito, & darei homẽs por ti, & pouos polla tua alma. Não temas, porque eu sou contigo (isto he para te resucitar ao terceiro dia) do Oriente trarei tua geraçaõ, & do Occidente te ajuntarei. Direi ao Norte: dà; & ao meyo dia: não queiras prohibir. Traze a meus filhos de longe; & as minhas filhas dos yltimos da terra. Etõdo o que inuoca meu nome, para minha gloria o criei, o formei, & o fiz. Lançai fóra o pouo cego com olhos, & surdo com orelhas. Esta he a profecia famosa, a que parece allude nosso Redemptor Iesus Christo em a sua. A qual hoje vemos ja com mais clareza comprida, que em tempos antigos foi imaginada. Porque das mais remotas terras do Oriente, que a industria dos Portuguezes descobrio, tem vindo á Fé multidaõ em quantidade, & qualidade incomparauel. E dos nunca sonhaõs fins da terra para o Occidente, milhares infinitos de hum inteiro mundo, que os Espanhões cultiuaõram. Moralmente falando, entãõ se espanta da Fé do Centurio, quando o Prelado vé que alguns seculares viuem melhor que algũs dos seus Religiosos, & diz consigo per confusaõ: Por certo que não achei tanta deuocaõ na Religiaõ. Porque tal vez deixa as palmas, & Cedros, & arde em hum espinheiro Deos, como no de Oreb o considerou S. Basilio de Seleucia.

Aug ser. 6. in cat.

Isai. 45. n. 4.

Exod. 3. n. 2.

Basil Seb. ora. 9.

36 E diz que se assentaraõ com Abraham, Isaac, & Iacob; porque estes eram os de que os Iudeos mais se gloriauam, & por cuja decendencia despresauam a todas as gerações do mundo.

do. E declara que se assentaraõ, não de qualquer modo, senão como quem se assentaria com elles à mesa, cõforme ao que noutrao lugar promette. Fallosa o Senhor sentar à mesa, & andar-lhes ministrando, como se naquella só palavra declarara a honra, riquezas, & descanso; que he tudo a que o desejo humano pòde esperar. Honra, pois se sentaraõ à mesa mais honrada; riqueza, pois a teraõ eterna; descanso, pois estaraõ assentados, & izentos de todo o trabalho, ou aduerfidade que os inquiete. E seraõ excluidos os filhos do Reino, quer dizer os Hebreos, a quem, & para quem principalmente se auia aparelhado o celestial banquete: em o qual, segundo S. Ioaõ Chrysostomo, os quiz mais atormentar. Porque sendo elles os herdeiros legitimos do Reino celestial, o quizeram perder por sua culpa, & deixallo ir aos estranhos. Chorauaõ ha muito Jeremias dizendo: Nossa herança se passou para os alheios, & nossas casas para os estranhos. E antes d'elle David dizendo entre outras maldições. Transferidos sejam seus filhos, & mendiguem, & sejam lançados fóra de suas casas. Escondrinhe o acredor toda sua substancia, & os alheios lhes roubem seus trabalhos. E por isso se diz que os alheios estaraõ em as moradas celestias, regalando-se com Abraham, Isaac, & Jacob, que foram os que a tanto custo seu as fundaram; & elles filhos seus, & herdeiros seus, sejam expellidos, & excluidos, por muitas causas. A primeira, porque não ha maior magoa no mundo, que ver com seus olhos honrados aos inimigos, & gozando os proprios bẽs; como em Isaias o mesmo Senhor lhes ameaça: Vossa terra desamparada, vossas cidades abrasadas, vossa regiaõ comem diante de vós os estranhos. Como se em comparação desta, fossem menores todas as outras magoas.

Luc. 12. n. 37

Chrysost. in
Caten.Iere. orat.
n. 2.

Esa. 108. n. 10.

Isai. n. 7.

37 Outra causa he, porque não ha maior razãõ de sentimento na desgra-

ça que auer sido glorioso, & padecer à vista dessa mesma gloria perdida. Para a banda do Oriente, onde estaua o Paraíso terreal, diz a sagrada Escritura que se foi a morar o desterrado Cain. Sobre o qual diz Nicolao de Lyra, que para pena de Cain aconteeo que fosse lançado para aquella regiaõ delectavel & ditosa de Edem; a qual auia perdido pollo peccado do pae: para que dahi mesmo tiuesse materia de dor, pois não podia chegar a ella. Semelhante pena he a dos Iudeos, & serã em todas as eternidades quando virem, que não podem chegar à gloria, que he de seus paes, Abraham, Isaac, & Jacob. Onde parece também que não se deue algum gloriar da honra de seus antepassados, se não fizer por merecella, & conserualla. Porque assi como os paes se gloriam de filhos honrados, assi se deshonoram de ruins filhos, & engeitam de filhos aquelles, que se não quizeram parecer na virtude fi hos seus. Ou se não como quereraõ no reino de luz, conhecer por filhos seus aos filhos de trevas? Porque, que conueniencia tem a luz com as trevas, como diz o Apostolo? Pollo qual se conta na Chronica dos Menores, que como em hũa visitaõ fossem leuados ao outro mundo muitos frades, & perguntados por que eram, respondessem que filhos de N. P. S. Francisco: o Santo, que era chamado para recor hecellos, engeitaua a muitos, & não eram admittidos no reino de luz; porque não auiam viuido como filhos daquelle Pae. Nem he culpa acertada, antes vergonhosa, quererem ser tratados por filhos daquelles grandes Patriarchas instituidores das Religioes, os q̄ degenerados de seu estado, viuem como filhos de suas proprias trevas & escuros feitos.

Gen. 4 n. 16.
Lyr. ibid.

Chron. Min.

38 Por amor do qual se segue. Seraõ lançados nas trevas exteriores. Isto he, fóra da luz da Fé, cegos, & engeitados de seus proprios paes, & carecendo do proprio Deos, que antes conhe

Aug. contra
Eufst. 36. c. 4

conheciam: por mais que elles coidé que Christo he outro Deos do seu antigo. Acerca do qual diz S. Agostinho. Se Moyses não prégou ao povo senão ao Deos de Abraham, Isaac, & Jacob, & esse mesmo prêga Christo; logo não pretendeo tirallos de seu Deos. Mas por isso os ameaçou que auiaõ de ir às treuas exteriores, porque os vio apartados de seu Deos; no reino do qual diz, que haõ de estar sentados os Gentios de toda a redondeza das terras com Abraham, Isaac, & Jacob. Não por outro respeito. senão porque tiueram a Fé do Deos de Abraham, Isaac, & Jacob. Atéqui S. Agostinho. E chama tambem treuas exteriores, ou porque conforme a S. Ieronimo, o que perde a Deos, logo perde o lume; ou porque saõ treuas as infernaes, que se seguem às interiores da alma. Pollo qual diz S. Gregorio: Treuas interiores saõ a cegueira do entendimento: treuas exteriores saõ a noite da eterna condênção. E dixe auer alli treuas exteriores; porque ainda que haja allí fogo, não ha luz para mostrar aos condemnados algũa coufa para sua consolação, mas para augmento de sua perdurauel tristeza. Segue-se em o texto. *Alli auerá choro, ranger, & bater de dentes.* Por estas metaphóricas paixões dá a entender, segundo Haymon, o que alli padeceirão os malaventurados; porque chorarão no inferno sem remedio, o que cá não quizerão com proveito. E rágerão com os dentes; assi por frio de maliado, como por indignação raiuosa. Como noutro lugar seu proprio se dirá mais largaméte na 2. p. E cõclue o Euangelista: *E dixe o Senhor ao Centurio* (ou aos que em seu nome lhe trouxeram o segundo recado; ou a elle mesmo, se vltimamente veyo) *Vai, & assi como creste, se te faça: & foi saõ o moço desde aquella hora.* Como se dixerá conforme a Rabano. Segundo a medida da fé, se vos medirá esta graça. E assi pode o merecimento do amo

aproueitar tambem ao criado; não só merecimento de Fé, mas ainda por estudo da disciplina.

Peroração exhortatoria.

39 **O**Lha pois hora tu, oh alma, quanta he a misericordia do Senhor, que de ce do monte de sua alteza infinita, a dar remedio à lepra de teus peccados, & às enfermidades todas de tua alma. E louua com o Propheta ao Senhor, que te perdoa todos teus peccados, & sãra todas tuas enfermidades. Que time da morte tua vida; & te coroa de misericordias. Attenta quam proueitoso te fica, & quam ren-

Ps. 102. n. 3.

Ieron in
Caten

Greg. 10. 28.
Bd. & Ca-
tena.

Tex.

Haym. hic.

Text.

Raba. hic

REFEICAM SPIRITVAL

CAPITULO DVODECIMO

Da tempestade, que o Senhor Iesus Christo fez amansar da barca onde hia.

*Matth. 8.
Marc 4
Luc. 8.*

Vrada a sogra de S Pedro, & reprouados para discipulos alguns menos promptos de animo; querendose tambem o Redemptor mostrar Senhor do mar, como se tinha manifestado da terra, foi a fazer milagre sobre as aguas, & parece por boas conjecturas que seria pollo mes de Feuereiro, não muito antes da Paschoa; posto que outros o asser tam no primeiro dia de Agosto em húa quinta feira; quatro meses depois que prégou as parabolos de que se dirà no cap. 16.

Post. Guill.

LISAM I.

Da tormenta que se leuantois no mar.

Isto he o que conta o Euangelista S Mattheos em o capitulo outauo, descreuendo em primeiro lugar a tēpestade, que se leuantois no mar; pollo qual diz em o texto. *Subindo o Senhor em húa barca seguirãõno seus discipulos. E aconteceu que se fez grande mouimento em o mar, de maneira que a barca se cobria das ondas.* A occasiãõ porque o Senhor subio a esta barca, foi para declinar a molestia da muita gente, que o seguia. Porque segundo affirma S Remigio, tres foram os refugios, que o Senhor teue para fugir ao tumulto da gente: Barca, monte, & deserto. Porque tal vez he necessario o Prégador dar ferias ao procedimēto activo, & recolherse consigo só, & cõ suas potencias à oraçãõ, & contemplaçãõ. E ainda repoular corpo almente para depois poder de nouo cançar cõ mais alento. E assi como Iesus Christo, no monte oraua, no deserto jejuaua, & na barca dormia: assi tambem o Prégador deue algúas vezes euitar o tumulto

*Remig. in
Marc 4.17
Caton.*

Tex.

do pouo, & cessar do exercicio da prégaçãõ para alentar o espirito, esforçar a alma, & refazer o corpo. S. Marcos aduirte que quando o Se-
Marc: 4.
nhor entrou na barca era sobre a tarde. Porem em que dia isto acontecesse, não se pode saber de certo. Posto que pareça que isto aconteceu naquelle mesmo em que Christo explicou as parabolos aos discipulos: pollo que diz S. Marcos que naquelle dia lhes dixee que passassem à banda dalem do lago de Tiberiades; toda via com os outros Euangelistas, & bóas confrõtações, não se deue dizer senão que naquelle dia; se entende naquelle tempo. Conuem a saber naquelle primeiro anno da prégaçãõ de Christo.

2 Mas cuja fosse esta barca, tambem nos Euangelhos se não declara. Posto
*Ref. 16. e. 16
n. 1.*
que no sentido commum dos Expositores se suppoem que era de S. Pedro, para nella explicarem mais mysterios. O que sabemos he, que as barcas eram mais que aquella em que Christo subio, conforme o conta S. Marcos. As
*Marc. ubi
sup.
lansem Cõc.
e. 30.*
quaes conforme a lãsenio, he de crer, que juntamente desamarraram com aquella em que o Senhor hia; & partindo de conserua, padeceram a mesma tempestade, & gozaram o mesmo milagre. E se assi he, ja entãõ aquellas barcas que seguiam o farol da de Pedro, & com ella padeciam, & surgiram; significauam as Egrejas, & Religiões particulares, que reconhecem por sua suprema cabeça, & mae vniuersal a Egreja Romana, onde Christo com particular assistencia reside em seu Vigario, & sucessor de S. Pedro. Cujos pilotos, & officiaes ainda que distinctos em fogeitos, mas todos

huns

huns em Ierarchia, & ordem ecclesiastica; de tal modo governam suas barcas, que com a de Pedro vogam, amainam, padecem, & portam. Pollo que quanto do mysterio desta barca se dixer polo discurso em allegoriar, se ha de dar por entendido por todas. A derrota pois que aquella barca leuaua, era para passar da banda dalem de Capharnaum para a terra dos Genezarenos, que ficaua da outra banda da Prouincia de Galilea. Este he aquelle grande lago que S. Lucas chama de Genezareth, ditto assi de hũa cidade que da outra parte ficaua, que chamauam Genesara, ou Gerasa. E outros Euangelistas chamam mar de Galilea, usando da frasi Hebreia, que a todo ajuntamento de aguas dà nome de mar. Tantas vezes visto de Christo nosso Redemptor, & tantas vezes pisadas de seus diuinos pès aquellas ditos ribeiras. Chamado tambem de Tiberiades por hũa cidade Tyberiate, que jaz em suas prayas da parte de Galilea no tribu de Nephtholim.

3 Este lago pois, tanque, ou lagoa (conforme escreue Plinio) he ajuntamento de aguas do rio Iordam, doces, & potaveis; & mais delgadas que as ordinarias de lagoas, como affirma Iosepho: puras, claras, & frias. Tem de comprimento dezaseis mil passos, & seis mil de largo: que viraõ a ser pouco mais ou menos cinco legoas de comprimento, & de largo duas. Outros lhe daõ sòmente pouco mais de tres legoas de comprimento, isto he cem estadios: & pouco mais de legoa de largo, a saber quarenta estadios, descotando trinta & dous estadios por legoa. He abundante de peixes mui diferentes em casta, & mui varios em gosto. As prayas saõ fermosas, & frescas, & marginadas todas de miuda areia. Tinha esta lagoa em suas ribeiras muitas, & mui grandes pouoações. Da parte do Poente polla banda de cima a populosa cidade de Capharnaum, cabeça entaõ de toda aquella Prouin-

cia de Galilea, de quem na segunda parte no capitulo vinte se farã mais larga menção. E dahi a hũa legoa a de Corozaim entre as quaes passa o Iordão quando faz o lago; para a parte do Nacente: cidade famosa por milagres do Salvador. Abaixo de Capharnaum ficaua Bethsaida patria de S. Pedro, & Santo Andre. A qual edificada & ornada por Phelippe irmão de Herodes, chamou Iulia, por amor de Iulia irmã do Emperador Cesar. Pouco abaixo duas legoas de Bethsaida ficaua a cidade de Magdalo celeberrima pollo nome que deu á gloriosa Magdalena, que alli tinha sua possessão. E de pois a de Tiberias, & outras todas ditos por muito visitadas do nosso Salvador Iesus Christo. Da outra parte do Nacente, ficaua a terra dos Genezarenos, onde nosso Redemptor liurou aos dous endemoninhados, cujos demonios permittio entrar nos porcos; pollo qual os moradores da terra lhe vieram rogar que se quizesse fair della, como defeito se tornou pollo mesmo lago a Galilea, & Capharnaum.

4 Para atraueffar pois esta lagoa, diz o texto, que o Senhor subio naquella barca. Sobre o qual diz Origenes: Como Christo tiuesse mostrando na terra grandes, & marauilhosas obras, passa ao mar: para ahi as mostrar ainda mais excellentes: para que assi prouasse que era Senhor da terra, & do mar. Atéqui Origenes. E nisto mostrou bem o Senhor sua grandeza, & nosso ensino. Porque no mundo ha huns, que na terra (que he na firmeza da bonança, & prosperidade da vida) fazem marauilhas: porém em se vendo no mar (conuem a saber nas ondas da aduersidade, & contraria fortuna) estancam de milagres no procedimẽto, & firmeza. Por isso aquelle Anjo que na mão trazia o liuro aberto, tinha seus pès como duas columnas; dos quaes o direito estaua sobre o mar, & o esquerdo sobre a terra. Pollo mar,

Luc.

Plin. apud Iansen. cit. Ioseph de Bellijud. lib. 5. c. 15. & lib. 3. c. 18. apud Barrad tom 2. lib. 5. c. 4

Refic. 2. p. c. 20.

Orig. hom. 8. ex 7. asq.

Apoc. 10. n.

& terra se entendem as duas fortunas, aduersidade, & prosperidade. E quem na Igreja traz aberto o liuro dos segredos de Deos, conuem lhe ser columna firme assi na contraria, como na prospera fortuna. Antes por isso se diz que o pé direito foi o que poz sobre o mar; porque como neste pé seja maior a fortaleza, & mais robusta a força; nelle se quiz dizer que a firmeza dos grandes ha de ser ainda muito maior no duuidoso da aduersidade, que no estauel da prosperidade. Porque (como diz Marco Tullio) a fortaleza he immouel entre as cousas aduersas; gloriosa excellencia de animo, que governa com galhardia os negocios mais arduos. Conuem logo ao Sabio fazer milagres na terra, & maravilhas no mar; & se na mão traz liuro aberto, ter hum pé como columna no mar, & outro na terra. Conforme à qual sentença diz S. Ambrosio: O Sabio nem se quebranta com o medo, nem se muda com o poder; nem se leuanta nas prosperidades, nem se afoga nas tristezas. Porque onde está a sabedoria, ahí está o esforço, ahí a constancia & fortaleza,

5 Segue-se em o texto. *E subiram com elle seus discipulos*, quer dizer saltaram da praya em a mesma barca que seu Mestre. Porque os discipulos já dantes auiam entrado na barca, & estiueram grande espaço esperando que o Senhor acabasse de falar ao pouo juro; & já sobre a tarde leuaram a amarra, & se partiram com elle. E estes discipulos parece que então deuiam ser poucos ainda, & só consta de S. Pedro, & S. Andre, S. Ioaõ, & Santyago Maior, & por ventura o Menor; S. Simaõ, os dous Iudas, & S. Philippe. Porque S. Mattheos depois disto foi chamado. Sobre o qual diz Origenes. Foram com elle não os fracos, mas os firmes, & constantes na Fé. E estes seguiram, não só suas pisadas corporaes, mas também acompanhando sua santidade. Até qui diz Origenes. Dittosa a alma, q̄ pode

dizer a seu Christo, o que Ruth a Noemi: Para onde quer q̄ fordes irei eu, & onde quer q̄ parardes, pararei eu. Porque na verdade muitos ha que de bõamente seguem a Christo polla planura dos campos, pollo alegre dos prados, & pollo firme da terra; porém deixam o no aspero das tribulações, no duuidoso dos perigos, & no tempestiuo do mar. Conforme ao que diz o Espírito Santo: He amigo segundo seu tempo (quer dizer segundo seu proueio) & não permanece no dia da necessidade & tribulação. Mas o que for seu verdadeiro discipulo com elle deue embarcar-se, & commeter sua vida ao mais breue, & duuidoso lenho da Cruz; que polla barca a entende Rabano. E por isso conuidado a esta viagem perigosa o Senhor clama, & diz: Quem quiser vir apoz mi neguese a si mesmo, & tome sua Cruz, & sigame: Isto he quem quizer embarcar-se conmigo no lenho da Cruz, ha de deixar-se a si mesmo, não tratando de seu proprio commodo, & seguro temporal; porque os que são verdadeiros discipulos no duuidoso he que seguem. E vendo nós aqui dous generos de gente todos ouuintes, & todos affectados do Salvador, dos quaes huns ficaram em terra, outros o seguiram na tormenta do mar: entendamos que nos primeiros se exprimem os seculares, & nos outros, os Religiosos; os quaes como discipulos tem mais obrigaçam de seguir ao Senhor em todo o perigo, & sorte. Por amor do qual pondera S. Ioaõ Chrysofomo, que com milagres recreaua Christo a gente popular; mas quando hia às tentações, & perigos, a sós os valentes de sua Igreja mettia consigo.

6 E por dous respeito diz o mesmo Chrysofomo que o Senhor leuou aos discipulos a padecer tão grande tempestade. O primeiro por lhes tirar o medo, para que não pasmassem nos perigos; porque aquelles que auiam de ser Principes, & Prelados da Igreja,

Tull. in Re-
thoy.

Amb. epist.
Simplis.

Ten.

Orig. hom. 3.
ubi sup in
Cate.

Chrysof. ho.
29. in Matt.
& Euthym.
hic.

Raba. in
Gloss.
Matt. 16.
n. 14.

Prou. 17.
n. 17.

Ruth. 1. n. 16

Egreja, auiam de fer homēs intrepid-
dos, & que em o maior perigo do mū-
do não paímassem, antes fizessem ro-
stro a toda a fortuna. Polla qual razaõ
gabou Iacob que Ioseph como pastor,
& Princípe de Israel sahisse pedrã na
dureza em tantas aduersidades. O ou-
tro respeito foi; porque vendose en-
grandecidos à hõra da singularidade
do fauor, que seu mestre lhes fazia
em os tomar consigo, deixando a to-
dos os outros, amainassem as velas da
vaã gloria com a forza do vento da-
quella tempestade. E se pôde acrecen-
tar que os leuou a fazer para elles al-
gum grande milagre; porque não he
alheyo da razaõ que os grandes vlem
com seus domesticos de mais largue-
za, & liberalidade, que com os estra-
nhos. E como diz S. Ioaõ Chrysosto-
mo, a cada passo os Apostolos viam
milagres de seu Mestre com outros;
mas consigo os não tinham experi-
mentado. Segue-se em o texto. *E sub-
itamente se leuantou em o mar grande
tormenta, de tal modo que a barca se so-
cobroua nas ondas.* Nem se ha de cui-
dar, como aduirte Origenes, que esta
tormenta foi natural; mas por virtude
particular daquella, que faz de seus
tesouros sair os vêtos. E foi assi taõ rija
a tempestade, conforme ao mesmo
Origenes, para que se deixasse melhor
enxergar a grandeza do milagre com
o crescimento do medo dos discipu-
los, ao compasso do das ondas, &
mãres. E ja desde etãõ visse Pedro & os
outros seus copanheiros em figura, q̃
quando viesse aquella fatal tormenta
da paixãõ de seu Mestre, os mais va-
lentes auiaõ de temer mais, & todos
vendo a seu Mestre dormido em a
Cruz auiaõ de desconfiar da bonan-
ça.

7 Que naturaes saõ do mar estes
subitos, & grossos de tormentas. E
mais quando nessa barca vai o traidor
Iudas, como de outros aduirte S. Boa-
uentura. E que barca passa o mar do
mundo, que não leue algum traydor

Iudas? Desse mar diz grauemēte Ter-
tulliano, que a deslealdade do mar
he infame, pois estando de breues on-
das temperado, de repente das que de-
cento, em cento leuanta, se inquieta.
Figura he expressa do mundo da sen-
tença geral de todos os Philosophos,
& Padres. Se he infame a fé do mar,
se enganosa suas promessas, se ja mais
deixou de enganar a quem delle se
quiz fiar: ouçamos a S. Agostinho, que
do mundo diz assi: Oh mundo trai-
dor, todos os bẽs promettes, mas todos
os males dãs. Promettes vida, mas
acodes com morte; promettes gostos,
mas tornas tristezas; promettes quie-
taçaõ, mas eis turbacaõ. Promettes
flor, mas logo desaparece; promettes
estar, mas logo te vas. Finalmente diz
S. Agostinho, que he como o mar o
mundo, que a seus amadores sabe cha-
mar, mas não sabe leuar. Prouidencia
foi por certo do mui alto, querer assi
manifestar a impiedade do mundo, &
tirar he o credito a suas falsidades, cõ
a verdade de seus enganos; porque se
ainda assi acha quem o ame, & quem
o siga; que faria se seu credito fosse
maior, & menor sua perueridade? A-
cereca do qual diz o mesmo S. Agosti-
nho: *Quam turbado he o mundo, &
ainda he amado o mundo, que seria se
fosse quieto o mundo? Como te che-
garias ao fermoso, se assi abraças ao
feo? Como colherias as flores, se assi
não sabes tirar as mãos das espinhas?*
Tudo he de S. Agostinho. Não he
logo de espantar que a tempestade
fosse assi subita, & grande; antes por
isso devia ser mui grande, porque foi
repētina. Porque como diz Philo He-
breo, mais graue he o damno repen-
tino, que o pensado. E como esta tor-
menta não foi natural, nem por natu-
raes sinaes pode ser pollos marinhei-
ros preuenida; muito mais graue, &
forte pareceo aos que a sopportaram.
Quanto mais sendo ella abolutan ete
taõ grande, que as ondas sobrouam
a pobre barca.

Tertul. lib.
de Pallio c. 2.

Aug. ser. 37.
ad fratres in
Eremito.

Aug. de Ver-
bis Domini
c. 13.

Aug. ser. 143.
de tempore.

Phil. lib. 1. de
vita Moys.

Gen. 44.
n. 24.

Chrysof.
ubi sup.

Tex.

Orig. ubi
supra.

Pf. 134 n. 8.

Bon. in Luc
8.

L I Ç A M II.

Como os discipulos despertaram ao Senhor.

8 **D**Escrita a tormenta, que no mar se levantou, refere-se em segundo lugar como os discipulos despertaram ao Salvador; pollo qual se segue em o texto. *E elle dormia: & chamaram o seus discipulos dizendo: Senhor salua nos, que perecemos.* S. Marcos diz que hia dormindo em a poppa da barca ou no leito da poppa sobre hũ cabeçal. Euthimio, & Theophilacto cuidaram que leuava o Senhor por cabeceira hum pao da mesma barca; porém deuiam querer definir mais ao mysterio da Cruz, & penitencia, que à letra, em a qual se ve que era cabeçal de cama. Em figura disto, diz S. Ieronimo, lemos, que estando os mais a pique de perderem-se, Ienas estava seguro, & dormia, & foi despertado. E lançar-se a dormir o Senhor em hora, que sabia auia de succeder aos discipulos tal perigo, mysterio foi, não descuido; proposito, & não accidente. E o principal, que aqui se offerece he, mostrar-se que elle era verdadeiro homem, que de puro cansaço, & trabalho adormecia sobre a tarde, quando não tinha precisa razão de occupar-se. Acerca do qual diz Origenes: Marauilhosa cousa he, & espantosa que aquelle que nunca dorme, nem tosqueneja, se diga dormir. Dormia por certo no corpo, mas vigiava na diuidade; mostrando que trazia verdadeiro corpo humano corruptiuvel, que auia vestido. E Landulpho acrescenta: Por quatto razões quiz o Senhor dormir. A primeira por mostrar em si a verdade da natureza humana; porque em os milagres de Christo sempre se poem algũa cousa para que pareça a verdade da humanidade; & algũa para declaração de sua diuidade. A segunda, por provar a Fé dos discipulos; não porque elle não conhecesse seus corações; mas porque elles fossem conhecedores de

si mesmos. A terceira, porque temessem mais, & assi os prouocasse a orar. A quarta, porque se mostrasse mais a verdade de sua diuina potencia.

9 Tanto pois que o Senhor se lança a dormir, logo he feita grande tempestade. Porque dormir o Senhor Deos, he permittir por seus altissimos segredos a tormenta assi geral da Egreja como a particular da alma. A furia dos ventos he a força das tentações, com as quaes se reuolue toda a multidão das potencias, & se leuãtam as ondas encapelladas dos pensamentos: as quaes todas com furiosa braueza vem a quebrar na pobre alma. De tal modo que pouco lhes falta para vencella, & afogalla per consummado consentimento. E cõ tudo Deos parece que dorme, & que não acode, como se lhe não fora nella cousa algũa. E assi conforme ao texto de S. Marcos, queixando-se os discipulos ao Senhor diziam: Mestre não se vos dá nada que pereçamos? Oh quãta Fé, & quãta cõfiança em Deos como discipulos deuem ter os assi tentados, para que não sejam das ondas sumergidos? Mas he tal o proueito, & interesse da oração, que a troco de grangeal-lo, não repara Deos em o que os seus padecem com o sentir elle tanto. Por isso (diz Origenes) dormia, para fazer vigiar aos Apostolos: & para que nós nunca nos descuidemos. Permittio os perigar, para os fazer orar. Aos discipulos mandaua o Redemptor no Horto vigiar, & orar, Para que não entreis (dizia) em tentação. E em que tentação podem entrar, Senhor, os que estão tão entrados do sono? E mais vós, Senhor, não estais esperto, & orando por elles? Assi era por certo: mas como se delles apartaua, ainda que pouco espaço, o mesmo he apartar-se Deos que permittir tentação, & tormenta de pensamentos. E por isso os manda estar à lerta, & vigiar, & orar. Pois se tanto risco corriam em tão breue apartamento com o Mestre esperto,

Marc. 4.
v. 26
Euth. &
Theoph. hic.
Ieron. in
Matth. 8
lib. 1.
Ion. 1. n. 5.

Orig. hom. 6
ex. var. 15.

Land. 1. p. e
46.

Marc. 4. ubi
sup.

Orig. hom. 6
ubi sup.

Luc. 22. n.
46.

quanto mais sabendo que elle dorme, & permite a tempestade? Sobre o qual diz Theophilo: Mandanos orar para que esteja quieta nossa vida, nem sejamos sumergidos em algũa das molestas tentações.

10 Por isso se segue em o texto. *E chamaram o dizendo: Senhor, saluanos, qu. perecemos.* Efeito, diz Origenes, que foi do grande medo do perigo em que se viam, que não molestos, né leuemente; mas tumultuosos, & como fóra de si se arremessassem a chamar ao diuino Mestre, que lhes acodisse. Esta he a grande virtude das tribulações, & perigos, fazer acodir a Deos com toda a pressa, desconfiando de todo o humano socorro, & gritando cõ o Psalmista: *Leuantauios Senhor, como assi dormis? Leuantauios, & não nos desempareis de todo.* Porque nos virais o rosto, & vos esqueceis de nossa pobreza, & de nossa tribulação? *Leuantauios Senhor, & ajudainos, & saluainos por vosso nome.* Bem diz S. Gregorio Nazianzeno, que os temores são mestres odiosos; que ainda que com todas nossas forças os fujamos, & desuiemos; toda via o caso he que quando nos encontram nos ensinam. E acrescenta que a alma trabalhada, & afficta he vizinha a Deos. E tão vizinha, que o puro trabalho, & extremo desamparo poz a Iacob à porta do Ceo, que tantos não descobriram. E doutra vez constituido no maior perigo com o odio de seu poderoso irmão, que ja estava à vista; & no risc o mais defaltrado, que he o naufragio no porto; a mesma affição, o poz nos braços do proprio Deos. Dorme pois Christo, & permite o trabalho maior assi à Egreja, como à alma: para de sses metmos lhe fazer azas, com que mais depressa vã a despertallo, & a ficar em sua presença & companhia. A quella gloriosa molher vestida de Sol por excellencia de boa fama, entronizada em Lúa por pureza de vida: & coroada de estrellas por

grandeza de paciencia: nunca lemos que tiuesse azas, & azas de Aguia para voar facilmente ao deserto celestial, & lugar seu preparado de todas as eternidades; senão quando a serpe infernal mais apertou com a perseguição: ou vniuersal da Egreja, ou particular da alma. E S. Pedro Chryfologo diz aduertidamente, que foi necessario levantar-se aquelle grande pé de vento, & redomoinho, para que Elias fosse arrebatado para o Ceo.

11 Esta tormenta foi a que leuou a Christo os temerosos discipulos clamando: *Senhor acodinos que perecemos Senhor lhe chamam, & não Mestre;* mas conforme a S. Marcos, *Mestre lhe chamaram, & não Senhor;* & tudo seria conforme S. Agostinho; porque como todos foram a elle a acordallo, hũs lhe chamariam Senhor, & outros Mestre: ou por ventura que todos repeteriam temerosos ambos os titulos. Não sabendo como fóra de si pollo medo da morte, a qual se socorressem, se ao amor, se ao poder. E em hum, & outro acertauam os auisados, ainda que desmayados discipulos, conforme ao que o mesmo Redemptor noutra parte lho approuou quando dixeu: *Vos outros chamaisme Mestre, & Senhor, & dizeis bem, porque hũa, & outra cousa sou.* Pois chamandolhe Senhor, implorauam seu poder, & chamandolhe Mestre lizongeauam seu amor. E bem se mostra que a hũa, & outra cousa se acolhiam, pollo q̄ representauã q̄ padeciã. Porq̄ em dizer: *Saluainos, lhe allegauã a obrigação, que como Senhor tinha de saluar.* E em dizer: *Que perecemos;* estimulauam ao amor, que não sofre perecer seu amado. Dizem logo a vozes: *Senhor saluainos, como quem lhe dizia: Se he verdade que sois Senhor, por vossa conta corre nosso remedio: muito confiadamente vos dizemos q̄ nos salueis, porq̄ vos chamamos Senhor.* Porq̄ este titulo de Señor induz de justiça obrigação de saluar, guardar, &

Theoph. in Luc. cat.

Text.

Orig. ubi s.

Ps. 41. 23.

Naz. in ep.

Apo. 12. 1.

Chrysol. in quada. epist. Reg. n. 11.

Marc. 4. ubi sup.

Aug. 2. de conf. Euange. hystarũ 1. 24.

Ioan. 13. 13.

acodir. Onde o Propheta Zacharias Zach. 9. n. 9 introduzindo ao Messias Rey, logo o introduz Iusto, & Salvador, dizendo: Alegrate Ierusalem, porque vem teu Rey Iusto, & Salvador. Como se quizerá dizer. He Salvador, porque he Rey justo, de obrigação tem o ser Salvador. E esta foi a razão porque entrando a mulher Thecuitis a el Rey Dauid confiadamente, & sem mais preambulos lhe dixeu: Rey acodeme. Porque em falar assi, & chamarlhe Rey, já não lhe pedia favor, senão justiça em lhe pedir remedio para sua oppressão & necessidade. Logo que S. Lucas acabou de contar do titulo da Cruz, começou a relatar a petição do Ladrão. Pois que poder via o santo Ladrão, em hum justificado? que riquezas em hum crucificado? Enxergou o reyno nesse Senhor, ainda que escondido (responde por elle S. Ioaõ Chrysoftomo) na cabeça titulo de Rey; como não pedirei confiadamente que me salue?

12 Bem requerem logo os temerosos d' discipulos sua justiça & clamam: Senhor saluainos, que nos perdemos. E em dizerem que totalmente perecẽ encarecendo o extremo do perigo, obrigam a providencia, & misericordia diuina. Como aquelles que bem sabiam, que por maior que seja a tribulação, o Senhor he o que ajuda nas maiores oportunidades, como diz o Psalmista; isto he, nas occasiões de maior importancia, que he quando já não ha que esperar mais que na misericordia diuina. Por quanto faltando já a força a todas as causas segundas obrigação he da primeira, & suprema causa acodir ao remedio, que falta. Porque como diz S. Ieronimo: Necessario he que acuda o socorro diuino, quando se acaba o humano. Esgotadas estavam as diligencias humanas, & os Israelitas cercados de aguas do mar, & dos exercitos do poderoso, & irado Pharaõ; se bem mais queixosos que contritos (como diz Caietano) clama-

ram ao Ceo fortemente, & toda via foram ouvidos, & não pereceram naquelle extremo. Sobre o qual diz S. Agostinho: Estauam mettidos os Judeos entre o mar, & entre os inimigos; entre as ondas, & entre as espadas. Daqui escumaua o mar, dalli reluziam as armas; daqui o estrondo do mar, dalli o das armas. Assi costumou Deos fazer aos seus; para que onde faltar o conselho humano, alli se metta de por meyo a ajuda diuina. E S. Paulo diz: Fiel he Deos, que não consentirá que sejais tentados sobre aquillo que podeis, E assi o espertarem os discipulos ao diuino Mestre, lembrando lhe que pereciam, nenhũa outra cousa era, senão acordar lhe q̄ era tempo de acodir elle, porque chegaua a tormenta já a desesperados termos. Por onde diz S. Boaventura, que os discipulos o chamaram não por atreuinto de animo, mas por necessidade de remedio.

13 Quando tu pois vites a porfiada furia dos ventos, que combatem o pobre baixel de teu coração, & quasi o soçobra com a importuna soberba das ondas das tentações: não acudas a Deos leuemente, nẽ lances mão dos remedios mais faceis; mas cõ grãdeancia do espiritu clama, & grita: Senhor saluame, que pereço, se vós não acodis; eu me perco, se vós não me tẽdes. Alguns ha, que postos no meyo da tentação, & tribulação, como baixel no meyo das ondas, & ao impeto dos ventos, clamam pollo Senhor, & por seus Santos. Mas como delles diz Dauid: Chamáram, & não ouue quem lhes acodisse ao Senhor, & nem por isso os ouuiu. Antes ficaram como pó à disposição do vento; & a razão he porque chamam ao Senhor, & não se chegam a elle a despertallo. Fazem de conta que Deos ouue bem, & fallam lhe de longe & não sabem que he descortezia, podendo chegar se a elle, o fallar lhe de longe. Pollo contrario aconselha o Propheta: Chegai uos a elle,

Exod. 14. n. 10.

Caiet. ibid.

Aug. ser. 89. de temp.

1. Co. 10. n. 13.

Bon. in Luc. 8.

Pf. 17. n. 42.

Pf. 33. n. 6.

elle, & ficareis allumiados, & não se enuergonharaõ vossas faces. Chegaiuos por deuocão, chegaiuos por contrição, & chegaiuos por penitencia; jejum, & disciplina, como verdadeiros discipulos, & logo esperarà, & vos acudirà o piedoso Mestre. Quem dorme não acorda às vozes de longe, se não se chegam a elle de perto. Bem alto gritauam os Sacerdotes de Baal, & mais não eraõ ouvidos; & nem os beiços mouia Moyses, & dizialhe Deos, que para que clamaua tanto. Como se dixerá, conforme a S. Ambrosio: Tu só me clamas, que espertas minha virtude.

Reg. 18. n. 27.
E. ed. 14. n. 10.
Amb. in Pf. 118.

14 Falando ainda mais espiritualmente em Christo se entende o Prelado da Religiaõ, que tal vez se lança a dormir sobre o governo. E como o Prelado se descuida logo he feita contra a Religiaõ grande tormenta, de tal modo que a ordem se vai relaxando, & acabando. E sopram os ventos da ambiçam, & soberba, & se empollaõ os mares da sensualidade. E totalmente se acabarà tudo, se os subditos por zelo da Religiaõ não espertarem ao Prelado, & zelarem o bem da ordem, & a regular disciplina. Porque se todos se deixarem ir, ou se atiuerm hús aos outros, todos juntos pereceraõ. Muito conuem logo que todos, & cada hum delles adurta ao Prelado nas occasiões de perigo, & o acorde dizendo, Senhor saluanos, que perecemos. Olhai que nos perdemos, acodi ao governo, attentai polla barca, que se vai apique. O maior castigo que Deos pode ameaçar á sua vinha mais estimada, foi que lhe derrubaria a cerca, & não aueria nella quem podasse húa vara, nem quem cauasse duas horas; mas que todos os que podiam cultiualla a deixariam encher de mato, & por de pousio. E noutra parte lhe diz com ameaço mais terribel: Serà tirado de ti meu zelo. Hay da Comunidade onde a lizonja faz adormecer com suaue musica ao Prelado, & abona por

Isai. 5. n. 6.
Ezech. 16. n. 42.

bondades seus descuidos, & por branduras suas neligencias. E onde não ha zelo nos particulares para reprender o publico, aduertir o secreto, & clamar o relaxado; Cain he, & culpado na morte de seu irmaõ, o que na Religiaõ cuidar que não està à sua conta, se guarda delle, se responder com o pueruo: Eu por ventura sou guarda de meu irmaõ? Peior he o tal no paraíso da Religiaõ, que o damnado no inferno. Porque este pedia a Abraham deffe licença a Lazaro para ir aduertir a seus irmaõs do que lhes era necessario para se saluarem; & tu deixas assi perder a teu irmaõ, sem o aduertires podendo, & guardando pontualmente as regras da fraternal charidade. Perdido pois ficaràs tambem tu, se a barca se afundar, & não fizeres por espertar quem a gouerne.

Gen 4. n. 9.
Luc. 16. n. 17

LIÇAM III.

Da reprehão qua o Senhor deu aos discipulos.

15 **R**Eferido como os discipulos espertaram ao Senhor, se poem em terceiro lugar a reprehão, que lhes deu, pollo qual se segue em o texto. *E dixelhes: Que estais assi temerosos homens de pouca fé?* Isto dixeu o Senhor ainda deitado, como estava; posto que noutros Euangelistas se dé a entender o contrario. Olhando para cada hum delles com todo o repouso, os animaua com a mesma reprehão. Porque em lhes reprender a pouca fé lhes daua confiança de saluação por sua bondade; & em seus olhos considerauam duas estrellas bastantes a serenar as mais terribéis tempestades. E reprehendeos assi, por lhe ficar a reprehão mais secreta. Onde tambem se ha de notar que o defeito, que os discipulos auiam de ter, deu ordem em que fosse entre elles samente: tomandoos sós na barca; & ainda nella sem apparecer, & deitado de modo, que não o vissem, nem ouvissem outros alguns. Dandonos bóa doutrina, conforme a S. Ioaõ Chrysofostomo, de

Text.
Chrysof. ho. 19. in Matf.

que os defeitos dos domesticos, como tambem os dos Sacerdotes, & Prelados da Igreja, se não haõ de reprêder em publico, & onde os de fóra o ouçam, ou o saibam: & sabendo tenham em menos sua virtude, & authoridade. E assi lemos que entre as diuerfas pragas, & açontes, que Deos mandou a Egypto, foram hũas mui densas treuas, que cobriram a terra tres dias inteiros. As quaes de sentença dos Rabinos, diz Nicolao de Lyra que não só forão como as mais, para castigar aos Egyptios; mas tambem porque entre os mesmos Israelitas auia algũs maos, & para lhes Deos dar o castigo lançou aquella capa de treuas, para que os Egyptios não vissem o que passaua entre elles, & como tambem tinham culpas, porque Deos os castigasse.

16 E tambem não quiz o Senhor reprender aos discipulos em publico, para mostrar com seu exemplo que aquelles, que auiam de ser Sacerdotes, & Prelados não auiam ja mais ser em publico reprimidos, nem ainda do Prêgadores. Em confirmação do qual he celebre o que se conta do grãde & pio Emperador Cõstantino, que diz a: Se com meus proprios olhos vísse peccar hum Sacerdote de Deos, ou algum daquelles que trazem habito de religioso; tomara a minha capa, & a cobrira para que não fosse de outrem visto. E prosegue o Papa Nicolao escreuendo ao Emperador Federico, que como os Sacerdotes são paes das almas, deuem todos os bons filhos, como os de Noe, tirar as capas para encobri-lhes qualquer falta: & não reuelar-lha como Cham sem respeito, nem piedade. E sem duuida, se os Sacerdotes, & Prelados da Igreja são paes das almas. Deos mortal & Deos creado chamou S Gregorio Nazianzeno ao pae natural; quanto mais ao espirital se deue honra, & respeito diuino? Conforme o ensina o Ecclesiastico, quando o poem quasi em hum

mesmo predicamento, dizendo: Em toda tua alma teme a Deos, & santifica aos Sacerdotes, com todas tuas forças ama aquelle que te fez, & não de fempares a seus ministros. Honra a Deos de toda tua alma, & hõra a seus Sacerdotes. Onde he muito de notar, que tres vezes encommenda a Deos, hũa que o temam, a segunda que o amem, a terceira que o honrẽ. Quasi exprimindo o mysterio da Trindade temendo ao Padre que criou, amando ao Filho que remio, honrando ao Espirito Santo que justificou. E no mesmo ponto quer que os Sacerdotes se temam, se amem & se honrem: & como não he licito pôr a boca em Deos, & no Ceo? assi tambem o prohibe o

17 Como a amigos pois, como a futuros Sacerdotes, & Prelados da Igreja reprende o Senhor mui em secreto aos discipulos dizendo: Que estais assi tão temerosos, homẽs de fraca confiança? Onde Origenes diz: Oh verdadeiros discipulos, tendes com vosco ao Saluador, & temeis perigo? Estã com vosco a vida, & tendes cuidado de morte? Conforme a isto reprende o Senhor aos discipulos de pouca confiança com muita razão, porque com certeza de que Deos está com hũa alma, que mal se pôde temer & que bem se não pôde esperar? Mui confiado estaua por certo Dauid quando dizia. Ainda q̃ eu me veja andar no meyo da sôbra da morte, não temerei mal algum, porque vos estais cõ migo. Por mais deserto que o mao Propheta Balaam vio ao pouo de Israe l, toda via considerando que alli estaua

Exod. 10.
n. 21.

Lyr. ibid.

Cap. in scrip
turis n. 96.

Gen. cap. 19.
n. 2.

Naz. carm.
ad Vnallianum.

Ecol. 7. n. 31.

Clem. Religiõsã de priuileg.

Orig. hom. 6.
ubi sup.

Ps. 11. n. 4.

estava seu Deos com elle, logo lhe seguiu a vittoria dos mais poderosos inimigos, exclamando para o povo dizia: O Senhor Deos seu está com elle, & o som, & acclamações de victoria do Rey nelle está. Como se considerara, & assentara que tendo o povo a Deos consigo, nenhum mal lhe ficaria, que temer, nem difficuldade, que vencer. A Iacob mandou Deos ir caminho de sua terra sobre sua palavra, & de sua companhia dizendo: Tornate para a terra de teus paes, & para tua geração, & eu serei contigo. Pois como, Senhor, mandais assi Iacob a risco de perder até isso, que com tanto trabalho tem na terra alheya grãeado? Não vedes que ao caminho lhe ha de sair seu sogro, & o pôde despojar de quanto lhe leua? E que chegue a sua terra não lhe fica nella em seu irmão mais poderoso inimigo? Responde S. Ambrosio dizendo: Nada pôde faltar a aquelle, com quem vai a mesma abundancia de todas as cousas: Este só perfeitamente tem tudo, a este lhe não falta cousa alguma, & tudo para este se ordena. Encarecidamente pedia Moyses a Deos que lhe mostrasse sua gloria, & elle o despachou dizendo: Aqui está hum lugar junto de mi, sobre hũa pedra, que ahi está, te deixa estar comigo: que assi se le do Grego. Polla pedra entendeo S. Gregorio Nisseno a Christo, & em sua companhia delle todo o bem está; como o mesmo Senhor dixeu a Moyses: Eu te mostrarei todo o bem. Logo todo o bem que se podia desejar, te tem na companhia de Christo.

18 Não andaram logo bem os discipulos em desconfiar tendo consigo a seu bom Mestre Iesus Christo. Quanto mais que ventura maior podiam elles desejar, que se se ouvesse algũ dia de morrer, morrer com elle? Não era por ventura melhor morrer em companhia de Christo, que viuer sem elle? Que cuidaueis, ô sagrados discipulos, que se faria de vosso Mestre se a barca

se perdesse? Se se ella ouvesse de salvar, auiauos elle a vós deixar alagar? E se elle ouvesse de morrer, que mais bê querieis que morrer onde Deos morresse? Quando Dauid naquella tormenta, & alteração do Reyno fugia de seu filho Absalaõ, compadecido de Ethai Getheo o persuadia que se tornasse, & deixasse ficar seguro em a cidade: o leal amigo, & valeroso homem respondeu. Viue Deos, & viue el Rey meu Senhor, que em qualquer lugar que vós estiuerdes, senhor Rey meu, ou na morte, ou na vida, ahi estará vosso seruo. Teue por certo este grande varão, por mais glorioso arriscarse a seguir morto a seu Rey morto, que viuer seguro sem sua companhia. Bem aduertio S. Gregorio que seguindo os exercitos do Ceo a seu Capitaõ (os Martyres a Iesus crucificado) se dizẽ com tudo irẽ em cauallos brancos, & libreas todas brancas. Pois como Martyres hiam de branco, principalmẽte, quando ahi mesmo o Capitaõ se affirmava ir de vermelho, & todo o vestido salpicado de sangue? O caso he que como morriam com Christo, & onde elle morria, nem tinham aq illo por morte, nem se tratauam como quem padecia; antes como quem triunfaua tirauam libreas brancas, esquecendo-se do vermelho de seu sangue, em que se alagauam.

19 Apoucados logo andaram os discipulos em recetar alagarem se com seu bom Mestre Iesus Christo. E assi se pôde entender a reprehensão que lhes deu: Porque assi estais timidos, homens de pouca fé? De modo que alli Fé se explique por lealdade; como se lhes dixera. Se vós foreis discipulos verdadeiros, & amigos leaes, pouco receareis padecer commigo, & se necessario fora, morrer com vosso Mestre. Porque a lealdade nem respeita a vida, nem teme a morte. Mas com propriedade alli se poem Fé por confiança, como se lhes dixera: De que tendes medo, homens a quem fra-

Num. 23. n. 21.

Gen. 31. n. 3

Amb. epist. 4

Exod. 33. n. 21.

Nissen. apud mes.

2 Reg. 31. n.

Greg. 31. mor.

12

Apo. 19. n.

14.

queou a confiança, que em meu poder deueis ter? Porque vistes que serrava os olhos, & dormia hum pouco, logo afracastes de confiança, & destes em desconfiados? Não tendes por certo razão; porque como está escrito: *Gant 5. n. 2* Eu durmo, mas meu coração vela. Porque o coração, que sempre ama, nunca dorme; & se quem tem à sua conta a guarda de Israel adormecesse, bem se seguiria que seu coração não amava a esses, que tinha de guardar. Mas o que he per natureza Senhor, não pôde ter descuido, que o adormeça. Do Leão Rey natural de todos os animaes dixe Plutarcho, que era animal do Sol. Porque assi como aquelle Rey soberano dos Planetas nunca ferra os olhos, ainda que pareça dormir nos Antipodas; assi o Leão dorme, quando dorme, sempre com os olhos abertos. E a isto pôde ser que alludisse Iacob, dizendo de seu filho Iudas, de cujo Real tribu descendeo o Redemptor Iesus Christo, que se lançaria a dormir, como Leão. Que estais logo de desconfiados temerosos, ò discipulos? Não sabeis que tendes hum Mestre, cujo governo he húa vara, que com mil olhos sobre os seus vigia? A Ieremias perguntou Deos: Que he o q̄ vez Ieremias? Húa vara (respondeo elle) que está vigiando, isto he o que vejo. E do Hebreo se le: Húa vara de olhos. Pois bem viste (tornou Deos) por que eu vigiarei sempre sobre minha palavra, para que a faça cumprir. E qual fosse essa palavra, no seguinte capitulo se declarará, mandando ao Propheeta, que proteste, & clame que por maiores trabalhos, em que se vejam não desconfiem, porque elle terá cuidado de liurallos ao melhor tempo.

20 Arguindo pois o Senhor soberano aos discipulos de pouca fé, os deixou reprendidos de coitados, pois reduziam sua mesma esperança a termos limitados devendo ella medir-se polla Fé a largueza sem limite. Não

contentam a Deos animos acanhados, nem gente, que corta o remedio de suas necessidades, pollo desejo que tem de liurar-se de males. E foi como se lhe dixeram: Pareceuos que a tormenta hia ja sem remedio, & que o termo era estar eu acordado? Eis me aqui acordado, & mais a tormenta não amaina. Cuidaeis que vos furtaveis ao trabalho, & cortastes vos apoucados. Fraca, & limitada foi vossa Fé, pois vos acanhou, & estreitou tanto a confiança. Oh quantos ha ainda dos exercitados em virtude, & paciencia na companhia de Christo, & padecendo com elle suas tempestades, cuidam que o remedio he letra, que se ha de pagar à vista de sua oração, & feruores. Aos semelhantes pollo Propheta *Abac. 2 n. 3.* A bacu diz o Espirito Santo Mestre soberano das almas: Olha se fizer detença, que esperes, porque elle virá, & não tardará. Olha que o que he incredulo, não he sua alma discreta em si mesmo, porque o justo em sua Fé vive. E S. Paulo como explicando o lugar, governandose polla lição dos Setenta diz assi: Ainda daqui a hum pouco tem de vir o que ha de vir, & não tardará: mas o meu justo yive da Fé; & se se furtar o corpo, não contentará a minha alma. Não he logo justo que furtandonos ao peso dos males, polla detença que vé a Deos, fazer no sono de sua permissão divina; afoguemos a esperança, que sempre deue nadar sobre todos os trabalhos. Isto quiz David allegar a Deos quando dizia: Hia a minha alma quasi desfallecendo em esperar vosso remedio; mas eu fui sobre esperando em vossa palavra; isto he, nadando sempre sobre os trabalhos; & conforme a explica *Guerrico: ac-* *Aduent,* *Guerrico: ser. 1;* *Aduent,* centando confiança à tribulação, esperança à dilação.

21 E se esta desconfiança, & afogamento de esperança he muito para reprender em todo Christoão, com particular razão a reprende Christo nos discipulos, nos que auiam de sair **Tou-**

tores, & Pastores da Igreja como já a valero. a Iudith reprendeo nos Sacerdotes de Berulia reduzir em suas esperanças a termos limitados, & limitarem termos, ao remedio diuino. Porque aos Principes, & grandes da Igreja não conuem animos coitados; antes deuem ser suas confianças mais valentes, como importa que seja mais robusta a Fé, & mais animosa. Bom seria que os que haõ de ser Capitaes fraqueassem facilmente, & se deixassem entrar do temor, com que não pudessem dar saída às maiores difficuldades. Se bem attetarmos acharemos que aquelle carro de sua glo.ia. figura da Igreja, era tirado, & levado por quatro espiritos. cujas figuras eram dos quatro principaes animaes, que aos maiores perigos sabem dar saída triu-fantes, sem perderem hum ponto de seus briosos animos. Porque o lion em prudencia se furta às maiores aduersidades. O Leão com generosidade vence os maiores contrarios: o boi com força, & robusteza rompe nos maiores apertos & a Aguia com ligeireza se liura dos maiores perigos. Taes haõ logo de ser os Principes da Igreja, aquelles que em dignidade ou instituto tem obrigaçam de fazer triu-fante a essa Igreja entre as maiores tempestades das perseguições. Porque segundo Daniel tambem saõ quatro os ventos que pelejam no grande mar da Igreja, & o fazem alterar com extraordinario mouimento. E quatro as grandes, & feras bestas, que contra o Reyno da Igreja se leuãtam. Necessario he logo grande esforço de animo, & grande fortaleza de Fé.

L. 1. c. 1. M. 17.

Como o Senhor mandou cessar a tempestade.

22 **P**osta a reprehensão, que o Senhor deu aos discipulos, contase em quarto lugar, como mandou cessar a tempestade; pollo qual diz em o texto. *Então leuantandose, mandou aos ventos, & ao mar, & foi feita*

grande bonança. Depois que teue com a reprehensão informados, & esforçados na Fé aos discipulos; então se leuãtou em pé enfima do leito da barca, em lugar donde todos o podiam ver. He a Fé tal fundamento de todas as obras diuinas, que em quanto ella não está assentada, não se poem pedrã no edificio. Da luz, que o Creador quiz ante todas as cousas tiuesse o mundo, diz Hugo Victorino, que começado Deos suas obras para acaballas; primeiro de tudo fez essa luz, para que depois fizesse na luz todas as mais cousas. Como se fosse a luz o fundamento, sem o qual posto nenhũa das outras obras diuinas procedera. Pois assi se há a Fé, luz verdadeira da Igreja, & da alma. Acerca da qual diz Eusébio Emisseno: A Fé da Religião Catholica he lume da alma, porta da vida, fundamento da saude eterna. Sem esta he como se sem fundamento se edifique hũa casa; ou se deixada a porta quizer entrar pollo telhado, ou se de noite queira andar sem lume. O de cima he de Emisseno. Para Deos confirmar a Abraham a promessa da terra de promissão, primeiro esperou que elle assentasse com elle justiça pollo Fé, de que diz a Escritura: *Creo Abraham a Deos, & foilhe contado por obra de justiça, & sem ella lhe não prometteo a tal terra.* Sobre o qual diz S. Ambrosio: *Imitemos a Abram, para que sejamos herdeiros da terra pollo justiça da Fé, pollo qual elle foi herdeiro do mundo.* Nem faltou quem notasse que o primeiro tribu, de que se faz menção no Apocalypse para habitação da celestial cidade, foi o de Iudá; porque Iudas quer dizer confissão, insignia da Fé.

Gen. 1. n. 3.

Hug. Vid. ibi.

Emiss. hom. 2. de symb.

Gen. 15. n. 6.

Amb

Apoc. 7. n. 5. *Vier. ab. Cōment. 5. sect. 8. n. 6.*

23 Bem aponta logo o Evangelista o tempo em que o Senhor se leuãtou para fazer a marauilhosa benança; que foi depois que pollo reprehensão teue bem instruidos aos bemaventurados discipulos em a Fé, sem a qual não podia fazerse obra algũa marauilhosa.

Por

Iudith. 8. n. 10.

Dan 7. n. 3.

Tav.

Por isso diz q̄ entãõ, q̄ he depois da re-
 préção, se levantou, & deixou o lugar
 do repouso, & descanso, q̄ hia roman-
 do, & tratou do remedio dos discipu-
 los trabalhados. Que não era já razão
 que visse elle aos seus em tanta afflic-
 ção, & trabalhos, & que elle estivesse
 muito descansado repoufando. Não
 he este por certo o costume de Deos;
 antes entrando o grande soldado Es-
 teuã a pelear vio a seu Mestre, & Se-
 nhor Jesus Christo e pé, para ajudallo,
 & coroallo, como diz S. Greg. Os Prin-
 cipes do mundo ficam descansados
 nos regalos da Corte, quando os seus
 soldados andam reuoltos em seu san-
 gue no campo. E o que mais he de cho-
 rar, que muitos Prelados mandando a
 seus subditos cargas intoleraveis: elles
 nem com o dedo lhes tocam paraaju-
 dallos. E ainda mal porque de ordi-
 nario se segue pouco mais, ou menos
 o que ao Rey David, quando estando
 seus soldados, & a propria arca do Te-
 stamento no campo, elle se ficou em
 seu paço ceuãdo o appetite illicito. Po-
 ré o Mestre diuino logo aos trabalhos
 se levanta não só pera se deleitar em
 ver pelear valentemente: nem só pa-
 ra premiar ao que vencer, mas tam-
 bem para com elles pelear juntamen-
 te, & os ajudar piadoso. Acerca do
 qual diz S. Ioaõ Chrysofomo: Não
 acharã por certo alguẽ tal cousa em
 os jogos Olimpicos; porque alli estã
 quedo o ayo, & padrinho: & sómente
 olha como os mais: nem o pôdeaju-
 dar em cousa algũa, mas espera que se
 leue a vittoria. Porem nosso Senhor
 não he assi; mas juntamente comnos-
 co pelear dá a mão & juntamenteaju-
 da; & quasi de todas as partes nos en-
 trega o inimigo. E tudo faz, & se can-
 sa, porque na batalha estejamos for-
 tes & vençan os, para nos pôr a coroa
 eterna. Atẽqui taõ palautas de Chry-
 softomo.

24 Leuantar se pois o Senhor, não
 he outra cousa senãõ compadecer se,
 & mouerem se as entranhas de miteri-

cordia, para nos visitar desde o mui-
 alto. Porque nem a misericordia o
 consente estar deitado, se bem a justi-
 ça por algum tempo lho permite. Cõ-
 forme a isto diz o Psalmista falando
 do tempo em que Deos parece que
 lançado a dormir permittio tanto mal
 em seu pouo até o cattiveiro da Arca
 do Testamento: Leuanteuse o Senhor
 como quem dormia, como poderoso,
 que se avia tomado de vinho. E nou-
 tro Psalmo diz Leuante se Deos, & de-
 struam se seus inimigos; & os que lhe
 querem mal, fujam de diante de seu
 rosto, Os olhos, que a justiça tinha
 feito cerrar, a piedade os abre, confor-
 me aquillo: Abri Senhor os olhos, &
 vede nossa tribulaçãõ. Aquellas pala-
 uras que Abraham dixẽ no monte cõ
 mais confiança ainda q̄ pena, conuẽ a
 saber: No monte. o Senhor verã; af-
 firma S. Ieronimo que passaram em
 prouẽbio aos daquelle pouo: de tal
 sorte, que quando algum se via em
 grande aperto, a que não sabia dar
 fãida; logo levantando os olhos, &
 mãos ao Ceo dizia. No monte, o Se-
 nhor verã. Queriam dizer nisto: Assi
 como Deos teue compaixãõ de Abra-
 ham, assi a terã de mi. Em confirma-
 çãõ disto parece o que a desamparada
 Agar alcançou de remedio: pollo qual
 chamou àquelle lugar: Poço do que
 viue & do que vé. Como quem dizia:
 Conforme Deos me desamparaua no
 meyo de tanta afflicçãõ, parecia que ou
 estaua para mi morto, ou para me ver
 dormia. Mas o caso he que elle he
 Deos que viue & Deos que vé; Deos
 que abre os olhos, & se levanta para
 remedio dos affigidos, & desampara-
 dos. Sobre o qual diz Rabano: Com
 muita razão lhe poz tal nome; porque
 de graça attenda pollos miseraueis, &
 consola aos humildes em sua tribula-
 çãõ; Pollo qual se diz em o Psalmo:
 Vds considera is o trabalho, & a dor.

25 Chã duas condições taõ necessa-
 rias para os Prelados, & sem as quaes
 tantos (ainda mal) deixam perecer na
 tribu-

Ps. 77. n. 65.

Ps. 67. n. 1.

Ecl. & Dan
9 n. 18.

Gen. 22 n. 14

Ieron. in Gl.

Gen. 16. n. 14

Raban. in
Gloss. ad il-
lud Tu Deus
qui vidisti
me.

Ps. 9. n. 44

Num. 2. n.
7.

Deut. 33. n.
17.

Exod. 19. n.
19.

Rup. ibid.

tribulaçãõ aos tristes subditos . Ter vida de graça , vida de espirito , que darlhes: como Deos dizia que auia de tirar do espirito de Moyses , para dar aos mais juizes. E trazer os olhos abertos por cuidado, & diligencia ; do qual se gaba em as Escrituras o mesmo Moyses, que sendo tão velho, nunca perdeu hum ponto de sua vista. Porque que vida pôde dar hum espirito morto ? que espirito pôde repartir com os outros , quem for na oraçãõ indevoto, na vida regalado, no procedimento dissoluto ? Ou como ha de ver a sede do miseravel , quem em si toma toda a agua do regalo ? Com que olhos ha de ver a tribulaçãõ do afficto quem tem os olhos enueoados de paixãõ, & cegos de odio ? Como ha de ser poço de aguas viuas, o que he a mesma secura para os subditos ? Aprenda logo de Deos o Prelado a ser para os tristes como Agar, poço do que viue, & do que vé : para se levantar por cõpaixãõ, ainda que seja do mais espiritual, & diuino repouo. Em o monte estaua Moyses abraços com Deos, & dalli o mandou elle decer a tratar o que importaua ao gouerno do pouo. Sobre o qual diz Ruperto: Isto foi para exemplo dos que auiam de ter prelazia no pouo de Deos como Moyses ; aos quaes muitas vezes quando mais desejosos de se darem apertadamente à contemplaçãõ das cousas diuinas; impede a causa, & o cuidado dos subditos. Porque por exemplo do Salvador, que do seyo do Padre sahio por amor de nõs , saõ constringidos algũas vezes a deixar a doçura da altissima contemplaçãõ, & condescender aos pequenos, & tratar com elles negocios temporaes . Como S. Paulo, que arrebatado até o terceiro Ceo, deceo de tão altas cousas, a tratar outras tão baixas. Atéqui he de Ruperto.

26 Bem se leuanta logo o Senhor despertado pollos discipulos, abre os olhos, & deixado o repouso, que seu cançado corpo hia tomando; se poem

em pé, & manda aos ventos, & mares que se callem, & se quietem. Se no fono mostraua ser verdadeiro homem, eis agora na imperiosa acçãõ sobre os ventos, & mar se declara ser verdadeiro Deos. Porque o mandar a creaturas insensueis he imperio, & jurisdicãõ sómente diuina. Porque Moyses ferio ao mar, & foi diuidido: Iosue entrando a Arca do Senhor, secou ao Jordão: Elias com sua capa apartou o rio; mas nenhum delles reue authoridade de mandar, & só Christo mandou. Antes parece que mais eram em figura milagres do instrumento, com que obrauam que imperio seu. Porque na vara obraua a virtude da Cruz: na Arca, & na capa a virtude da humanidade do Salvador Iesus Christo. E já pôde ser que se tão mal tomada foi de Deos a acçãõ, com que Moyses ferio a pedra para darlhes agua; foi porque o fez com algum mais imperioso modo do que conuinha a hum puro ministro. Porque o mandar he só do Senhor, o qual agora manda aos ventos, & mar que se quietem. E não se ha de cuidar impiamente que o Senhor mandou ao mar, & ventos, ou ainda os ameaçou, como tem outro Euangelista; porque esses ventos, ou esse mar, sejam em algum modo sensueis, ou animaes; mas porque elle he o Autor, & o Senhor de toda a natureza, & pôde fazer tudo o que quizer de todas as creaturas com só sua diuina palavra. E portanto se diz que mandou, & que ameaçou: não porque estas acçoẽs fossem necessarias para fazer callar os vãos, & quietar o mar; senão porque como obraua humana, & sensuamente, era necessario fazer acçoẽs sensueis, & humanas, pollas quaes se visse que elle era o que imperiosamente, & como verdadeiro Deos obraua aquellas maravilhas. E já entãõ alli se figuraua a força dos Sacramentos, que obrando espiritualmente se fazem com tudo com exteriores, & sensueis sinaes.

27 Segue se em o texto. E foi feita Tex. grande

grande bonança. Isto he, de emproui-
so, & em continente, sem detença al-
gũa, nem rastro da passada tormenta.
Porque tudo obedeceo ao aseno do
Creador, & respeitou sua diuina pa-
laura. Segundo o que se diz em o Ec-
clesiastico: Em sua palaura callou o
vento, & em hum pensamento aman-
sou o abismo. E em o Psalmo: Vós
dominais sobre o poder do mar, &
mitigais o mouimento de suas ondas.
E noutra parte, que os ventos das té-
pestades obedecem a sua palaura. E
noutra: Dixe, & esteue quieto o véto
da tempestade. Sobre o qual diz Sam-
loão Chrysoftomo: Nisto se mostra
que logo toda a tempestade se acabou,
& nem rastro de turbação ficou, o
qual era cousa estranha; porque quan-
do a tormenta se acaba naturalmente
até dahi a muito tempo as aguas se fi-
cam rebatendo; mas aqui tudo junta-
mente se acabou. Donde o que do Pa-
dre se diz falou, & esteue quedo o ven-
to de tempestade; isto compriu Chri-
sto por obra, & com só sua palaura, &
preceito amansou, & refreou o mar.
Atéqui são palauras de S. Ioaõ Chry-
softomo. Para melhor apparecer a vir-
tude do Redemptor Christo & campear
a gloria do milagre, se fez repentina-
mente aquella bonança. Ensinando
nella aos perseguidos de sua Igreja
naõ temer muito o que ha de durar
pouco; cõforme àquillo q̃ se escreue no
liuro de Thobias; q̃ depois da tormeta
faz bonança. E como Deos està mais de
alto q̃ toda a soberba dos mares, nun-
ca pôde soçobrar a nao, em que elle
for, ainda dormindo: Pollo que o Pro-
pheta diz: Admirauéis são os leuanta-
mentos do mar, ou suspensoes delle,
como lem outros: mas admirauel he,
nas alturas o Senhor. Sobre o que diz
S. Agostinho: Quando se embravece
o mar, penduraõ e as ondas; espanto-
sas ameaças, espantosas perseguições;
mas olhai o que se segue: Espantoso
nas alturas o Senhor. O de cima he de
S. Agostinho.

28 E naõ só foi feita bonança mas
grande bonança. Sobre o qual diz Or-
igenes: Mandou aos ventos, & ao
mar, & de tormenta grande foi feita
bonança grande; porque a hum gran-
de conuemlhe fazer cousas grandes.
E por isso o que grandemente reuol-
ueo o profundo do mar, agora outra
vez tornou a fazer grande bonança;
pera que os discipulos dantes mui per-
turbados se alegrassem grandemente.
Atéqui Origenes. Donde temos argu-
mento que à medida da tribulaçõ
acode Deos com a cõsolaçõ. E alem
disso, que nunca he maior o gosto co-
mo quando foi grande a tormenta; &
nunca o marinheiro mais alegre no
conõez da nao conuerfa, que quando
falados transes da passada tormenta.
Porém naõ he menor a razão, que
temos os racionaes de nos correremos
da desobediencia, & quando menos,
imperfeita obediencia, que temos com
Deos, a quem com tal pontualidade
obedecem os ventos, & o mar, & as
mais insensueis criaturas. A Iosue o-
bedecia o Sol, & lhe desobedecia o seu
soldado. E a Elias obedecia o Ceo, &
perseguiamos da terra: a Christo se
quebrauam as pedras, & ficauam in-
teiros os corações dos homẽs. E os que
chegam a obedecer o fazem com tan-
ta imperfeição, & com taõ pouca põ-
tualidade, que os ventos, isto he, os so-
berbos, nunca acabam de callar, & o
mar, que he o sensual, o auarento, o
iroso, & o tragador, nunca acaba de se
quiarar. Aprendamos pois a perfeita
obediencia, com que ao Salvador se
somette a furia dos ventos, & a braue-
za do mar.

L I Ç A M V.

Do espanto, que nos circunstantes causou, o milagre.

29 **O** Brado o milagre da bonã-
ça, concluese apontando
o espanto, que causou o milagre. Pollo
qual diz o texto. *Os homẽs pois se es-
pantaram dizendo: Qual he este, que os*
ventos, & mar lhe obedecem? Quem
foiem

Orig. hom. 6.
in varijs.

Ecc. 41. n. 23.

Ps. 78. n. 10.

Ps. 106. n. 15.

Chrysoft. ho.
29 in Mat.

Thob. 3. n. 21.

Ps. 92. n. 6.

Aug. ibid.

Texi

fossem estes que neste milagre se chamam homens que delle se espantaram; não he averiguado entre os sagrados Doutores. Porque os mais tem para si que não eram os discipulos, de quem Origenes affirma que nunca foram chamados homens; mas os passageiros, & marinheiros, & outros que na barca hiam. Outros dizem, que os discipulos foram os admirados, principalmente escreuendo sobre S. Lucas. O qual como conta a reprehensão que o Senhor deu aos discipulos; prosegue logo. Os quaes mui temerosos fizeram grandes espantos huns para os outros, dizendo: Quem cuidais que he este, porque manda aos ventos, & ao mar, & elles lhe obedecem? E quasi o mesmo diz S. Marcos. O certo seria quanto ao espanto que de todos fosse, assi dos discipulos, como dos outros. E que todos tambem diriam o mesmo de espantados hús aos outros; porque no repentino, & grande espanto nem se determina a pessoa com quem fala, nem se tratta de olhar diante de quem fala: & só trabalha a alma por exprimir sua admiração. Mas S. Mattheos conta sómente como isto dixeram os homens do barco, & outros circunstantes, que viam o milagre; & os outros dous Evangelistas contaram dos discipulos. E como os outros barcos, que da ribeira tinham partido na mesma occasião, padeceriam a mesma tormenta, & gozariam a mesma tranquillidade; dos que hiam nelles se poderá entender o que dos homens aponta S. Mattheos. E assi he mui ordinario nelles supprir hús o que outros deixaram por dizer, como em muitos lugares o aduerte S. Agostinho, & outros Expositores. Porém acrecenta S. Ieronimo: Se alguém porfiadamente quizer que estes, que se espantaram fossem os discipulos; responderemos que com razão se chamauam homens aquelles, que ainda não conheciã a potencia do Salvador.

30 Conforme ao qual parece que

o nome de homens lhes foi posto como em castigo de sua pouca confiança, & falta de perfeição. Porque assi como homem he nome imposto do chaõ, & lodo de que foi creado, & formado; assi he indicio de baixeza de espiritos, & de escuridade de entendimento; com a qual não pôde penetrar as cousas diuinas, & repor-se em ser mais levantado. Donde perguntando húa vez o Senhor a seus discipulos, Quem diziam os homens que elle era, & tomados seus pareceres, tornou a perguntar-lhes: E vós outros quem dizeis que eu sou? Sobre o que diz S. Ieronimo: Attentai que do texto desta practica os Apostolos em nenhúa maneira se chamam homens, senão Deoses. Porque como dixessem, quem dizem os homens que he o filho do homem? Acrescentou: E vós quem dizeis que eu sou? Como se diga: Se elles como homens que são cuidam cousas humanas: vós, que sois Deoses, quem tēdes para vós, que eu seja? Atéqui diz S. Ieronimo. Em chamar-lhes logo homens o Evangelista, notou o baixo em que deram, chamandolhes nome afrontoso de homens; o qual nunca acerta no que cuida de si, & sempre erra no que entende. Donde S. Agostinho ponderando, que David rogaua tanto a Deos, que lhe acodisse, & não preualecesse o homem; por homem entendeo a mesma mentira, & a propria falsidade. Nem he de espantar, pois era sentença sua que todo o homem pollo mesmo caso que era homem, era hum abismo de enganos, em quem nunca podia faltar mentira, & erro. Pollo qual gabandose húa dia Alexandre Magno diante do grãde Diogenes, dixe o Philosopho: Por ventura elle não he homem? Daqui vem que nas escrituras filhos de homens se chamam os que se querem declarar por baixos, ribaldos, mentirosos, & outros semelhantes maos titulos; porque segundo S. Ioaõ Chrysofotomo. O homem he o mal peor que todos os males.

31 Mal fizeram logo em se turbar de desconfiados; porem não ha q̄ estranhar tanto aos discipulos, como n̄e aos outros q̄ o fizessem de admirados; por q̄ de todas as cousas novas, & descostumadas nasce natural admiração, & espanto; quanto mais daquella que com seus olhos viam, & em si mesmo experimentauam, com todas as razões de admiravel. Porque conforme a Hugo muitas podem ser as causas da admiração, h̄as vezes por serem mui grandes as cousas, outras por serem mui piquenas, outras por serem mui raras, outras por serem mui fermosas. Segundo a grãdeza se attende, quando algũa cousa excede na quãtidade o modo de seu genero. Assim nos espantamos do gigante entre os homẽs, da Balea entre os peixes, do Grypho entre as aues, do Elephante entre os animaes, & bestas do Dragaõ entre as serpentes. Segundo a pequenez se considera quando algũa cousa em a quantidade não póde igualarse às outras de seu genero; como a traça, o bicho, o mosquito, & outros. Tudo o de cima he de Hugo. Et tudo junto tinham que admirar naquelle milagre os circunstantes. Porque a grandeza na tormenta foi a maior naquelle genero; como em o texto se diz: Foi feita no mar grande tormenta. A grandeza da bonança foi do mesmo modo, grande tranquillidade. O ser pequena não foi menos digno de espanto; pois foi breuissimo o espaço, & não podia passar de h̄ua hora, em que se padeceo taõ terribel borrasca. Alli esteve por hum fio a confiança; & depois se acabou em hum indiuisivel a tempestade sem deixar de si rastro. E tudo ẽ fim desusado, & descostumado na grandeza, no repente, no imperio, na alegria, & na fermosura, com que as aguas se ficaram.

32 Não foi logo muito o admiraremse todos, pois em todos auia h̄ua mesma razão de espanto. E o que entre seus espantos diziam h̄us para os outros, era: Qual he este, a quem até

os ventos, & o mar obedecem? Como se dixerem conforme a Origenes, não perguntando duuidosos, mas affirmãdo admirados: Qual he este, quama-nho, quam forte, quam grande? Manda a toda a creatura, & não lhe traspassaõ seu preceito; só os homẽs lhe resistẽ, & por isso seram cõdenados. E S. Ambrosio diz: Não dixeram isto os discipulos h̄us para os outros, ignorando quem elle fosse; porque conheciam ser elle verdadeiro Deos, & Iesus Filho de Deos. Mas espantamse da grãdeza do poder, & da gloria da diuidade. posto que fosse semelhãte a nõs, & visuel segundo a carne, E Iansenio diz: Não tinham ainda os discipulos perfeita fé, & estimação de Christo; porque o viam vsar de embarcação para passar de h̄ua banda a outra, & dormir, as quaes cousas arguhiam verdadeiro homem. Tornauã a ver, que elle mandaua imperioso aquellas cousas, que a ninguem obedecem, & que as tinha logo a seu mandado; donde colligiam que era mais que homem, & por isso com grande temor se metiam por dentro: temendo que não sentiriam dignamente daquelle, a que por homem honrauã; nem bastantemente o venerariam. E por isso diziam: Qual he este? Como dizendo: Conuem que seja outro mui differente, & muito maior do que nõs atégora cuidamos. Porque não só manda sobre as doenças, & demonios; mas tambem sobre os ventos, & mar: cousas, a que ninguem efficazmente pòde mandar, & cuja força ninguem pòde reprimir, & a seu imperio, esquecidas de sua natureza obedecem.

33 E segundo o mesmo Iansenio aduitte, ainda que gèralmente o poder fazer milagres, & obras sobre as forças da natureza, seja sempre obra da mãõ poderosa de Deos; com tudo isto que he poder sobre os ventos, & mar, parece ainda mais particularmente reseruado a esse Deos. Porque diz

em Ieremias: Eu sou o Senhor Deos teu,

Hugo de opere
vtrium die
viii.

Orig. hom. 6.
ubi sup.

Amb. in Luc.

Iansen. c. 30.

Ierem. 31. 23.

Ps 64. n. 8.
Verf. Heb.
 teu, que reuoluo o mar, & embraueço suas ondas. E no Psalmo diz: O que reuolues o profundo do mar, & o som de suas ondas. Ou como le o Hebreo: Que tens mão no freyo do mar, & no bramido de suas ondas. E ainda se admiraram pollo desusado modo de fazer o milagre. Porque nem estendeo sobre o mar a vara como Moyses, né lhe lançou a vestidura como Helias: nem com algum outro instrumento de per meyo; senão só com o imperioso mando de sua palavra, acabou a tormenta. Em o qual tudo se declaraua bem manifesto a verdade de sua diuina pessoa. *Chrysof. ho. 49. Mathe.* Donde S. Ioaõ Chrysofomo diz, como lendo assi. Qual homem he este? Porque o som & o que apparecia mostra ser homem; mas o mar, & a bonança mostra ser Deos. No qual pretendia informar aquelles que auiam de ser testemunhas de sua gloria ao mundo, & pedras fundamentaes do edificio da Igreja. Em figura do qual parece que aconteceu antigamente, que auendose de edificar o nouo reyno de Israel na terra de promissaõ, se tiraram das aguas aquellas doze pedras, & se leuantaram para testemunho das maravilhas do mui Alto. Porque do mesmo modo se tiram das aguas estas pedras fundamentaes do nouo reyno da Igreja, às quaes se foram prouer de fé, & de paciencia, & se leuantam em testemunho das obras do Redemptor Iesus Christo.

34 Aqui tem os Prelados claro espelho, a que possam aprender a quietar tormentas, & inquietações de seus subditos, que he acodindo prudentes ao principio dos males, & resistindo imperiosos ás cabeças delles. Onde he muito de notar, que querendo nosso Redemptor amansar aquella inquietação, & feruor das reuoltas aguas, não se cansou com quietar a barca, q̄ não abalançasse, & ao mar que não feruesse; mas aos ventos que não soprassem; porque elles eram a causa de todo o alboroto do mar. De balde se traba-

lha polla bonança do mar se se não atalha a soberba, & importunação dos ventos que o reuoluem. *Gen. 8. n. 2.* Semelhantemente lemos que querendo Deos liurar a terra do diluuiõ, mandouerrar as catacetas, que são as portas do Ceo, ou do ar, & das nuuês, que causauam o diluuiõ na terra. Porque doutro modo sempre seria trabalho baldado o despejar por hũa parte as aguas, se ellas auiam de vir com mais abundancia por outra. Como pois o fez o Senhor, assi o deue fazer o Prelado, que em seu lugar tem o gouerno. Atalhar os ventos que não soprem importunos, & reuoluam a Igreja, Congregação, & Comunidade. *Dan. 7. n. 4.* E assi como quatro são os ventos principaes, que reuoluem o mar, & tantos vio Daniel que pelejauam nelle a saber Norte, Sul, Leste, & Oeste; assi tambem quatro são os vicios capiraes, que inquietam a Igreja, & qualquer Religião, ou Comunidade. A saber Norte seco da auareza, Sul humido da sensualidade, Leste claro da ambição, & Oeste escuro da negligencia. *Apoc. 7. n. 1.* Estes são aquelles quatro ventos que no Apocalypse se viram em poder de quatro Intelligencias que os tinham mão que não soprassem sobre o mar. E o outro Anjo, que tinha o sinal de Deos viuõ (no qual se entende o Prelado) os mandaua que não fizessem mal algum sobre a terra. Como pois o Prelado prudente, & valeroso manda, logo he feita toda a tranquillidade.

35 Tratando tudo isto em espiritual sentido diz assi o venerauel Beda: *Beda lib. 2. in Marc.* A barca em que o Senhor subio, significa a aruore da paixão, polla qual os fieis chegam seguros à firmeza da praya. As barcas, que se diz estarem com o Senhor, significam aquelles que polla fé da Cruz desse Senhor são ensinados; são com tudo combatidos, com a força das tribulações, ou depois das tormentas das tentações gozam da serenidade da paz. E subindo elle à poppa da Cruz, leuantaraõse

as ondas dos perseguidores, que o blasphemavam, excitados pollas tormentas diabolicas. Com as quaes não se turba a sua paciencia delle; mas a fraqueza dos discipulos se combate. E acordam os discipulos ao Senhor: porque com grandes desejos procuravam a resurreição daquelle, cuja morte tinham visto. Resurgindo ameaça ao vento, porque celebrada a Resurreição derribou a soberba do diabo. Mandou callar o mar; porque resurgindo desfez a raiua dos Iudeos. São repellidos os discipulos; porque depois da Resurreição lhes lançou em rosto sua incredulidade. E nós também armados com o sinal da Cruz do Senhor, dispomos deixar o mundo, & subir à barca com Jesus, & pretendemos passar o mar. Porém navegando nós entre os bramidos das ondas, adormece elle: quando no meyo da pretensão das virtudes, ou no meyo do impeto dos immundos espiritos, ou dos maos homens, ou de nossos proprios pensamentos; a chama do amor se esfria. Mas entre todas estas tormentas espertemolo com cuidado: & logo fará amainar a tempeltade, dará bonança, & concederá porto de salvação. Todas estas cousas são do veneravel Beda.

Peroração exhortatoria.

36 **C**onsidera tu pois, ò alma, que fostes tão ditosa, que receste a honra, & ventura da companhia de teu Deos; como te conuem seguillo por mar, & por terra, nas tormentas, & nas bonanças. E cuida que pollo mesmo caso q̄ viues em o mudo

estàs artiscado a mil generos de tormentas temporaes, & espirituas, porque he o mundo hum tempestuoso mar, & hum lago de miserias, & hum abismo de males. Se o Senhor se te adormecer, vigia tu com seu coração, que não dorme: confortese teu coração, & sofre a permissão diuina, com que te deixou tentar. Guardate de que em esse teu coração entre desconfiança, com que hum porto afrouxes do espirito da deuoção, & firme esperança, que sirua de ancora a tua pobre barca, & a tenha segura entre os combates importunos das furiosas ondas. Mas acorda, acorda passo ao Senhor, clamando por oração, & chegandote a elle por confissão, & pegando delle por deuoção, & dizendo com os discipulos: Senhor saluame, que perecerei senão acodes. E com o Propheta: Leuantate Senhor, porque assi dormes? Leuantate, & não me deixes ir, tanto por diante na tentação. Porque Senhor viras teu rosto desdenhosamente: & te esqueces da pobreza de nossas forças, & da tribulação de nosso animo: Leuantate Senhor, & ajudanos; & saluanos por honra de teu santo nome. Porque não acerrem de dizer nossos inimigos: Onde está o Deos destes? E perueuerando em oração confiada, elle se leuantará por piedade, & porá em ti seus olhos diuinos: à vista do qual se serenará as tempestades, & ficarás com elle em bonança passando alegremente em sua companhia o golfo deste mundo, para a outra parte da ribeira, & terra firme da gloria, & bemaumentança eterna. Amen.



REFEI

REFEICAM SPIRITVAL

CAPITULO DECIMO TERTIO.

Da parábola das zizánias, que o inimigo semeou.

Matth 13.
Marc. 4.

Proseguido nosso Redemp-
tor as parábolas, em que fala-
ua ao pouo, & em particular de-
claraua a seus discipulos: explicada
aquella da semente, que cahio em di-
uerfas sortes de terra; tornou a pro-
por outra debaixo da mesma compa-
ração de sementeira, & laoura. Mas
differe esta, que he segunda em or-
dem da primeira, que na primeira se
fez menção de mal lograda, & bem
lograda semente tratando indifferen-
temente do successo della em más, &
boas sortes de terra. Porém nesta se-
gunda se não tratta mais que da semē-
te bem lograda, & que recebida em
boa casta de terra, teue bom successo,
& fez fruto. Porque nestas quatro pa-
rabolas quiz o Saluador prognosticar
quatro diuersos estados da Fé, & da
Egreja.

LIÇAM I.

Da bondade da sementeira.

1 Assim como na primeira quiz
tratar do estado, que teue
polla prégação desse Senhor, & de seus
discipulos sagrados: assi nesta segūda
precede declarar o estado q̄ se seguiu
depois de sua subida ao Ceo, & morte
desses Apostolos, & discipulos, ainda
na primitiua Egreja, segūdo o escreue
S. Mattheos em o capitulo treze, põ-
do em primeiro lugar a bondade da
sementeira. Pollo qual se diz em o
texto. *Semelhante foi feito o Reyno dos
Ceos a hum homem, que semeou boa se-
mente em seu campo.* Onde he de saber,
como nas mais parábolas, que esta se-
melhança, & comparação não he de
pessoa a pessoa, senão de negocio a
negocio, ou de obra a obra. Como se

dixera: O que acontece acerca do
Reyno dos Ceos, he semelhante a tal,
ou a tal cousa, obra, ou negocio.

2 E desta parábola em particular ^{Hug bñ}
notou Hugo Cardeal que só nella, &
não em outra se diz que o Reyno dos
Ceos foi feito semelhante; dizendo-
se, em as demais: Semelhante he o
Reyno dos Ceos a tal, ou tal cousa.
E a razão disto dà elle; porque o mes-
mo Christo era a semente boa, conue
a saber o graõ de trigo, o qual foi fei-
to segundo a humanidade, porque se-
gundo a diuidade era não feito. Mas
deste modo de explicar se verà em seu
lugar hum pouco abaixo. Agora se
diz que o que foi feito semelhante, he
o Reyno dos Ceos, pollo qual se en-
tende a Egreja militante segeita ain-
da a estes diuersos acontecimentos;
como aquella que entre gentes inimi-
gas foi deixada para exercicio da Fé,
& da virtude. Assi não quiz Deos ex-
tinguir da terra de promissão todas as
barbaras gentes, antes deixou entre os
Israelitas aos barbaros idolatras, & ini-
migos ferros; não por falta de poder,
senão por razão de estado de espirito.
Porque da razão do tempo presente
de peleja, & batalha he que se viue en-
tre inimigos, porque não sejam os
bons dominados das bestas feias dos
vicios, que com a falta de exercicio
haõ de sobreuir ao espirito. Cor for-
me ao que ao pouo de Israel dizia
Moyses: Não poderàs destruir estas ^{Deut. 7. n. 22}
gentes juntamente, porque por ven-
tura não se leuantiem contra ti as bes-
tas da terra. Isto he a jaſtancia, sober-
ba, vã gloria (como diz a Glossa) & ^{Gloss. ibid.}
outros muitos vicios, que se seguem
ao ocio, & paz falsa de quem tem por
vida

Tex.

vida o pelear, & não está ainda em estado de descansar.

Greg. 3. dial.
c. 14.

3 Sobre o qual diz S. Gregorio, que fortes, & poderosos aduersarios extinguio, mas aos Philisteos, & Cananeos guardou muito tempo para que nelles fosse ensinado Israel tendo contra que pelejasse. E he tanto do estado militante ter entre si misturado inimigos, que até aquella regiaõ celeste, onde melhor cabia o nome de Reyno dos Ceos (essa Curia angelica digo) em quanto lhe durou o tempo, & estado de militante, foi necessario por razão deller ter inimigos de mistura. Conforme ao que diz o mesmo S. Gregorio. Até essa regiaõ lá de cima padeceo em parte damnos em seus cidadãos, & em parte se teve fortemente. Para que os Anjos escolhidos vendo que outros cahiam por soberba, estivessem tanto mais valentes quanto mais humildes.

Greg. ubi s.

O de cima he de S. Gregorio. Não he logo de maravilhar, q̄ se chame Reyno dos Ceos a Igreja militante, onde juntamente ha bons, & maos; signficada no ventre de Rebeca, ao qual Deus deu a fecundidade para conceber (como notou Hugo) & com tudo os dous filhos dentro do ventre, conuem a saber os fieis, & hereges debatiam. E figurada tambem na casa de Abraham onde segundo a allegoria de S. Paulo, o irmão maior perseguia ao menor, Esau a Jacob, em si, & seus descendentes com herdada inimizade, & nativa discordia. Da qual tambem fala mais à letra o Propheta Amos, como notou S. Ieronimo. E he de saber segundo S. Remigio, que o Reyno dos Ceos se diz de quatro modos, conuem a saber Christo, segundo aquillo. O Reyno de Deus entre vds está. A Escritura, segundo aquillo: Tirar-se uos hã o Reyno de Deus. A Igreja presente, segundo aquillo: Semelhante he o Reyno dos Ceos a dez virgens, A gloria futura, segundo aquillo: Muitos virão, & sentar-se hã no Reyno dos Ceos. E a primeira vez

Gen. 25. n. 12.

Hug. hic.

Gal. 4. n. 29

Amos 1. n. 2.

Ieron. ibid.

Remig. apud

Lan. diu. p. 1.

p. c. 17.

Mat. 25. n. 1.

que foi ouvido o nome de Reyno dos Ceos, notou S. Ieronimo que fora da boca do Baptista, quando dixe: Fazei penitencia, porque he chegado o Reyno dos Ceos. Mas as mais proprias duas maneiras são as vltimas, cujas duas figuras achou o veneravel Beda no Tabernaculo q̄ fez Moyses: & no Templo que edificou Salamaõ. Chama-se Reyno a Igreja assi nesse estado de militante, porque ha nella ordem & disposiçã de huns que mandem, outros que siruam. E entre muita diversidade de fogeitos se conserua a vniã de hum governo, sem a confusã que fóra della está gerando essa mesma variedade. Este Reyno, que outras vezes se chama Reyno de Deus, & Reyno de Christo (que he o mesmo) se chama agora Reyno dos Ceos em differença da confusã que vai no infernal, & mundano. Tal foi naquelles primeiros tempos depois do diluio a casa de Heber em respeito da torre de Babel, conuindo naquella tocos, & conformando na mesma lingua; & nesta variando em diuersas. De maneira que entre essa confusã cada hum desordenadamente falaua sua lingua; & naquelloutra em vniã de todos ordenadamente faluam hũa. Sobre o qual diz Eucherio que naquelle tempo, que a variedade das linguas foi feita, em só a casa de Heber ficou a lingua, que antes auia. Assi tambem agora he manifesto que só na Igreja, que he casa de Christo, ha hũa vniã de confissã, & paz da Fé; andando divididos todos os maos, & hereges. E assi como daquelle tabernaculo, que leuanto Moyses (em o qual com o veneravel Beda figuramos a Igreja presente) diz S. Paulo que seruia de exemplar, & sombra do celestial; assi este Reyno inferior, & militante no estado presente se chama dos Ceos, porque terue, & governa para o celestial Reyno. E por conseguinte hum governo confuso, & republica desordenada se pôde chamar Reyno dos

Ibid. 21. n. 43

Ieron. in

Mat. 3. n. 12.

Beda. in Exo.

26.

Eucher. hic.

Euch. ibid.

Heb. 8. n. 5.

dos infernos, pois a elle serue, & para elle caminha. E assi como este Reyno dos Ceos he hũa sombra, & huns principios das glorias celestiaes: assi este Reyno dos infernos he hum rascunho, & principio das penas infernais. Pollo que bem em suas confissoes dizia

Aug. Cōf. ff

S. Agostinho: Que cousa he o mundo senão hum mundo de perigos pollos quaes se chega ao maior perigo?

Este Reyno dos Ceos pois diz que he semelhante a hum homẽ, que semeou bõa semente em seu campo. Este homẽ he Christo soberano Rey, & ao qual seruir he reynar; o Verbo digo feito homem, que vestido no sayal de nossa humanidade veyo a fazer à custa do suor de seu sangue a sementeira do Euangelho. Porque ainda que Deos sempre desde o principio do mundo continuamente semeou, não foi tanto como lavourador, que por sua mão faz a lavoura; se não como Senhor, que por mão de seus Patriarchas, & Prophetas a curava; porém depois que foi homem elle por si mesmo a fez. E assi como em quanto pastor curou ao rebanho, conforme ao que diz. Eu mesmo hei de ir buscar minhas ouelhas; assi tambem em quanto lavourador diz no Euangelho declarando a parabola a seus discipulos: O que semea a bõa semente he o filho do homem, conuẽ a saber, elle mesmo Deos homem. Porque (como aduertio Lypomano) quando quer que no Euangelho se acha, Filho do homem, se ha de interpretar homem, & Filho de homem propriamente, & não Filho da Virgem, como alguns traduzem. Porque ainda q̃o ser Filho da Virgẽ foi cousa, que elle estimou tanto: com tudo chamar-se Filho do homem foi o que elle mesmo exprimio, & o que a frasi da Escritura ensina: contra a qual introduzio o ṽso de alguns mais affectos à propria deuocão que à propriedade da locuçãõ; chamar ao Senhor Filho da Virgem, & construillo assi quando elle se diz Filho de ho-

Ezec 34. n. 6

Matt. infra

Lypom. su-
per illud
Gen. 4. qui
fuit.

mem. E diz elle mesmo em sua exposiçãõ, que a semente bõa sãõ os filhos do Reyno que sãõ os Fieis, & filhos da Igreja que pollas razões asima apontadas se chama Reyno, & nisto differe esta parabola da primeira, em que se diz que o lavourador sahio a semear sua semente, a qual he alli a palavra de Deos; & aqui os filhos do Reyno, que em quanto taes sãõ semente bõa, sagrada, & escolhida. O campo em fim diz ser o mundo, ao qual chama seu por dominio gèral em quanto Deos, & por sogeicãõ particular, que o Padre lhe fez em quanto homem, de todas as cousas, conforme ao que estãõ escrito: Todas as cousas sogeitastes debaixo de seus pès. E esta he a propria, & formal exposiçãõ da semente, fõra da qual não he licito dar outra naquellas cousas q̃ o Senhor per si mesmo foi seruido explicar.

Pf. 8. n. 6.

6 Mas sem perjuizo desta propriedade, & passando ao mais mistico sentido, por semente bõa entende Remigio pollo Reyno dos Ceos ao mesmo Christo: no qual estãõ toda a opulência, & bens, que hũa alma desejar pòde. E Hugo Cardeal entendeu ao mesmo Christo na semente bõa, como tambem S. Agostinho o entendeu no que o mesmo Senhor diz por S. Ioaõ do graõ mortificado, & escondido na terra, & multiplicado no rendimento. Esta semente lançou o Padre Eterno por mão do Espirito Santo no campo do mundo. E vindo ao campo proprio pois era de seu Pae, toda via os seus o não receberam. Mas aos que o receberam deu poder de ser filhos de Deos como àquelles, que com esse Filho de Deos ficauam sendo hũa mesma cousa. Porém não se pòde negar que em espirital sentido com muita mais propriedade se possa dizer, que a semente bõa he a inspiraçãõ, a qual lança o Espirito Santo no campo da alma, & nos regos de suas potencias. E chama-se bõa, não sò polla causa efficiente, que he Deos, & polla final, que he a

Remig. su-
per Matthe.

Hug. hic.

Aug. Tract.
51. in Ioan.
Ioan. 12. n.
24

Ioan. 1. n. 13.

salvação, & polla formal, que he a ordem sobrenatural da graça; mas ainda tambem polla causa material, que he essa alma, que a faz bõa consentindo, & respondendo à diuina inspiração. E por isso diz que semeou em campo seu, o qual conforme notou o sobre-ditto Hugo, não dixe na primeira parabolá; porque a palaura prégada, que lá era a semête, espalhase no proprio, & no alheyo como cae; mas a inspiração efficaç, que cá he semente bõa, sómente no proprio, que he o coração que bem responde, se semea.

Hug. hic.

Act. 20. n. 28.

7 Onde he de notar que o que o Senhor diz, que o campo he o mundo nesta parabolá; não se ha de entender do mundo absolutamête tomado como na primeira, senão do mundo cultiuado com sua Cruz, & regado com seu sangue precioso, & ainda comprado com o preço infinito d'elle. Esta he a Igreja, que o Apostolo diz, que elle adquirio com seu sangue. E om grande conueniencia; porque assi como há terras, & campos; ou deuaslos polla passagem, ou esteriles por pedregosos, ou inutiles por assombrados; & outros fructiferos & rendosos & sò estes se chamam do laurador; porque os primeiros são dos que passam, os segúdos são das pedras, & os terceiros das espinhas; assi tambem Deos tem quatro sortes de campos. O primeiro campo são Gentios deuaços, para quãtas opiniões; & vaidades os querem trilhar, & passear; o segundo são dos Iudeos esteriles como duras pedras: o terceiro são os Mahometanos, assombrados cõ as infinitas espinhas de torpezas, & vicios brutaes, entre os quaes se criam. O primeiro campo he da cegueira. O segundo da perfidia. O terceiro da sensualidade. E assi fica só o pequeno campo da Igreja por campo de Christo. & em sentido moral o campo da alma. Pollo qual diz Landulpho. Tres campos tem Christo, em os quaes semea tres boas sementes. O primeiro campo he o mundo, em o qual

Land. i. p. c.
64.

semeou semête da palaura, & doutrina: o segúdo he a Igreja, em o qual semeou os fieis, q̄ chama filhos do Reyno: o terceiro he a alma, em a qual semea duas boas sementes. A primeira he bõa vontade, & esta deue leuar por fruto bõa obra. A segunda he conhecimento de si, do mundo, & de Deos: do conhecimento de si nasce dor, do conhecimento do mundo nasce temor, & do conhecimento de Deos nasce amor. Atèqui he do Cathufiano.

LIÇAM II.

Da malicia do inimigo.

Proposta a bondade da sementeira, se poem em segúdo lugar a malicia do inimigo, dizendo em o texto. *E como dormissem os homens veyo o seu inimigo do laurador, & sobresemeou zizania no meyo do trigo, & foise.* Sobre o qual diz S. Ioaõ Chrysofomo: *ext: Chrysof ho 47. in Mat.* Aqui mostra o Senhor que o erro he depois da verdade, o qual testemunha o mesmo successo das cousas; porque depois dos Prophetas houue Pseudo-propheas, & depois dos Apostolos Pseudapostolos, & depois de Christo Antichristo. Porque se o diabo não ve que arremedar, ou a quem armar filadas não tenta. Mas porque ve que aquelle faz fruto de cem, & aquelle de sessenta, & estoutro de trinta, & não podia apanhar, nem afogar o que ja estava arraigado: arma por outro engano, entresemeando suas sementes, & corandoas com muitas semelhanças, para que facilmente furte para o engano aquelles que eram habeis. E por amor disso não diz, que semeou outra algũa semente senão zizania, que segundo a apparencia se assemelhem em algum modo ao trigo. E daqui tambem apparece a malicia do diabo porque entãõ semeou quando todas as cousas estauam acabadas para q̄ assi fizesse mais mal ao intêo do laurador. O de cima he de S. Ioaõ Chrysofomo.

9 E nisto se ve bem manifesto qual seja a astucia do inimigo que se-
pre faz por chegar ao viuo, & damnar
ao grosso; atirando ao mais importate
do intento Naõ esterelizou a terra, nẽ
botou a longe a sementeira de modo
que atalhasse as esperanças do laura-
dor, & lhe fizesse assentar o estamago
acerca da nouidade, ou trattasse de
aproueitar a terra: mas de tal modo se
houue que apparecesse a zizania ao
tempo que elle mais ao certo espera-
na alegre o fruto copioso, & o graõ
limpo de sua sementeira, & naõ hou-
uesse ja lugar de restaurar a perda. E
diz que isto aconteceo quando dor-
miam os homens, que tinham a seu
cargo a sementeira. Por estes homens
entendem alguns aos Apostolos, que
lançandose a dormir o sono ditoso da
morte, veyo o diabo (a quem Christo
interpretou pollo inimigo) & semeou
as zizanias, pollas quaes o mesmo Se-
nhor entendeo aos filhos do mau, isto
he os homens peruersos entre os bons
filhos da Igreja. E he de saber q̄ ziza-
nia nome do plural, de que aqui vsa o
Euangelho, na lingua Latina he do
genero neutro, & da segunda declina-
ção, & tem a penultima breue: no sin-
gular he feminino, & da primeira de-
clinação; & tem a penultima longa,
como diz Hugo Carêse Mas tambem
no plural se acha da primeira declina-
ção, & feminino como aduirte Lan-
dulpho, & significa propriamẽte joyo,
q̄ he hũa erua que nace entre o trigo,
& tem muito parecer com elle na ca-
na, & na folha.

Hug. hic.

Land. ubi.

Vid. Ximen.
in Vocab. ec-
clesiastico.

10 Posto que alguns dizem que por
nome de zizania se ha de entender
metaforicamente todo o genero de
inmundicia, que costuma nacer entre
o paõ. Toda via mais conforme parece
com o espirito da parabola que sò pol-
lo joyo se entende como aquelle, que
mais parecido he com esse paõ; segun-
do o que o Senhor quiz dizer, dos
maos homens, & abaixo se explicará
dos hereges, & hypocritas. Bem he

logo conforme a isto de notar, que se
contentou a astuta maldade do inimi-
go com misturar hũa só erua mã, acẽ-
do tantas que pudera entremeter. Mas
misturou só hũa, naõ só para acreditar
melhor seu engano com a semelhança
della; mas tambem para sair melhor
com seu danado intento. Como o que
bem sabia que hum só vicio basta pa-
ra destruir a consciencia, & que o que
peccou em hum sò preceito ficou fei-
to reo de todos. Bastalhe ao demonio
que a consciencia lhe esteja na maõ
por hum sò peccado, ainda que no
mais procedimento se haja como vir-
tuosa. Acerca do qual diz S. Doro-
theo: Se a alguẽm acontecer obrar
bem dez vezes, & hũa vez sómente o-
brar mal por algum habito; este só mal,
que do habito procede, corrompe, &
destrue todos aquelles taõ grandes bẽs.
A Aguia, que em todo o restante do
corpo està totalmente liure do laço,
mas por hũa só vnha està preza nelle,
perde toda a sua força por aquella pe-
quena partezinha que se impede. Por
ventura solta, & liure de todo o corpo
naõ fica presa por hũa só vnha? Por
ventura o caçador naõ a apanha toda
naquella só hora? O de cima he de S.
Dorotheo. O que terribel caso, & que
espantosa sentença. Quanta vigilancia
hã mister hũa alma, pois naõ basta es-
tar limpa de muitos males mas até de
hum sò vicio.

1acob. 2. m. 10

Dorothe. doct.
11. apud Niff.
Dom. 5. Epi-
ph. as. 1. 3.

11 Pois diz agora a parabola, que
como dormissem os homens, veyo o
inimigo, & sobresemeou joyo. S. A-
gostinho por estes homens naõ sò en-
tende aos Apostolos, que dormiram
por sono da morte, depois da qual so-
breuieram à Igreja as peruersidades,
scismas, & heregias; mas tambem aos
Prelados que dormem por sono de
descuido. E de tres modos segundo
Landulpho acontece que os Prelados
se descuidam, & dormem. Ou porque
de coitados pasmam, ou porque de las-
ciosos se distrahem ou porque de igno-
rancia se opprimem. E quanto mal
faça

August lib.
quest. in Mat.
th. c. 11.

Land. ubi s̄

*Land. 1. p.
c. 68.*

faça este torpe descuido dos Prelados mostrou bem o defaistrado effeito do damno. A intento do qual se conta, que a hum clérigo grande prégador se encomendou hum sermão para fazer em certo Synodo de Bispos, que se celebrava. Viase mui apertado sobre o que auia de dizer diante de raes, & tantos Prelados: & como já estivesse para ir prégar lançado por terra na oração veyo a elle o demonio, & dixelhe. Para que te agastas, & te causas em prégar a estes Prelados? Vai, & não lhes digas mais que isto: O principe do inferno enuia a saudar aos Principes da Igreja: Todos nós lhes rendemos alegres as graças; porque per sua negligencia todo o mundo quasi se nos vai entregando; & seus subditos com os mesmos Prelados juntamente se nos vão offerecendo. Mal que me pez to digo, mas obrigado do mandamento de Deos. Isto dixeo o diabo. Porém não cuide alguém que de tal modo carrega a parabola sobre o cuidado dos Prelados para com a sementeira de seu campo, que à sua cõta està; que não fique a mesma obrigação a cada hum de vigiar sobre a sementeira do campo de sua propria consciencia. Conforme ao qual diz Salomão em os Prouerbios: Até quando dormirás, ò preguiçoso? quando te levantarás de teu sono? Dormirás hum pouco, & osquenejarás outro pouco, & outro pouco concertarás tuas mãos para dormir: & virteha como caminhante a necessidade, & a pobreza, como homem armado. Mas se fores sem preguiça virá como fonte a tua ceara; & a pobreza fugirá de ti longe. Qualquer sono pois de descuido faz em seu tanto igual damno: mas o dos Prelados tanto he mais damnofo, quanto abrañe a mais, & se estende a mais importante sementeira.

12 Também he de espantar a atreçoada fraqueza do inimigo, que não veyo senão quando os abegcés dormiam: Quando não por atrei-

çoados (como na sentença lhes expri-
mio) porcouardes pudera Dauid mã- 2. Reg. 1. n. 5.
dar justiça aquelles dous irmãos, que
cortaram a cabeça ao Principe Isbo-
seth descuidando se, & adormecendo a
porteira que lhe guardava a casa. E
igual desgraça incorreo Isboseth pol-
lo descuido, que infamia os dous sol-
dados polia couardia. E de semelhante
maneira o demonio não toma oufa-
dia de suas forças, mas de nosso des-
cuido: nem foi a sujar a sementeira
por valente, senão por seguro dos que
dormiam. Sobre o qual diz S. Pedro Chrysol.
ser. 97.
Chrysologo: O traidor de noite se es-
conde de dia foge dos que vigiam, &
folga que durmam. O valente vai se
metter na briga, & desafia em presen-
ça quando todos estão olhando: & di-
te da gente quer ter a vittoria. Sinal
he de grande couardia dar sobre os
que estão dormindo. Atéqui diz S.
Chrysologo. De modo que o mes-
mo odio acouarda. E o mesmo
he ser traydor que fugir da presença, Gen. 4. n. 6.
& acometter a traição, às escondidas.
Sendo Cain mais velho, & por mais
rustico por ventura mais forte, leuou
seu irmão ao campo à traição, & o
mattou tanto às escondidas, que cui-
dou que nem Deos o vira: effeito foi
de inimigo a traição, & a couardia.
Assi o inimigo não veyo ao campo do
Senhor tenão dormindo todos. E se-
meou joyo no meyo do trigo, & foife
com a mesma astucia que veyo, & cõ
o mesmo medo com que chegou. Pol-
lo qual joyo entendeo aos maos ho-
mens deste mundo, & de quem se pò-
de duuidar se por ventura são os here-
ges, ou por ventura os maos Christãos.

13 Sobre o qual resolve assi S. A- Aug de qq.
Euang. c. 113
gostinho: Porque se diz que elles fo-
ram semeados no meyo do trigo, pa-
rece que se querem significar aquelles
que são de hũa mesma communida-
de, mas porque o Senhor interpretou
se o mesmo campo, não polia Igreja,
senão pol' o mundo; bem se deixam
entender os hereges, que neste mundo

andam misturados com os bons: para que aquelles, que na mesma fé são maos se tenham antes por palha, que por joyo, por quanto a palha também tem o fundamento com o paõ, & a raiz commum. Mas os scismaticos parecem mais semelhantes às espigas corruptas, ou às palhas quebradas, & cortadas das arestas, & lançadas das sementeiras. Como pois o diabo espalhados peruerfos erros, & falsas opiniões, sobresemeasse (isto he misturasse) heregias suppondo o nome Christão, então mais se escondeo, & se fez mais occulto; & isto he o que se diz, que se foi. O de cima he de S. Agostinho. Segue-se em o texto: *E como crecesse a erua, & fizesse fruto então appareceram também as zizantias.* Porque (segundo S. Ioaõ Chrysostomo) os hereges no principio encobrem-se, mas tendo liberdade, logo se descobrem, & tratados logo apparecem. E como o erro não se pôde encobrir muito tempo, aquelles que no principio pareciam gloriar-se, & faziam folha da Fé, vê no fruto a mostrar-se destruidores dos Catholicos.

34 Falando em mais espirital sentido, auendo o Espirito Santo semeado semente boa de inspirações na alma vem o inimigo quando adormecem as potencias, que tinham à sua conta vigiar o campo da consciencia, & semea joyo, & eruilhaca de pêsames vãos, cobicçosos, & sensuaes, que no principio por pequenos não parecem de má casta. Mas indo crescendo, & correndo o tempo vem a mostrar que não eram novidade de vida, nem fruto da luz, nem fazem como o garfo da aruore da vida, os doze frutos que S. Paulo aponta. Mas antes novidade da morte, & fruto das trevas fazem como enxerto da planta mortal, os quatorze frutos, que ali mesmo o Apostolo conta. E como diz S. Pedro Chrysologo, o que se esconde na erua, se descobre na espiga. Assim aquelles, que imaginamos iguaes fieis acharémos

deliguaes na Fé; & assi descobre a ceifa do juizo o que encobre a novidade da Egreja. E descuidandose a alma acha quando torna sobre si que as virtudes acquitidas, & inspirações dadas estão misturadas com mil habitos viciosos, & com mil acções menos dignas. Ou também se pôde entender pollo campo a Religião, a qual semeando seu fundador de boa semente de costumes virtuosos, & ceremonias santas, & sogeitos proueitosos: descuidaraõse os Prelados, que a governam, & tinham obrigação de guarda-la, & cõferualla. E veyo o inimigo, & semeou joyo, introduzindo relaxações, & frouxidoes com que se perderam os costumes, & se desprezaram por coufa de pouco porte até se esquecerem as ceremonias. E mettendo na Religião sogeitos inuteis, & ainda prejudiciaes, que no principio por hypocresia se foram creando entre os bons, & (o que mais he de chorar) auantejandose a elles nos officios, & dignidades; não se alcançando sua peruerfidade, & fingimento senão a tempo que a Religião se acha lamentauelmente desbaratada. Bem declarou isto dos sogeitos aquella reuelação, que acerca de sua Ordem foi feita a N. Serafico Padre S. Francisco de hum capitulo, que em competencia do seu celeberrimo das Esteiras fez o inimigo alli perto de Assis, de mais de dezoito mil demônios, entre os quaes hum mais arteiro, & subtil deu este entre outros conselhos, que se tomauam para destruir a Ordem. Aconselhouos que vos não matteis agora tanto, mas deixemos lerar os olhos a este, & que sejam mais os frades, & faremos entrar na sua Ordem moços sem zelo da saluação, & velhos honrados, & nobres mimolos, & letrados tantafiosos, & mal dispostos: & estes receberão a todos por sustentar honra, & grande numero. E desta maneira ostraremos ao amor do mundo, & amor proprio, & a desejo de sciencias, & honras: & então nos vingaremos

Tex.

Chrysost. ho
47. in Matt.

Rom 6 n. 4.
Ephes. 5. n. 9.

Galat 5. n.
21. & n. 19.

Chrysol. ser.
97.

Chron. Min.
1. p. lib. 1. c. 53

mos delles tendo muitos à nossa vontade. Deste modo arrezouava o inimigo, & alentava as esperanças dos companheiros contra a Seraphica sementeira, que nunca por elles podia ser de todo destruida.

L I S A M III.

Da queixa, que ao Senhor fizemos criados.

15 **V**ista a malicia do inimigo com a sementeira, proseguesse em terceiro lugar a queixa, que os seruos fizeram ao Senhor della, dizendo em o texto. *E chegando se os seruos do Pae de familias dixeram: Senhor, não semcastes vós boa semente em vosso campos; pois logo donde tem o joyo? E dixelhes: O homem inimigo fez isto.* Espantados, & magoados do que tinha succedido, se chegaram os seruos ao Pae de familias. Espantados de que não haja no mundo coufa tão boa, que a malicia não corrompa, & não perverta. E, como diz S. Pedro Chrysologo, que pretenda o inimigo que a ruindade da adultera sementeira redundasse nos seruos: & dalli viessem a ter a pena dõde aguardauam a palma? Estremadas eram as partes, que Doeg Idumeo inculcaua em Dauid a el Rey Saul, justissimo o gabo que lhe daua, & de grande monta o fauor a que o introduzia. E com tudo isso misturava zizania em tão boa seara o malicioso homẽ; pois (como diz Nicolao de Lyra) o inculcaua a el Rey Saul para q̃ estado Dauid cãtado diãte delle, fosse atraueffado da lança, que costumaua arremeçar quando do espirito mao se tomava. Espantaram se tambem os seruos de ver quam grandes males succediam de hum pequeno descuido: pois sendo tão pouco o que podiam faltar à guarda de sua seara, a viam cheya de joyo importuno. De lastimar he a desgraça do Capitão Amãsa, a quem Ioab logo foi encontrar para tirar à traição a vida: do qual se seguiu tambem a destruição da casa de Ioab, & outros grandes infortunios. E todos elles naceram

de que Amãsa se deteu hum pouco, & se ouue descuidado no negocio que seu senhor lhe encomendara.

16 E ainda que este descuido aconteça por qualquer das tres cabeças, que na lição passada se apontaram nos Prelados a cuja conta estaua o vigiar a sementeira: toda via mais ordinariamente procede do distrahimento, que acerca das coufas seculares, & negocios temporaes acontece aos Prelados. Porque no ponto em que o Prelado tirar os olhos de Deos, em quem està fundada a sementeira; logo o inimigo têm lugar de chegar a ella. E no ponto, em que apartar os olhos dos olhos de Deos, que em guardar de cima a sementeira se empregam, logo o inimigo se fia no sono para atreuerse. Conforme ao qual diz S. Bernardo; Como poderá ser negligente o que nunca deixa de ver que Deos o olha? E assi como o sono acontece dos varios fumos que à cabeça sobem, & sobreuem de fóra della; assi os diuersos fumos da ambição, & varias occupaões exteriores, que sobreuem aos Prelados, os fazem adormecer, & descuidar na vigilancia de sua sementeira. A nenhum outro Prelado por certo chamou Idolo o Propheta Zacharias, senão àquelle que occupado com o pô terreno dos negocios seculares, tem os olhos cegos para o que à vigia, & proueito dos seus importa. E desta sorte de idolos dixe Baruch que no altar onde estauam se cegauam do pô dos pés dos que entrauam & sahiam em o templo. Acerca do qual diz S. Gregorio: Muitas vezes alguns como esquecidos de que são preferidos a seus irmaõs por respeito das almas; com toda a força do coração seruem aos cuidados seculares. Estes são os que se alegram de falar quando lhes assistem; & nestes quando faltam, he que cuidam de dia, & de noite. E assi acontece que folgando cõ estes mundanos reboliços, ignorem as coufas de dentro, que deuiam ensinar aos outros. Atéqui diz S. Gregorio.

Text:

Chrysol. ser 97.

2. Reg. 16. n. 18.

Lyr. ibid.

2. Reg. 20. n. 5.

Zach. 12

n. 17.

Baruch. 6.

n. 16.

Greg. 2. p.

Past. c. 7.

17 Por isso pois quando tornam sobre si, & vêm o notavel damno que por falta de seu cuidado tem acontecido, chegamse espantados ao Pae de familias. Deos eterno, reconhecendo que o que hà de mau, de nossa parte acontece; que da sua tudo era bom, & pro eitoso. E por isso diz que os seruos se chegaram a elle; para nos ensinar o que nós deuemos fazer nos publicos, & particulares males que virmos que por nossa culpa succedem. Conuem a saber chegar a elle por reconhecimento da propria culpa, por logeição à divina justiça, & por oração, & rogações à diuina misericórdia. Segundo o que em o Psalm. o se diz: Chegai uos a elle, & fereis allumiados, & não padeceraõ vergonha vossas faces. Porque se a culpa alonga de Deos, que he a luz que dà nos olhos, & esperta para que se não durma de morte, & diga o inimigo: Eu tenho contra elle preuallecido; & fica polla culpa (como està escrito) longe dos peccadores o remedio: necessario he chegar a elle polla maneira sobreditada; segundo o que no liuro dos Iuizes diziam os filhos de Israel chegando ao Senhor: Peccamos, castigainos vós como mais vos seruides; sómente agora nos liurai. Porque o reconhecimento da propria culpa esconde ao Reo; a logeição à justiça apaga a sentença; & a oração esperta a bondade. E por isso estes seruos acordadamente chegando ao Senhor lhe lembraram a bondade da semente que em seu campo semeãra, dizendo: Senhor, por ventura não semeastes vós bóa semente em vosso campo? E em recordarlhe tambem que o campo era seu, mostraram magoa de que no campo de tal Senhor succedesse desgraça: porque no que he mais proprio de Deos se deue sentir mais qualquer desconcerto.

18 Segue-se em o texto. *E respondeo-lhes: O homem inimigo he que fez isso.* Donde parece que aos olhos dos ser-

uos se poderia esconder a malicia do inimigo, porém não aos olhos do Senhor. Sobre o qual diz S. Pedro Chrysologo: Não pôde hum ser mau, & deixar de ser paruo: Que fez aqui o inimigo? Dado que dormissem os criados, por ventura o Senhor dormia? Dado que o sono fechasse os olhos dos seruos depois do trabalho; por ventura os olhos do Senhor venceraos algum cansaço? Inimigo, fugidio da luz, vigiaste, trabalhaste, mas não escapaste: porque dormindo os seruos o mesmo Senhor te està vendo. Apostata do Ceo, andaste diante, sopraste, mas não aproveitaste: Não pôde perecer a Deos aquillo que elle guarda. Author do engano, não fazes contra o Senhor, mas contra os seruos, em quanto fazes que se attribua ao descuido delles o q̄ foi teu engano, aquelle te està vêdo, q̄ he testemunha de todo o engano, & de todo o trabalho. Isto & mais diz S. Pedro Chrysol. E daqui parece q̄ a permissão diuina pertêce deixar succeder semelhantes desconcertos, & estàdoos vendo com seus olhos, aq̄ nada ainda de futuro se esconde: para tirar dahi maiores ostentações de sua bondade, paciencia, & sabedoria, & maiores cautelas para o diante aos experimentados. Nem foi seruido, ainda que vio o inimigo, impedir sua damnada pretensão; ou por deixar correr as cousas a seu ordinario curso, ou por mostrar a propria fraqueza das cousas, que elle de seu especial cuidado deixa; ou por ensinar aos homens que se não deuem fiar na vigia de Deos, & de seus Anjos de modo que se lancem a dormir; porque Deos vela: & se lancem à boa vida porque Christo padeceo por elles. Grande erro he por certo cuidar que a outrem he necessario vigiar sobre nós, & que nós nos descuidemos de nós mesmos: & que só nós nos queiramos saltar, querendo que o mais nos sobeje. Antes (acrecenta S. Bernardo) por isso mesmo auemos de vigiar com mais desuello, porque não se tiuêra de

Chrysol. ubi sup.

Chrysol. ubi sup.

Bern. ser. 11. in Ps. 90.

Pf 31. n. 6.

Pf 12. n. 5.

Pf 118. n. 155.

Iud. 10. n. 15.

Text.

de nós no Ceo, & na terra juntamente tão grande cuidado; senão parecêra que a nós nos tocava tanto.

19 E chama-se o demonio homem inimigo, ou inimigo homem, conforme a alguns po. que venceo ao homem, assi como Scipião se chamou Africano porque fogueitou a Africa, trazendo no appellido o trofeo de sua vittoria, & a fogueição do vencido. E S. Ieronymo diz, que o demonio se chama homem inimigo, porque deixou de ser Deos; & no nono Psalmo se diz delle: Levantai vos Senhor, não se esforce o homem. Mas propriamente se chama aqui o demonio homem inimigo por seguimento, & consequencia da parabola proposta da sementeira viciada. E para o que nisto se ha mister de conueniencia sobejam razões da inimidade humana. A primeira, & principal das quaes he porque debaixo de semelhança de razão humana, & discurso racional, & estado dos homens conuençe sua maldade, & prattica seus diabolicos intentos. E neste sentido o mesmo vem a ser inimigo homem, que hypocrita; que debaixo de semelhança de virtude, fugindo da luz da verdade, & guardandose dos olhos dos espertos, traz debaixo da cappa de religião, & manto de zelo o joyo da maldade, & as zizánias dos deprauados vicios que semeia; pretendendo destruir a seu saluo a sementeira do Senhor, que a semeou de boa semente. E neste genero foi o demonio o primeiro hypocrita do mundo por tres razões. A primeira, porque segundo S. Ambrosio fugio da esperteza de Adam que recebera de Deos o preceito; & veyo como às furtadas a semear sua zizania quando os homens dormiam, que he quando Adam estava ausente, & só com Eua o auia. A segunda, porque conforme a S. Bernardo, não se atreueo a vir em forma de Leão, ou de outro forte animal, senão de cobra sagaz, & que se sabe enrolcar, & insinuar de sorte que

não lhe sabeis pès, nem cabeça, principio, nem cabo. A terceira, porque segundo Ruperto & Chrysofostomo, querendo na pergunta acerca do preceito de Deos aueriguar com discursos humanos o direito natural dos primeiros paes, lhes fez perder a justiça original, & graça diuina: deixado no meyo da geração humana semeada a zizania do peccado,

20 Tambem se chama o demonio homem inimigo pollo damno que faz, que nunca para em si só, mas sua má vontade o estêde aos proximos. Porque diferente cousa he ser mau homem, que homem inimigo: que o homem mau, pôde não ser mais mau q̄ para si, & peccador para com Deos; mas o homem inimigo he hum vaso de odio, & de peçonha que se derrama nos proximos; & hũa immundicia de zizania que se lança da sementera. E a verdade he, que o homem he inimigo por excellencia; porque (como já o diz Marco Tullio) qual he a cousa mais inimiga do homem, senão outro homem? E assi o odio humano aborrece de graça, & faz mal de graça, como Christo nosso Redemptor o ensina. Onde diz S. Agostinho, que aborreecer de graça he não tirar do odio algum proueito, nem fugir algum dano. Porque o odio entranhauel nem repara na fazenda, menos na consciencia, nem tira proueito da vingança mais que fartar sua damnada vontade. Assi de como o inimigo se houue cõ a zizania dessa sementeira, diz S. Pedro Chrysologo: Semeou jcyo, a que fim, senão para que se botasse a longe a sementeira do Senhor? E isto ao interesse do inimigo que importaua? Senão que o espirito de enueja a perda dos homens tem por ganho? Tambem se chama o demonio homem inimigo pollo artificio, & fraudulencia, na qual he mais arteiro, & engenhero, que o demonio. Affligido Dauid interior, & exteriormente clamaua a Deos: Julgaim vós Senhor, & descirni

Rupert. in
Chrysofost. in
mens ubi.

Ieron. in Cat.

Pf 9. n. 20.

Cicer. in
Verrem.

Aug. tract.
95. in Ioan.

Chrysol.
ser. 97.

Pf. 42. n. 21.

Ambr. in
mens. dieb.
n. 4. & 5.
Gen. 3. n. 1.

Bernard. de
quadruplici
debito.

descirni minha causa da gente não
 santa; & liuraimo do homem mau, &
 enganoso. Por gente não santa entẽ-
 deo S. Ioaõ Chrysoftomo a multidãõ,
 & caterua dos demonios; & pollo
 mau, & enganoso ao homem; atri-
 buindo a sò este, & não aos demoni-
 os titulos de maos, & enganosos. Aos
 demonios em plural, & ao homẽ em
 singular: como que bastaua hum sò
 homẽ na materia de ser mau, subtil,
 & engenheiro de enganos, pera enfa-
 car a todosos demonios do inferno.
 Tambem se chama o demonio ho-
 mem inimigo pollo atreuimento, &
 oufadia. Pollo qual se diz em S. Lu-
 cas, & indose o demonio corrido do
 esforço, & sabedoria diuina de Chris-
 to, o deixou atẽ certo tempo. E qual
 fosse esse tempo declara Theophilo
 que foi atẽ o tempo da paixam. E S.
 Ambrosio, que foi atẽ o tempo da
 batalha campal, & manifesta; a saber,
 a que lhe fez por meyo dos Iudeos.
 Como que não oufando per si, se atre-
 uera em virtude de odio de homens
 inimigos, como tambem de S. Este-
 uamo dixe S. Gregorio Niffeno, que
 o demonio se atreuera a elle enxerta-
 do de homem. Finalmente se chama
 o demonio homem inimigo polla
 crueldade, porque por esta chamou
 a Escrittura inimigo por excellencia
 a Pharaõ quando contra a sementeira
 do pouo de Israel hia afemear zizanias
 de lanças, & furias. Porque nisto de
 crueldade he o odio do homem mais
 fero que a fereza das feras. O que ben-
 aduertio o prudente Rey Dario quan-
 do mãdou sellar a boca da coua, & em
 que o santo Daniel estaua lançado aos
 leoens; para que não fizesse contra
 elle cousa algũa. E o que se podia fazer
 contra Daniel naquelle estado, era
 conforme a Theodoreto, & outros,
 que vendo os inimigos que os leoens
 lhe perdoauam, folsẽ elles a despeda-
 callo. Mas não he muito pois saõ peio-
 res nisto os homens que o proprio
 demonio; porque (como diz S. Ioaõ

Chrysoftomo) encruecese o homem ini-
 migo contra os de sua propria casta,
 o que o demonio não chega jamais a
 fazer.

LITAM IV.

Da sanha dos seruos, & resolução do Senhor.

21 **D**Eclarada a queixa, & repo-
 sta do Pae de familias, cõ-
 tate em quarto lugar a sanha dos ser-
 uos, & resolução do Senhor, dizendo
 em o texto. *E os criados dixeram: Que-
 reis que vamos, & colhamos as zizã-
 nias? E dixelhes: Não; porque por ventu-
 ra colhendo o joyo não arranqueis tam-
 bem o trigo.* Estes que assitãõ animo-
 samente se offereceram magoados, pa-
 recem ser os Santos Padres da primi-
 tiua Igreja, que vendo nella leuanta-
 remse tantas, & taõ desuariadas here-
 gias, chegando se a Deos polla ora-
 çãõ; & sabendo delle a causa, se offere-
 ceram como fieis seruos a trabalhar
 por extirpallas com todas suas forças
 ajudadas da diuina. Ondediz S. Pedro
 Chrysologo: Assi promettem os deuo-
 tos seruos hum trabalho cançado; nem
 sofrem ver ainda temporalmente al-
 gũa fealdade da seara do Senhor. Mas
 o Senhor a quem os tempos não can-
 çãõ, & quando quer pòde desfazer a
 injuria de sua sementeira, lhes vai à
 mão. S. Agostinho diz: Como os ser-
 uos soubessem de Deos, que o diabo
 ordenara este engano, quando vio que
 contra author de tanto nome nada
 podia, para que com o mesmo nome
 cobrisse seus enganos; podelhes vir võ-
 tade de tirar do mundo a taes homẽs,
 quando tinham algũa licença do tem-
 po. Mas se por ventura deuaam fazer
 isto, consultam a diuina justiça. E S.
 Ioaõ Chrysoftomo diz: Aqui se ha de
 attentar a diligencia, & amor dos ser-
 uos, porque se apressam a arrancar o
 joyo, em o qual mostram o cui-
 dado seu acerca da sementeira. Por-
 que attentam, não a que algum seja ca-
 stigado, mas a que a seara do Senhor
 não pereça. E Landulpho acrescenta:

E e

Dixe-

Chrysoft. in
 Ps. 2.

Luc. 4. n. 13

Theoph in
 Cate.
 Amb. lib. 4.
 in Luc.

Niff. hom. de
 B. Steph. 4

Exod. 11.
 n. 9.

Dan. 6. n. 14.

Theod. &
 alij apud
 Paer in
 Cate. Moyf.
 tex. 9. anno.
 1.
 Chrysoft. ho.
 31. in 1. Cor.

Tex.

Chrysol.
 ser. 97.

Aug. de 99.
 Euang. c. 12
 Cate.

Chrysol. 97.

Chrysoft.
 hom. 47. in
 Matth. cat.

Lan. 11.
cap. 4.

Dixeram os santos Padres polla oração: Quereis que vamos Senhor, & colhamos as zizanias, apartando os maos da comunidade da Igreja por excommunhão; & finalmente deixádoos à justiça secular, & acabandoos per morte?

22 Ainda que na verdade tudo isto era zelo de justiça não se pôde deixar de reparar na pressa, & arrojamento, com que se offerecem para o castigo, & para a vingança, ou para a extirpação das zizanias. Porque dizem: Vamos, & colhamos; como que diz: Ia vamos, & ja as colhemos, ja levamos da espada das censuras, & ja ferimos. E na verdade ainda o zelo santo da justiça, & honra de Deos se enxerta, como o mais, no natural humano, que he rigor, & aspereza alheya da brandura, & mansidão celestial. Donde o Redemptor Iesus Christo ensinando ao mundo a brandura, até para com os inimigos, a persuadia com tirar dos homens o pensamento terreno, & enxertalos em geração celestial, dizendolhes: Para que sejais filhos do Pae celestial. Não lhe chamou Pae diuino pollos não assombrar com a substancia increada; senão celestial para lhes mostrar que bastava desfazeremse da inclinação rustica, & grosseira da terra, donde se aprendeo a crueldade. Ainda diz S. Agostinho que isto de ser Filho do Pae celestial polla misericordia se deve trabalhar por se enteder todo o Fiel; & trazer a este effeito o humano animo, orádo a Deos, & lutando consigo. E certo que da terra aprendeo o homem a crueldade; E o primeiro que no mundo a executou (que foi Cain) lemos que concebida a ira de lhe Deos não aceitar tão propicio seu sacrificio, logo lhe cahio o rosto Quer dizer que pregou os olhos no chão com a cara a elle inclinada; como Dauid o diz tambem de seus inimigos. Onde diz Ruperto, que olham para a terra os que meditam crueldades. E o mesmo foi

Matth. 5.
n. 45.

Aug. in En-
chir. c. 13.

Gen. 4. n. 5.

Pf 16. n. 11.
Rup. in Gen.

olhar Cain para a terra, que porse com attenção a aprender della lições de crueldade. E o sangue de Abel, que clamou vingança, aduertio bem S. Ambrosio que não a pedio do corpo do innocente irmão, mas da terra que o recebeo, & de que aprendeo vinganças alheyas de brandura em fim, posto que justas.

23 Por tanto pois o zelo destes seruos foi tão enfronhado em sanha, & tão arremessado ao castigo, pollo que tinha de humano, & terreno; rustico em fim algum tanto, & como de gente, que se introduz do campo, & entendendo com os terrões duros na lauoura. Que ja S. Pedro Chrysologo reparou na ira, que o irmão do Prodigio concebera; aduertio o Euangelho que esse irmão mais velho andaua no campo, & vinha da lauoura, de entender com os terrões, onde aprendera a dureza. Pois estes seruos alheyos eram hum pouco da brandura celestial, & naturaes da dureza da terra quando diziam: Quereis que vamos, & colhamos o joyo? Linguagem he esta não do Ceo, senão da terra; porque se esta fala durezas, aquelle não sabe falar senão branduras. Veyo o Anjo denunciar do Messias à Virgem Maria, não lhe pronosticou senão branduras de Dauid, & mansidões de Iacob, liberalidades de Rei, & grandezas de Principe como o aduertio S Gregorio Nazianzeno. Foi o Sacerdote Simeão a denunciar à mesma Senhora delle, & logo lhe prognosticou vinganças, & castigos de muitos. Por respeito desta natural dureza, que o Pae de familias bem conheceo nos seruos, como antigamente conhecia em Elias, a quem de mil modos procuraua abrandar de condição com exemplos da sua: lhes nega a execução do zelo, & lhes responde de não a suas consultas acerca do castigo.

24 E muito he de ponderar que andando Christo tão liberal, & grandioso com S. Pedro em lhe deixar as cha-

Gen 4 n. 10

Amb. lib 2.
de Caim c 9

Chrysol.
ser. 4.
Luc. 15. n. 5.

Luc. 15. n. 25

Naz. or. de
Christo pa-
tiente.
Luc. 2. n. 34.

Matth. 26.

n. 12.

ues

ues do Ceo, & dos thesouros da Egreja; toda via reseruo para si as chaves da morte, & do inferno, que na mão lhe ficaram, como no Apocalypse o declara. Porque como diz S Iustino, se na mão de hum puro homem estiuera condemnar ao inferno a quem lhe parecera, presto o mundo se concluiria por sua crueldade. Tambem se hà muito de ponderar a resolução da misericordia do Senhor, & como para conselho, & authoridade da execução de castigo esperta o Naõ; que ja mais dixeu, em resolução de justiça. Antes perguntando do direito daquella mulher adultera, se poz a escreuer na terra, & tantas dilações poz à sentença, como vindo sua misericordia com embargos à execução della; que foi necessario aos ministros irem se, & a mulher ficar liure. Taõ resolutos no perdoar, & taõ detenciosos no sentenciar. E todas suas lições parece que eram de ponto de misericordia, com que ensinava a seus discipulos a não serem arremessados no castigo, ainda que ardentes no zelo. Assi que perguntando elles se queria que viesse fogo do Ceo, & abraçasse aos de Samaria; respondeo: O filho do homem não veyo a destruir, mas a salvar. E perguntado se feririam com a espada no Horto; mandou recolher a ira, & embainhalla com as espadas. E isto he o que o Pae de familias responde de Naõ aos zelosos seruos. Instruindoos para o futuro, que as armas da Egreja, que são as censuras, hão de andar na bainha como espada do mui poderoso, como se diz em o Psalmo; & não nas mãos do Prelado. E deue estar como lanças no cabide na casa do nobre, & não brandidas como nas mãos do furioso.

25 Segue-se em o texto. *Porque por ventura colhendose as zizanias não arranqueis juntamente ao trigo.* Quer dizer: Naõ vades; porque como está mui basto o pão, & a mistura do joyo mui contigua, não aconteça que indo para mondar o joyo, boteis a perder o tri-

go. Porque como os bons, & os maos nesta Egreja andaõ tão de mistura, & as mãos humanas de sua discricião, são tão pouco certas no juizo: podereis destruir a hum bom sogetto, cuidando que castigais a hum perdido. Acerca do qual diz S. Agostinho: Nisto os torna pacientissimos, & mansissimos; porque os bons em quanto ainda são fracos, tem em algúas cousas necessidade da mistura dos maos: ou para que por elles se exercitem, ou para que em comparação delles lhes seja melhor a exhortação, & se esforcem ao melhor. E Landulpho diz: Podem colhendo ao joyo, arrancar aquillo que ou he trigo quanto a si, como se algum Fiel fosse condemnado por só sospeita; ou que he trigo quanto aos outros; como se se condemnasse sem primeiro ser conuencido, então os outros Fieis se escandalizariam porque não se guarda a ordem do direito. E assi se arrancaria o trigo, isto he os outros Fieis por escandalo. Ou aquelle que ha de ser trigo, porque agora he algum mao que amanhã será bom. O qual sem duvida tomou de S. Agostinho, que diz: Arrancale juntamente o trigo, quando se colhe o joyo, porque muitos primeiro são joyo, & depois se fazem trigo. Os quaes se se não soffrerem com paciencia em quanto são maos, não podem chegar a louuavel mudança. E assi se foré arrancados, juntamente se arranca o trigo, os que o auiam de ser se se lhes perdoara. Acerca do qual he muito de admirar tanto a prudencia, como o espirito profetico do N. grande Padre Sam Domingos, que mandando queimar a huns hereges conuencidos, mandou reseruar a hum delles dizendo; que ainda se hauia de salvar; como de feito se conuerteo dahi a vinte annos, & acabou bem.

26 E nisto se dà instrucção aos Prelados, & Ministros de como se hão de hauer com os peccadores subditos: porq̃nẽ logo há de puxar polla espada da excommunhão, & brandir a lança

Apoc. 1. n. 18.

Iust. epist. ad Zenam.

Ioan. 8. n. 6.

Luc. 9. n. 16.
Matth. 26.
n. 52.

Tex.

Aug. de qq.
En. ng. c. 18.Land. ubi
sup. c. 64.

Aug. ubi sui

das penas ecclesiasticas; porque (como diz o outro Poeta, & o Direito Canonico o refere) Se todas as vezes que os homens peccarem arremessar Iuppiter suas lanças, em breue tempo ficaria sem armas. E muito mais se ensina a pouca pressa, com que se haõ de auer os que tem à sua conta o castigar. Sobre o qual dizem Landulpho, & Hugo, que tres generos ha de arrancamento, isto he, de castigo, que aqu se prohibe; a saber apressado, damnoso, & sospeitoso. O castigo apressado he ao qual não precede amocestação. Damnoso quando a causa he da multidão, ou do Principe, salvo se foi em cousa, que redundasse em injuria da Egreja. Donde diz S. Agostinho, que tal vez se haõ de sofrer os maos polla paz da Egreja, quando se teme scisma. Sospeitoso he quando se não tem certeza da heregia, ou da culpa de algum. E em todos estes tres generos se ha de proceder com muito tento, & levar cõ muita prudencia até que haja tempo, em que ou se não possa sofrer mais, ou se tenha poder conueniente, ou haja clareza bastante. Despedindose do Emperador Augusto, seu mestre lhe deu hum conselho bem proveitoso, & foi que antes que desse algũa sentença, ou pronunciasse algũa palavra estando agastado, repetisse primeiro todo o alphabeto Grego. Querendo nisto dizerlhe q̄ procedesse cõ vagar no castigo, por q̄ muitas vezes entre tão occorriẽ algũas razões ou de misericordia, ou de conueniencia. E tal vez he tão proveitosa à Republica, & tão acertada à Religiaõ a conueniẽcia como a misericordia; porque a misericordia poderã grã gear a hũ homẽ, & a conueniẽcia poderã grã gear a paz de todos.

27 E he muito de considerar na resposta do prudente Pae de familias, que dizendo, porque por ventura colhendo o joyo não arranqueis o trigo; que para o joyo vsou da palavra, colher, & não arrancar; & no trigo vsou de, arrancar, & não colher. E a razão he,

porque para os conhecidos por joyo, & conuencidos por maos não se faz violencia no castigo; antes he o castigo natural da maldade, & nelle como em centro cae. Donde se diz em o Exodo, ^{Exod. 13. n. 5.} que Pharaõ, & seus sequazes, a quem Deos castigou no mar vermelho, deceram ao profundo como pedras, isto he que foi a maldade para o castigo como pedra para seu centro. Porém do trigo chama-se arrancar, porque he violenta, & dura força, a que se faz à innocencia conhecida, ou à culpa não conuencida, & qualquer castigo que se lhes fulmina, ou aggrauo que se lhes intenta. E assi por linguagem de arrancar violentamente falou a Escrittura introduzindo a vsurpação, que os Reys de Syria, & de Samaria quieriam fazer do Reyno de Iudã. ^{Isai. 7. n. 6.} Tambem se pôde dizer que os maos se colhem, & os bõs se arrancam, porque para tirar hum mao do lugar bom, onde a malicia o poem, ha mister mui pouco; mas para tirar hum bom do lugar, onde a justiça o tem, ha mister muito. E assi se diz colherem-se os maos, & arrancarem-se com violencia os bons. Tambem se dizem arrancarem-se das raizes esses bons, & não se faz menção de raizes dos maos; para ensinar que na sementeira do Senhor, & em particular da Religiaõ os maos & hypocritas ainda que muito se parecem com os bons, toda via nas raizes se differenciam, como no fruto; porque nunca na virtude lançam raizes, como nem produzem fruto; mas só ficam na folha, & na apparencia. Polla qual razão muitas vezes vem a acabar fóra da Religiaõ em miseravel apostasia ou dentro nella em notavel discredito, & merecido castigo, como a cada passo as historias contam, & a experiencia o ensina.

LIGAM V.

Do sofrimento do Pae de familias.

28 **S** Vpposta a determinação do Pae de familias se prosegue em quinto lugar seu sofrimento, dizendo

do

Land. ubi.
Hug. hic.Aug lib 3.
contra Parmenianum.

Text.

do em o texto. *Deixai crescer hum, & outra tã a seifa: & no tẽpo de segar direi aos segad ores: Colhei primeiro as zizania, & atayas em feixes para se queimarem, & o trigo ajuntayo para meu celleiro.* No qual se mostra a longanimidade, & bojo do Paede familias, que não sò impede que se arrãque o joyo, mas ainda diz, que o deixem crescer a igual passo com o trigo. E quantas vezes ficando o trigo curto, & desmedrado, anda superior a zizania, & florente a soberba do pojante joyo ao humilde trigo. Conformẽ aquillo do Poeta: *Dominam as esteriles auẽas.* Não atentando que a terra, que estã occupãdo foi para o trigo fundada, & não para joyo; & não se correndo de que não sò com sua importuna ambição occupa de balde o posto, mas ainda faz abater, & valer pouco ao trigo que por sujo com elle se engeita. Tão de chorar he esta perdição na sementeira, como de admirar a paciẽcia no Paede familias. Não duuidaua Dauid de se queixar em sua mesma pessoa dizẽdo: *Estiueram meus pẽs (isto he minha firmeza) quasi por aballarẽ, porque zelei acerca dos maos, vendo a paz (isto he a prosperidade) dos peccadores.* E em pessoa delles mesmos repetindo: *Como he possiuel que saiba Deos, ou que no mui alto haja sciẽcia? Eis aqui os peccadores, & abundantes no mundo saõ os que possuiram as riquezas.* Nem deixou Ieremias de o chorar dizendo: *Võs Senhor, na verdade justo sois para que eu me ponha a disputar com vosco; com tudo falauoshei cousas justas.* Porque razãõ o caminho dos maos se prospẽra; vai bẽ a todos os que peccam, & procedem mal? *Plantastelos, & lançaram raizes, aprouẽitam, & fazem fruito.* Isto he em riquezas, honras, & prosperidades mudanas.

Virg. Geor. 1

Pf. 72. n. 2.
v. 11.

Ierem 12. n. 2

29 Porém tudo vem a parar em admiração da diuina paciẽcia, que os manda deixar crescer até o tempo determinado. Não por amor delles, mas

por amor dos escolhidos, cujo proueito, como para gloria de sua bondade, sabidoria, & mais attributos, todas suas diuinas permissões se ordenã. Acerca do qual diz Landulpho, que por tres causas sofre o Senhor aos maos, & os deixa andar entre os bons. A primeira para que se quizerẽ, se conuertam, & sejam pollos bons ajudados. A segunda, para que os justos agradeçam muito a Deos o serem escolhidos por graça do meyo dos que perecem, & em comparação delles mais se esforcem para o bem. A terceira, para que os bons aprouẽitem, & se lhes acrescentem os merecimentos. Porque os maos aprouẽitam aos bons purgandoos, para que se algũa ferrugem hã de peccado se desterie: exercitando para que a virtude, que nos bons estã escondida, se manifeste: estimulando para que os escolhidos no caminho deste desterro se não fação preguiçosos, mas antes para a sua patria se apressem. E coroando, porque dandolhes a merecer os maos aos bons neste mundo, acrescentam pedras preciosas à coroa de sua gloria, & por estas, & outras muitas razões serue os maos aos bons, pollas quaes sò deixã viuer, & ainda crescer entre elles. *Põ q se não se permittiram não cresceram, & se não cresceram, não puderam, & se não puderam, não atribularam, & deram que merecer aos bons; pollo que os deixa o Paede familias, & manda deixar crescer.* No qual se dà exemplo de sofrimento, & discrição juntamente, as quaes ambas partes saõ mui necessarias a quem gouerna, & igualmente importantes aos que obedecẽ. Porque o que sabe sofrer muito, sabe accommodar muitas cousas, que o arrebatamento não deixa pòr em seu lugar; & tal vez pollo que se espera se grangea o que se não cuidaua. E a dissimulaçãõ, & paciẽcia como saõ senhores do tẽpo elle lhes ganha, & acarreta muitas occasiões, que só elle pode, & só elle sabe. E assi diz S. Pedro Chrysolologo: *se a paciẽcia de Deos não acudira*

Land. ubi
sup.

Chrysol.
ser. 97.

dira às zizánias, nem possuirá a Igreja a Matheo; de publicano Evangelista, nem a Paulo de perseguidor Apóstolo.

30 Também mandou deixar crescer hūas, & outras, para que por fim se visse a differença de ambas as sementes, & por ella se conhecesse o Author de cada hūa. Nem por outro respeito maior se deve detejar o procedimento dos sogeitos no lugar que occupam, como para se ver nelle abondade daquelle, de quē foi feitura. Muito he de considerar porque confessando Deos que lhe pesava de aver vindo em Saul ser Rei, & tendo elle por Samuel priuado do Reyno para sempre, & escolhido a David tanto à medida de seu coração; toda via deixou alli reynar a Saul, & crescer, & viuet no mesmo tempo com David, tolerando a hum, & detendo ao outro, podendo castigar maldades de Saul desde o principio, & não guardallo tantos annos. Mas a razão está clara, porque como David era feitura de Deos, & Saul do pouo; quiz o prudentissimo Senhor que se visse no lugar que occupava, a differença do procedimento de hum, & outro na bondade daquelles, de quē eram feitura. E o mesmo Samuel parece que quiz ensinar este pensamēto quando logo no principio, & eleição de Saul repetio ao pouo, como protestando que aquelle era o Rey q̄ elles elegiam. Como quē dizia: Olhai que este he o Rei, que vós escolhestes, & que eu não fiz mais que com commissão de Deos presidir à tal eleição que delle fizestes, dirigindoa, & ordenandoa no modo de votar, que era por sortes. E tanto redundo em seu Author a feitura da eleição, que achou S. Gregorio que não receata Adam lançar a Deos a culpa de lhe aver dado por molher a Eua tal companheira, que o fizera peccar.

31 E a differença das sementes também em se deixarem crescer ambas se manifesta em duas maneiras, a saber

na bondade, & na multidão; qualidade, & quantidade. Na qualidade porque à vista do joyo fica mais fermosa a espiga do trigo, & a fealdade delle mais disforme. No principio diuidio Deos a luz das trevas, & o dia da noite, para que à vista da escuridade parecesse melhor a luz, & à vista da deformidade da noite parecesse mais elegante o dia. E aos montes de Gelboe pudera David amaldiçoar, & lançar maldições de esterilidade, sem se metter na frescura dos vizinhos; mas quiz assi fazello por maior maldição, para que à vista dos outros montes frescos, & fecundos ficassem mais feos escaldados, & esteriles os de Gelboe. Como ja também a S. Maximo pareceo que fora tão mal vista a indecencia da vestidura, que não era de vodas naquelle banque, porque estava à vista de muitos, que com vestiduras de vodas alli se assentavam. E na quantidade também apparece melhor a differença, porque alli se está vendo que em toda a sementeira desta Igreja militate são mais os maos que os bons. E de quatro que são as partes do mundo, nenhũa inteira conserva o nome Christão, & dessa os mais são hereges. E Philo Hebreo ponderou, que quando a Escritura achára justo a Noe, que com outras sette pessoas sómente se havia de salvar entre infinitos milhares; logo descobrira a multidão dos maos, q̄ polla geração contaminada foram no mundo recrocendo.

32 Por isso diz o Pae de familias: Deixaios crescer até o tempo da sega. Tempo da sega chama Christo ao tempo do juizo, & fim do mundo. E pollos segadores entende aos Anjos, os quaes diz que fairo, & colherão de seu Reino todos os escandalos, & aquelles que fazem maldade, & lançallosão na fornalha de fogo, ahi averá choro, & ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o Sol no Reino de seu Pae delles. Tudo isto diz o Redemptor, em explicação da parabola.

Na

Gen. n. 4.

2. Reg. I. n. 21

Matt. 22.

n. 1

Mat. apud

Paez ser. 3.

de Antichr.

Phil. lib de

Gigantib.

Gen. c. 6 n. 9.

1. Reg. c. 12.
n. 13.

Greg. 4. mor.

23

Gen. 3. n. 12

Matth. 13.

n. 4.

Ierop. hic.

Gloss. hic.

Pf. 35. n. ult.

Na qual diz S. Jeronymo que chama escandalos aos hereges, & obradores de maldade aos scismaticos. Mas a Glossa diz, que pollos escandalos do Reyno se entendem os que daõ aos proximos occasião de peccar, & pollos que obram mal qualquer outro genero que seja de peccadores. E daqui parece que se entende o que em o Psalmo se diz: Ahi caíram todos os que obram maldade, foram lançados fóra, & não puderam mais estar. Porque os segadores, que são os Anjos, & ministros da diuina justiça, os derrubaraõ, & poraõ por terra, & ataraõ em feixes, & lançaraõ no fogo eterno, que está apparelhado para o diabo, & para seus Anjos. E chama com muita conueniencia tempo da seifa no seguimento da parabola, porque assi como a seifa he o vltimo, & final em que se acaba toda a fabrica da lauoura, & que ao lavourador traz o fim de sua operação; assi o dia do juizo he o final, em que se acaba toda a obra da Igreja militante, & em que o Senhor della colhe por derradeiro o fruto dos escolhidos, acabando de encher o numero dos predestinados; & deixando como superfluo, & escusado no Reyno toda a immundicia de peccadores, & reprobos. Os quaes agora andam misturados com os bons, & fazem com elles hũa sementeira, a qual no dia derradeiro se segará; & por isso como agora se chama tempo de sementeira, & de lauoura, assi então se chamará de seifa, & de recolhimento.

Joan. 5. n. 17.

33 E diz que assi como o joyo se colhe, & se lança no fogo, assi será no fim do mundo que mandará o Filho do homem a seus Anjos, porque se veja a grande benignidade, & brandura de condição desse Filho do homem: que ainda que o Padre lhe deu todo o juizo, assi discussiuo, como punitiuo para executar a sentença, que como supremo d'esse; com tudo não tem condição para tratar das penas per si mesmo, como trattou sempre do proueito.

Donde diz S. Ioaõ Chrysostomo: Vede o ineffeuel amor de Deos para com os homens: porque he para os beneficios prompto; & para as penas vagaroso. Quando semea, per si mesmo semea; mas quando castiga, he per outros, porque manda a seus Anjos. O que confirma tambem a supposiçãõ, que de muitos refere S. Agostinho, que daquelles tres que falaram a Abraham. & foram a Sodoma, os dous sós eram Anjos, & o outro era, ou fazia a figura do Verbo diuino, ou era o mesmo bem, & o mesmo Deos, como diz Philo fazendo os dous, que chegaram a Sodoma, a figura de ministros. Na qual supposiçãõ diz a Glossa Grega, que se ha muito de notar que onde se explicam os beneficios, alli está Deos, mas aonde se executam os castigos se mandam Anjos. Para que saibamos que o fazer bem he a Deos agradauel, porém o castigar lhe he pezado; & em certo modo alheyo de sua grandeza. E dizer que os mandará atar em feixes pequenos, que he em muitos molhos, foi mostrar a diuersidade das penas, que no infernal fogo tinham de padecer à medida da diuersidade das culpas. Porque ainda que quanto à pena do damno bastàra ser hum sò feixe, pois he hũa, & igual em todo, todavia quanto à do sentido, alli estaraõ em companhia miseria os soberbos com os soberbos, os auarentos com os auarentos, os luxuriosos com os luxuriosos, os golosos com os golosos, & assi os mais.

34 Oh quãtos que no mundo eram altissimos Cedros por presunção, & por dignidade, & ainda por mal perseverado merecimento, estaraõ alli como pequenos feixes mettidos pollos infernaes ministros na fornalha eterna quando a voz do Iuiz quebrantar, & moer esses cedros do Libano, & reuelar os segredos dos coraçãoes, & puzer em publico seus mais secretos pensamentos, & conselhos. Oh quam terribel, & espantoso mandado será aquelle

Chrysost. hõ. 2. n. 11. cat.

Gen. 18. n. 2. 19. n. 1. Aug. 16. Ciuit. 29.

Philib. de abrah.

Gloss. Graca.

Land ubi f. Aug de qq. Euang. c. 12. in Mat. Cat.

Pf. 48. n. 2.

aquelle que passará o iudicio Iuiz a seus ministros, para que ponham por terra a altiveza, & brio dos mundanos edificios, que agora a soberbam as humildes casas dos justos, & simplices da Igreja. Que se ao proprio Iuiz, fez chorar de compaixão ver que a fábrica dos materiaes edificios da cidade de Ierusalem havia de ser pollos Romanos destruida, & não deixada delles pedra sobre pedra; quanto mais digno de lagrimas, & de espanto será ver tanta fábrica de almas postas naquella dia, não só por terra; mas ainda lançadas até o centro da terra? Por certo q̄ ella he cousa triste, mas verdadeira, horriuel, mas indubitavel; que por quaes que agora creçam muitos, & campeem florentes na sementeira da Igreja: toda via haõ de ser atados em desprazados, & reprovados feixes, & lançados no fogo infernal para sempre. E o trigo manda o Senhor ajuntar em seu celeiro, que he na gloria do Paraíso; a quem chama celeiro, porque alli não entrará algũa cousa, que não seja mui limpa, mas sómente o grão puro, & escolhido, aonde se faz o pão saboroso, de que o gosto do Rey da gloria se está sempre em sua mesa sustentando. Dõde dizia Santo Ignacio, que pouco se lhe daua que as feras o despedaçassem, porque se era pão de Deos, iria dos dentes dessas feras ja para sua mesa moido.

Peroração exhortatoria.

35 **P**Ois olha tu, oh alma, qualquer que nesses diuinis



REFEI-

celeitos esperas guardarte inteira, & gloriosa: com que curiosidade foste da mão do grande Pae de familias trabalhada, & obrada na sementeira da Igreja. E que no Reyno della em quanto militante has de estar sempre entre maos, que te persigam, como trigo entre o joyo diabolico, que a malicia semeou entre a boa semente diuina. E que para danarte não dorme o inimigo, nem conuem que tu para guardarte delle adormeças: porque se não perca em ti o fruto, & o feitio da sementeira, que com tantos custos, & paciencia fabricou o Pae de familias Iesus Christo a poder do suor de seu sangue, & do ferro de seus martyrios. E ainda que grandemente te deue atemorizar, & mouer o rigor da justiça, & a presteza dos ministros na hora derradeira, em que apartado o mau do bom se enfeixem para o inferno os que não quizeram nesta vida aproveitar-se da brandura da misericordia; toda via aluocete, & aballetre mais a perpetuidade do celeiro diuino, que entre seus fermosos, & alegres repartimentos de bemaumenturança recolhe o grão puro, & escolhido da diuina mesa, à qual os que assistem são perpetuamente bemaumenturados, como seruos do diuino Salamaõ, a quem a sabia Nicolea tanto em espirito admiraua.

Reg. 10 n. 8

Aspira pois, & goza tanta gloria. Amen.



REFEIÇÃO SPIRITUAL.

CAPITULO DECIMO QVARTO.

Das duas vltimas parabolâs do grão de mostarda, & fermento.

*Matth. 13.
Marc. 4.*



Vtras duas parabolâs dixe Christo Senhor nosso à gente do pouo, com que ferrou o numero das quatro, em que declarou diuerfos estados da Egreja. E auendo na segunda, que he a das zizanias, ditto do estado, que a Egreja teue logo depois da morte dos Apostolos, & Discipulos; diz nestas duas o que se lhe seguiu pollo discurso do tempo levantãdo nella grandes, & doutos homẽs, que oppondo se às heregias fizessẽ crescer a Fé, & dilatalla, até ser conhecida em todas as partes do mundo.

L I Ç A M I.

Dos principios do grão da mostarda.

Tex.

E Por isso na primeira destas duas parabolâs (que he em ordem a terceira) compara o Reyno dos Ceos ao grão da mostarda; apon-tando na primeira parte della o co-mo esse grão da mostarda foi semea-do, dizendo em o texto capitulo tre-ze de S. Mattheos. *Semelhante he o Rey-no dos Ceos ao grão de mostarda, o qual tomando hum homem o semeou em seu campo. O qual por certo he mais pequeno que todas as sementes.* Foi esta parabola como consolação das passadas, nas quaes parece que não auia senão pas-mar do pouco luzimento da Fé da E-greja. Sobre o qual diz S. Ioaõ Chry-sostomo: Porque o Senhor auia ditto, que da semente perecem as tres par-tes, & se salua hũa, & logo nessa mesma que se salua, se faz muita perda por a-mor do joyo, que se sobrefemea, para q̃ não dicessem: Quem seraõ logo, & quantos os Fieis? Conseguintemente lhes tira este temor polla parabola do grão da mostarda.

*Chrysof. ho.
47. in Matt.
Cat.*

2 Pollo Reyno do Ceo, que he o comparado desta parabola, se entende sem duuida com mais propriedade a noticia, ou doutrina do Euangelho. Porque segundo S. Ieronymo, & o Venerauel Beda, comparada esta dou-trina do Euãgelho com as outras sciẽ-cias, & disciplinas, que no mundo se aprendem, & sabem, & com os dog-mas, & seitas dos Philosophos: atha-rem os que em comparaçã do esplendor, & galhardia dellas vem a ser o Euangelho hũa cousa mui pouca, & mui coitada. E chama se Reyno a pré-gaçã do Euangelho, conforme ao q̃ no mesmo S. Mattheos estã escrito.

*Ieron. & Bed
hic.*

*Matth. xi.
n. 43.*

Tirar se ha de vos o Reyno de Deos (is-to he, a prégaçã Euangelica) por quã-to nella se deue proceder com ordẽ, & com gouerno exterior, conforme às leys dos sagrados Canones, & poderes Ecclesiasticos, & não voluntaria, & desordenadamente. Porque de cada hum prégar como, & quando quizer sem respeito às leys do Ecclesiastico Reyno, nace mil desordens de dou-trinas, que parecendo no principio subtilezas, & opinioens, vem por fim a fair finos erros, & deprauidas he-regias. Por isso aquelle artificioso ta-bernaculo foi mandado fazer conforme ao modelo, que no monte da dis-criçã foi a Moyes mostrado. E para aquella sumptuosa fabrica do Templo foi a Salamão inspirada entre outras sciencias a famosa arte de Arquitec-tura, porque auendo de ser répresen-taçã da fabrica da Egreja não fosse voluntaria, mas segundo as regras, & leys della. Donde diz o venerauel Be-da: Debalde toma para si o officio de mestre aquelle que ignora a discriçã da

*Exod. 25.
n. 40.*

3. Reg. 6.

Bed. de Tẽpl.

da Fé Catholica: nem edifica ao Senhor santuario, mas para li ruina. E S. Gregorio chamando orgãos da verdade aos que ensinam, & prégam, mostra quantos regiltros, & diuersidades de toões, & elperteza de regras da arte guardar deuam.

Greg. mor.

3 E ainda se chama Reyno, pollo commercio, & comunicação, que deue auer dos conceitos, & doutrinas, assentado valor, & preço das moedas, das conclusões certas, & conferencia concorde na variedade das mercadorias das opinioes & cousas prouauéis. Porque assi como hum Reyno não pôde adquirir, & conseruar a opulencia sem a mutuidade do commercio, assento das moedas, & variedade de mercadorias; assi nem a pregação do Evangelho sem mutua comunicação nas doutrinas, assento no acerto, & conferencia no prouauel. Por quanto por falta do primeiro não grangeando cõ as Philosophias; & Mathematicas estrangeiras ficara pobre; pollo qual S. Paulo em Athenas não duuidou allegar lugares dos Gentios Poetas. Por falta do segundo não assentando em o valor certo de sua disciplina, ficara inconstante. Conforme ao que Santyago diz: Não nos mouamos como mininos inconstantes de todo o vento de doutrina. E por falta do terceiro não variando, & aguçando os engenhos na variedade das opinioes, ficara rude, & sem policia. Porque como diz o Sabio: O ferro aguça ao ferro. E seguindo a S. Agostinho diz a Glossa sobre a opiniao do que a Saul appareceo na visao de Samuel: Na materia opinauel não faz mal o Sabio em contradizer ao Sabio. Antes conuem que nos estudos ecclesiasticos haja contrarias opinioes, assi para exercitar o engenho, como para lançar fóra a preguiça dos que estudam. E ao mesmo S. Agostinho dizia em húa carta S. Ieronymo: Tambem não duuido pediruos muito que porfiando entre nós vença a verdade, porque não buscaís vossa gloria,

Act. 39. n. 18

Iacob 3. n. 2

Prov. 27. 17
1. Reg. 28.
Gloss. ibid.

Ieron. epist.
ad Aug.

senão a de Christo. E quando vós vencerdes tambem eu vencerei quando entenda meu erro; & pello contrario vencendo eu ficais vós de cima. Verdade seja, que (como diz S. Isidoro) assi como a conferencia costuma instruir, assi a porfia destrue; porque esta deixando o sentido da verdade gera controuersias, & porfiando em palauras, até em Deos faz blasfemia. Donde yé a heregia, & scisma, pollas quaes a Fé se destrue, a verdade se corrompe, & a charidade se diuide.

Isid. 1. de sũmo bono.

4 E chamase Reyno dos Ceos para mostrar, que o negocio que alli se trata, he todo celestial, & espiritual; & assi não deue ser feita a pregação da Fé por terrenos interesses, nem gouernada por temporaes respeitos. Daqui veyo o Senhor a dizer a Pilato que seu Reyno não era deste mundo. Não porque negasse ser nelle Rey dos Reys, & Senhor dos Senhores: antes (como diz S. Agostinho) negando ser deste mundo seu Reyno; não negou ser deste mundo; mas porque era todo celestial, espiritual, & alheyo de temporaes respeitos. E assi como o Ceo em seus mouimentos só trata do proueito dos inferiores corpos sem respeito algum a sua commodidade, ou proueito, que nenhum dahi tira, pois por seu mouimento nenhúa perfeição em si acrecenta, nem por sua quietação a perdéra; assi tambem ha de ser a pregação do Evangelho toda por proueito das almas; porque os Ceos são os que denunciam a gloria de Deos, E assi como os Ceos nem tem cor propria, nem recebem peregrinas impressões, nem viuem das qualidades ainda primarias, quaes são as dos puros elementos: assi tambem a pregação Euangelica nem deue ter mais cor, que a que a Fé dà a sua doutrina, nem receber peregrinos, & extraordinarios respeitos da terra; nem fazer caso das riquezas, & honras ainda mui licitas, & honestas conforme as regras da mais honrada policia humana. Mas, como diz o Apo-

Ioan 18.
n. 36.
Aug. tract.
115.

Pf. 18. n. 1.

Apo-

Timot. 2.4.
n.2.

Ezech. 1.
n.16.

Apostolo a Timotheo, prégar importuna, & opportunamente. E por esta causa o trono do Filho do homem, que vio Ezechiel, todo era de rica safira finissima cor celeste, & expresso symbolo do celestial Reyno. Finalmente se chama Reyno dos Ceos, por que esta Igreja he hum arrebalde da triunfante, & goza de seu proprio nome, & seus naturaes do priuilegio da cidade, & pollas mesmas leys do Ceo se governa como colonia sua, & como seu. Pollo qual quádo a Deos pedimos que venha a nós o seu Reyno, acrecê-tamos, que seja feita sua vontade assi na terra, como no Ceo. Este he o Reyno de Deos. Ditoso o dia que junta, & iguala as vontades dos da terra às vontades do Ceo, diz Sam Pedro Chry-sologo.

Luc. 13. n. 18

Chrysol.
ser. 98.

5 A este Reyno pois dos Ceos andou o Senhor buscando com que comparallo. Porque conforme ao texto de S. Lucas dizia o Senhor. A que he semelhante o Reyno de Deos, & a que o estimarei semelhante? E como buscada com cuidado a compatação a veyo a achar sómente no grão de mostarda. Sobre o qual diz S. Pedro Chry-sologo: Està isto mostrando o desejo de quem busca; aquelle que só he Verbo, fonte de sciencia, rio de palauras; aquelle, que rega os coraçoes de todos, abre os sentidos, & dilata o engenho; trabalha agora em achar húa semelhança. Mas ouçamos o que achou. Semelhãte he (diz) o Reyno dos Ceos ao grão de mostarda. Correndo o Ceo, & a terra nenhúa cousa achou senão o grão de mostarda, no qual inclua toda a potencia de seu soberano Senhorio. Estreita, & conclue nas pouquidades do grão de mostarda aquelle Reyno em singularidade poderoso, em eternidade ditoso, em diuindade luzido, por todo o Ceo derramado, & por toda a terra estendido. Atéqui são palauras de S. Pedro Chry-sologo. Mas como não ouia de comparar à coula mais pequena, & entre todas as outras se-

mentes mais humilde, & menos apraziuel; aquella Igreja, que todo o cabedal de sua gloria faz dentro de si mesma desprezando ostentações vaãs de apparencia de poder, & de virtude? Segundo o qual diz S. Boaventura: Por isso se assemelha ao grão de mostarda, porque este he pequeno em corpo, & grande em virtude, & em feruor. Mas bem he na mesma pouquidade admirauel aquella doutrina, da qual qualquer pequena palaura obra grandes cousas: & em seu feruor espantosa húa Fé, que quanto mais pezada, & martyrizada, mais feruorosa, & mais virtuosa se mostra.

6 Nisto se ve claramente a differença do Reyno diuino ao mundano, & da Catholica Fé às doutrinas seculares, que estas derramadas de si mesmas em eloquencia de palauras, & aparato de ostentação, ficam de todo vazias dentro de si, por se dilatarem fóra de si. E occupadas no exterior luzimento de suas acções ficam todas alheyas da interior virtude. Porque o que se exhala, & euapora, mais tem de multiplicados fumos que de arraigada substancia. Pollo qual dizia S. Paulo: Ninguem vos engane com palauras vaãs. Mas a doutrina Evangelica guardando sua virtude dentro de si mesma tem calor sem fumo, & virtude sem ostentação. Por isso lembrava Christo aos ministros desta palaura diuina, que erão luz do mundo; porque soubessem que auiam de luzir como celestiaes astros, sem fumo, & sem artificio; mas só naturalmente, & só quanto as acções de si mesmas dessem. E isso mesmo se ve tambem noutra differença, & he que no mundo se tratta só de principios, & todo o mundo se vai em começos; não attentando, nem respeitando aos fins, nos quaes principalmente consiste toda a bõdade de qualquer negocio. Pollo que no principio trattam de lançar grandes, & galhardos ramos, & folhas: como aquella aruore de Nabuchodonosor, que de repente